

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**A greve da Bayer Belford Roxo: Ascensão e crise de uma indústria multinacional na
Baixada fluminense (1958- 1989).**

Maicon Sérgio Mota Carvalho

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A GREVE DA BAYER BELFORD ROXO: ASCENSÃO E CRISE DE UMA INDÚSTRIA
MULTINACIONAL NA BAIXADA FLUMINENSE (1958- 1989).**

MAICON SÉRGIO MOTA CARVALHO

Sob a orientação do Professor
Alexandre Fortes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa em Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

Seropédica
Agosto de 2015

331.8

C331g

Carvalho, Maicon Sérgio Mota, 1988-

T

A greve da Bayer Belford Roxo : ascensão e crise de uma indústria multinacional na Baixada Fluminense (1958-1989) / Maicon Sérgio Mota Carrvalho. - 2015.

121 f. : il.

Orientador: Alexandre Fortes, 1966-

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História.

Bibliografia: f. 104-109.

1. Movimento trabalhista - Belford Roxo (RJ) - Teses. 2. Relações trabalhistas - Belford Roxo - Teses. 3. Trabalhadores - Teses. 4. Conflito social - Teses. 5. Bayer do Brasil - Teses. I. Fortes, Alexandre. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO

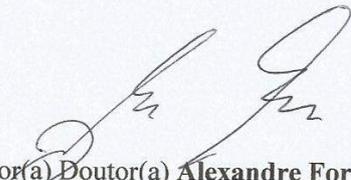
*A greve da Bayer Belford Roxo: Ascensão e crise de uma indústria multinacional na
Baixada Fluminense (1958-1989)*

MAICON SÉRGIO MOTA CARVALHO

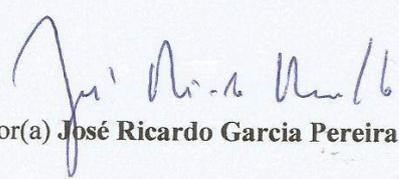
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

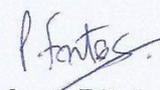
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/08/2015

Banca Examinadora:


Professor(a) Doutor(a) **Alexandre Fortes - UFRRJ**
Orientador(a) e Presidente da Banca


Professor(a) Doutor(a) **Jean Rodrigues Sales - UFRRJ**


Professor(a) Doutor(a) **José Ricardo Garcia Pereira Ramalho – UFRJ**


Professor(a) Doutor(a) **Paulo Roberto Ribeiro Fontes – CPDOC-FGV**

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas que me ajudaram na confecção deste trabalho. Mencioná-las aqui é uma forma de agradecimento e, também de reconhecimento da ajuda que recebi das mais diferentes fontes.

Devo agradecer, em primeiro lugar, a Deus por me conceder um ser perfeito livre de qualquer problema de saúde e, por estar comigo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Georgina e Sérgio, os quais sempre me deram apoio e me ensinaram a trilhar o melhor caminho da vida. A estrada dos estudos que é tortuosa, mas sem dúvida é o melhor jeito de alcançar o melhor na vida.

Sou grato, especialmente, ao professor e orientador Alexandre Fortes pelo qual possuo imensa admiração. O apoio ao tema deste trabalho foi de suma importância para o seu desenvolvimento. Suas análises, recomendações, encorajamento, erudição e faro acadêmico foram importantíssimos nesta caminhada. Aberto ao diálogo, conduz ao pensamento crítico, contribuindo assim para que o trabalho se torne cada vez mais rico e de elevado nível técnico

Aos professores José Ricardo Ramalho e Jean Rodrigues Sales que participaram da banca de qualificação. Suas sugestões fizeram com que este trabalho se tornasse mais forte em várias questões. Um novo direcionamento da pesquisa deve-se em grande parte as orientações recebidas pela banca.

Agradeço a Adriana Barreto por ter feito contato com os sindicalistas entrevistados, as entrevistas foram de grande valia para a realização do trabalho.

Aos ex- dirigentes sindicais Bayer: Hélio Wanderlei Coelho Filho, Aécio Barbosa de Oliveira e Djalma de Araújo Lima, os quais relataram suas trajetórias de vida, além de narrarem com muita riqueza de detalhes os momentos da greve e a luta dos químicos para se conformarem como uma classe atuante.

Por fim, agradeço a minha companheira, Andréia Milena, por suportar minha ausência, as horas em frente ao computador. Por respeitar e compreender que cada momento com um texto era relevante para a pesquisa e ainda pela contribuição significativa com suas palavras de encorajamento sempre acreditando no sucesso final do trabalho.

A todos, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

RESUMO	05
ABSTRACT	06
SIGLAS E ABREVIACÕES	07
TABELAS E GRÁFICOS	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1. A INSTALAÇÃO DA BAYER E O HISTÓRICO NA REGIÃO	14
1.1 Declínio da citricultura, urbanização e industrialização da região	16
1.2 Histórico da Bayer na localidade	26
1.3 Vila Operária da Bayer	30
1.4 Transformação produtiva da empresa	36
CAPÍTULO 2. OS QUÍMICOS COMO CATEGORIA PROFISSIONAL	42
2.1. Os dirigentes sindicais	51
CAPÍTULO 3. A GREVE DE 1989	60
3.1. A CLT e a Justiça do Trabalho	64
3.2. O caso da Bayer – A greve de 1989 .	69
3.3. A luta pela reintegração dos dirigentes demitidos	87
3.4. Balanço final da paralisação	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
FONTES CONSULTADAS	102
BIBLIOGRAFIA CITADA	104
ANEXOS	110

RESUMO

O foco desta pesquisa é investigar a Bayer, multinacional de origem alemã que se constituiu em uma das maiores indústrias do mundo no ramo químico, e se estabeleceu em Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu, em 1958. Analisamos a ascensão da empresa até se tornar de suma importância para região no papel de geradora de empregos. Também será analisada a categoria dos químicos, como eles se tornaram uma classe atuante e reivindicativa na década de 1980, culminando com a realização da greve de 1989. A paralisação foi histórica para empresa e sindicato, tornando-se um fato marcante na história da indústria química. A dissertação tem como objetivo ilustrar a trajetória dessa empresa, dando uma atenção especial para ocorrência do movimento grevista, que foi um momento de grande impacto nas relações entre trabalhadores e empresa, marcando o fim de um período de vigor e crescimento da Bayer Belford Roxo.

Palavras-chave: Trabalhadores, Bayer, Luta de Classes, Sindicato, Greve.

ABSTRACT

The focus of this research is to investigate Bayer, a German based multinational which constituted one of the largest industries in the world in the chemical industry, and settled in Belford Roxo, then Nova Iguaçu district in 1958. We have analyzed the rise of the company to be become of paramount importance to the region in the role of a generator of jobs. It will also be analyzed the category of chemicals, as they have become an active and vindictive class in the 1980s, culminating in the holding of the 1989 strike. The strike was historic for company and the union, making it an important event in the industry's history chemistry. The dissertation aims to illustrate the trajectory of this company, paying special attention to the occurrence of the strike movement, which was a time of great impact on relations between workers and company, marking the end of a period of vigor and growth Bayer Belford Roxo.

Keywords: Workers, Bayer, Class Struggle, Union, Strike

SIGLAS E ABREVIACÕES

ABC - Região composta por municípios industriais da grande São Paulo, dentre elas: Santo André (A), São Bernardo (B) e São Caetano do Sul (C)

ACT- Acordos Coletivos de Trabalho

BR – Belford Roxo

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas

CUT- Central Única dos Trabalhadores

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FNM – Fábrica Nacional De Motores

MDI - Difenilmetano di-isocianato

PT – Partido dos Trabalhadores

PC do B – Partido Comunista Brasileiro

PTD- Partido Democrático Trabalhista

PLP – Partido da Libertação Proletária

SP – São Paulo

RJ – Rio de Janeiro

RH – Recursos Humanos

TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 1. População na Baixada Fluminense

27

GRÁFICO 1. Gráfico sobre a evolução populacional dos municípios da Baixada Fluminense 1950 1970

28

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como foco analisar a experiência industrial da Bayer na Baixada Fluminense, especificamente na região de Belford Roxo. Para tanto, propusemo-nos a investigar o contexto no qual a empresa veio a se instalar, os motivos preponderantes para a escolha da localidade, e especialmente a relação entre empresa e trabalhadores. Analisando de forma especial a greve da Bayer, ocorrida em junho de 1989, procuramos entender os motivos preponderantes que propiciaram a ocorrência do movimento grevista. Serão investigadas as estratégias aplicadas por trabalhadores e patrões no decorrer do movimento de paralisação da empresa.

O recorte temporal de nossa pesquisa vai de 1958 a 1989. Percebe-se que, neste período, a fábrica atravessou conjunturas muito diferentes tais: as incertezas e o período de exceção da política brasileira com o golpe de 1964, a inflação e os planos econômicos nos anos 1980, os efeitos da globalização e a greve no ano de 1989. Apesar das dificuldades surgidas no decorrer dos anos, a empresa manteve-se no mesmo local, exercendo, desta maneira, uma influência decisiva sobre a comunidade de Belford Roxo, sendo importante no desenvolvimento econômico e social da área.¹

A Bayer está no Brasil desde 1896, ano em que foi fundada a primeira representante dos produtos da empresa no País. Pouco tempo depois, em 1911, a primeira firma de representação comercial própria da Bayer foi criada, passando a responder por toda a distribuição dos produtos no mercado brasileiro.

Em 1958, o presidente brasileiro Juscelino Kubitschek e o presidente da Bayer, Prof. Ulrich Haberland, inauguraram o Parque Industrial de Belford Roxo, a primeira instalação de produção da Bayer no Brasil. Atualmente, com produção anual de 150 mil toneladas de produtos para a agricultura e matérias-primas básicas para poliuretano, o site reúne a única fábrica de MDI - um dos componentes para formulação do poliuretano - da Bayer MaterialScience na América do Sul e a segunda maior unidade de formulação de inseticidas, fungicidas e herbicidas da Bayer CropScience em todo o mundo.

¹ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1. ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008. p.30.

A Bayer, em conjunto com as empresas parceiras instaladas no seu Parque Industrial, tornou-se a maior geradora de empregos de Belford Roxo, cidade de 500 mil habitantes. A indústria passou, ao longo desses cinquenta anos, por importantes transformações que se refletiram fortemente na sua relação com a força de trabalho local. Inicialmente, todas as funções de chefia foram preenchidas por alemães, moradores de uma vila construída pela empresa nos seus arredores. Além disso, Informações preliminares indicam que a empresa teve papel decisivo na definição dos contornos assumidos pelo processo de urbanização local e ela teria tido participação importante (pelo menos em termos de arrecadação) na emancipação do município em 1992.

A Bayer, ao longo dos anos, se constituiu na mais importante indústria da região de Belford Roxo. Ela se orgulha por manter uma política de benefícios sociais, de chamar os trabalhadores de colaboradores e dizer que todos fazem parte de uma grande família, desse modo, a empresa busca manter uma boa imagem junto aos seus trabalhadores. Entretanto, no período pós-greve foram distribuídos panfletos nas proximidades da fábrica e de Belford Roxo acusando a Bayer de ter praticado atos de terrorismo e a imagem de empresa “mãe” foi desmascarada. Em documento dedicado a responder a acusação feita por esses panfletos, a diretoria da indústria informou:

A Bayer é, na verdade, uma das empresas mais procuradas no Rio de Janeiro por aqueles que querem um emprego melhor, exatamente pelo fato de adotar boas políticas na área social e salarial e por manter um ambiente de trabalho saudável e participativo. Uma prova disso é que a grande maioria dos nossos colaboradores procura colocar seus filhos e parentes para trabalhar na Bayer, por saberem que ela é uma excelente empresa.²

Se a empresa prega ter uma boa política na área social e salarial, o que explicaria a greve, e por que alguns panfletos informaram que a imagem de empresa mãe na greve foi “desmascarada”? Analisa o conflito entre trabalhadores e as estratégias dos industriais e dos trabalhadores nesse embate, nos ajudará a entender melhor a complexidade das relações de trabalho na empresa.

A greve ocorrida em 1989, foi um fato histórico para a empresa, com duração de mais de duas semanas. A greve foi julgada ilegal e ocasionou a mudança na relação entre empresa e sindicato, resultando em diversas demissões de lideranças sindicais, que entraram na Justiça do Trabalho e após um longo período voltaram para seus postos de trabalhos.

² Ofício da diretoria Bayer do Brasil S/A. São Paulo, 27 Jul. 1989.

A paralisação esteve inserida no contexto geral de greves dos anos 1980, marcado pela influência do “novo sindicalismo” e pela expansão da CUT fundada em 1983. O estudo do movimento ajuda a responder diversas questões: como era a organização e articulação dos sindicatos dos químicos da Baixada fluminense com outros sindicatos da região? Quais foram às estratégias empregadas para se ter o direito dos trabalhadores reconhecidos? Como foi a cobertura da imprensa local sobre a greve? Respondendo a essas perguntas, o trabalho busca analisar o nível de articulação dos químicos como uma categoria atuante no bojo do movimento sindical.

A dissertação se insere no novo estilo de pesquisa praticado pela historiografia do trabalho no Brasil, que tem como horizonte teórico a investigação das diversas esferas da experiência dos trabalhadores, suas formas de organização, movimentos específicos e suas dinâmicas próprias, a composição da força de trabalho, fluxos migratórios, a vida operária dentro das fábricas e os processos de trabalho.³

Essa historiografia, desde os anos de 1980, sofre forte influência da historiografia marxista inglesa, especialmente de – Edward Thompson (*A formação da classe operária inglesa*) e Eric Hobsbawm (*Trabalhadores e Mundos do trabalho*). A história do movimento operário deixa de ser somente a história do movimento operário organizado. Altera-se a perspectiva cronológica (conjunturas mais delimitadas), e surgem temáticas mais diversificadas. A obra de Thompson e os artigos de Hobsbawm foram de vital influência na reorientação da história do trabalho brasileira, enfatizando alguns aspectos da vida dos trabalhadores que até então tinham pouca relevância nos trabalhos acadêmicos. A cultura operária, as relações de gênero e familiares, o cotidiano, as formas de lazer e sociabilidade dos trabalhadores entram na agenda de pesquisa dos profissionais que se dedicaram a fazer a história do trabalho no Brasil.

Nesse sentido, o estudo de caso que aqui será apresentado encontra-se de acordo com a nova vertente de estudos sobre a história do trabalho no Brasil, identificando os trabalhadores como atores legítimos da história.

³ Ver, entre outros: FORTES, A. Como era gostoso meu pão francês: a greve dos padeiros de Porto Alegre (1933-1934). Porto Alegre, *Anos 90*, n. 7, 1997. ; CRUZ, M. C. V. e. *Virando o jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998; CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Vale destacar a carência de estudos históricos de greves na Baixada Fluminense, e sobre os trabalhadores da região, esmiuçando seus códigos, estratégias políticas, laços de classe relacionados às formas de luta. As entrevistas com diversos personagens ligados à empresa e à luta dos trabalhadores foram uma fonte importante para confecção do trabalho, portanto “entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro”.⁴ Assim, o trabalho visa contribuir para o preenchimento de uma lacuna historiográfica. Após a pesquisa realizada constatamos que fica demonstrado que esta área pouco explorada não se mostra menos importante no cenário nacional.

A intenção aqui é analisar a trajetória da Bayer durante os anos, perceber sua ascensão, que tornou a empresa importantíssima para região de Belford Roxo e a analisar a crise que culminou com a greve de 1989. A partir das várias narrativas, buscamos responder a alguns questionamentos, como: a) Por que a greve ocorreu naquele momento? b) Quais eram as reivindicações dos trabalhadores? c) Como se organizaram os trabalhadores nos dias da greve? d) Qual foi a posição da empresa junto ao movimento grevista? Respondendo a tais questionamentos, trazemos à tona a luta dos trabalhadores em prol dos seus direitos enquanto força de trabalho e percebemos as contradições existentes na relação entre empresa e trabalhadores.

O primeiro capítulo trata do contexto da instalação e histórico da Bayer na região, ressaltando aspectos como: a relevância da instalação da Bayer no panorama de industrialização nacional e de urbanização local nos anos 1950, a utilização da vila residencial e o resultado dos processos de transformação tecnológica e gerencial para os trabalhadores.

O segundo capítulo tem como foco analisar os químicos como uma categoria profissional. Para isso analisaremos os operários que entraram na fábrica na década de 1980, traçando um perfil dos mesmos. Além disso, nos debruçaremos sobre a trajetória de três líderes sindicais que fizeram parte da diretoria do sindicato. A história de vida sindical dos mesmos ajudará na compreensão da complexidade das relações internas dos químicos. Neste capítulo perceber-se-á como os químicos se tornaram uma categoria crítica e reivindicativa e quais fatores contribuíram para esse fato.

⁴ Informação Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 nov.2011

No terceiro capítulo, o objetivo é entender a paralisação da Bayer. Porém antes disso faremos um breve histórico do direito de greve no Brasil. Também comentaremos a relação dos trabalhadores com a Justiça do Trabalho, como ela se torna um instrumento usado pela classe trabalhadora para se ter seus direitos atendidos. Em relação à greve da Bayer, ocorrida em junho de 1989, buscamos entender os motivos preponderantes que propiciaram a ocorrência do movimento grevista naquele momento.

As considerações finais retomam algumas das principais ideias desenvolvidas ao longo do trabalho e suas limitações, apontando caminhos para pesquisas futuras.

Capítulo I

Instalação da Bayer e seu histórico na região

Este primeiro capítulo tem como meta traçar o histórico da Bayer na região. Desse modo, a nossa narrativa é pautada em responder algumas indagações, dentre as quais podemos destacar: a) em qual contexto a empresa se insere e quais foram as causas preponderantes para sua instalação na localidade, b) Como seria a cidade de Nova Iguaçu e, principalmente, o distrito de Belford Roxo naquele momento da implantação da indústria química? c) Como teria sido a experiência da Vila Operária da Bayer? d) Quais foram as transformações da empresa ao longo dos anos e suas implicações na relação com os seus colaboradores? Para a realização do objetivo é importante ao longo do texto fazer um histórico da região, apontar a importância da instalação da Bayer no panorama de industrialização nacional e de urbanização local, nos anos 1950, além de demonstrar o resultado dos processos de transformação tecnológica e gerencial para os trabalhadores.

A Bayer, objeto de nosso estudo, uma multinacional de origem alemã que se constituiu em uma das maiores indústrias do mundo no ramo químico, está presente no Brasil desde os períodos iniciais da república brasileira. No ano de 1896, já se encontrava em nosso território a primeira representante dos produtos da empresa no país. Sua participação na região da Baixada Fluminense, ocorreu muito antes de sua instalação em 1958, em Belford Roxo, que à época era um simples distrito de Nova Iguaçu. Cabe aqui revelar sua atuação na localidade.

A Baixada Fluminense sempre teve um potencial econômico muito grande. Sua proximidade ao porto do Rio de Janeiro propiciou no século XIX e até a metade do XX o cultivo de frutas cítricas visando à exportação. A cidade de Nova Iguaçu notabilizou-se pela produção da laranja, que teve seu auge em 1930, quando a citricultura deu um novo impulso à região. Podemos visualizar isso na reportagem de um jornal da época:

Nesta cidade e no resto do Estado do Rio de Janeiro, as laranjas crescem de forma admirável e há poucas propriedades rurais ou mesmo jardins residenciais nos quais não se vê um considerável número de laranjeiras completamente cobertas de frutos, os quais, por falta de compradores, caem apodrecendo no solo em total abandono.⁵

⁵ Jornal *A lavoura*, Rio de Janeiro, p.2, 2 jun. 1900.

Como a reportagem relata, a produção era grande e como mercado interno não foi suficiente para absorvê-la a alternativa foi direcionamento das laranjas ao mercado externo. No governo de Nilo Peçanha, houve um impulso para a transformação do cultivo e venda da laranja, com suas medidas como: a redução das taxas aduaneiras e, no ano de 1909, a assinatura de um tratado de reciprocidade de isenção de taxas no comércio de frutas entre o Brasil e Argentina.⁶ Com essas medidas, o mercado internacional se abria à laranja nacional e com esse cenário a produção foi estimulada. Paralelo a isso, a ferrovia Pedro II, garantia o escoamento dos produtos agrícolas da localidade e as grandes obras de saneamento implantadas na Baixada Fluminense ajudaram a valorizar as terras cultiváveis da região.

A Bayer chegou à Baixada Fluminense nos primeiros anos do século XX, ainda quando a cidade de Nova Iguaçu possuía contornos rurais. Sua atuação ocorreu de forma indireta através D´A Chimica Bayer, que levou à região seus produtos para tratamentos dos pomares cítricos, controlando não só a leprose, mas também outras doenças como verrugose e a melanose.⁷ A empresa teve sua atuação pautada no auxílio aos produtores de laranja, usando os almanaques e os panfletos para divulgação de seus produtos. Os panfletos orientavam os produtores para o tratamento de seus pomares, com frases como “sem tratamento do pomar não há lucro em citricultura”.⁸

Apesar de inúmeras doenças, a produção de citros vigorou em Nova Iguaçu que se tornou um polo produtor de laranja no Brasil, devido às condições de clima e solo específico da Baixada Fluminense.⁹ No período entre 1930 e 1939, Nova Iguaçu produzia muitas laranjas, a exportação do produto para Europa estava em alta, a atividade ocupava inúmeras famílias, que trabalhavam nos diversos processos da produção. A economia local era baseada na produção e venda das laranjas, o que era perceptível pela quantidade de pomares e chácaras, que se dedicavam a essa cultura na região. Além disso, Nova Iguaçu (sua área central) tornou-se ao longo do tempo um posto de concentração, beneficiamento e preparação para a exportação (graças à presença da ferrovia) da produção citrícola praticada em suas terras, que ocorria em várias localidades como: Belford Roxo, Queimados, Japeri, São João de Meriti, Mesquita e Nilópolis.¹⁰ Segundo Maria Aparecida de Figueiredo o período áureo de

⁶ CARVALHO, Iracema Baroni. Laranjas brasileiras. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999. p.45.

⁷ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. op. cit. p.49.

⁸ GUIA BAYER: “Nas publicações em citricultura”, Rio de Janeiro. 1934.

⁹ CARVALHO, Iracema Baroni, op.cit. p.50.

¹⁰ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re)produção do espaço da Baixada fluminense. Revista geopaisagem (online), Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm>>. Acesso em: 12 set. 2011.

produtividade da laranja na Baixada proporcionou um novo olhar por parte do estado para a região. Dessa forma:

Em decorrência do período econômico favorável houveram investimentos públicos direcionados para a área, com a expansão do sistema de transporte na abertura de rodovias no final da década de 20 do século XX, como as: Rodovia Washington Luiz, a antiga Rio - São Paulo, a Avenida Automóvel Clube; expansão da rede elétrica; implantação do programa de saneamento da Baixada (elaborado pelo governo de Getúlio Vargas, em 1934) visando solucionar problemas que sempre assolam, possibilitando desenvolvimento dos transportes e ocupação de terras; além da eletrificação da ferrovia ramal Central do Brasil – Japeri em 1938 até Nova Iguaçu, atingindo Japeri em 1943.¹¹

Nessa esteira de um novo olhar para a região podemos citar um grande empreendimento industrial implantado na região fluminense: a fábrica Nacional de Motores. Para colocar o projeto da fábrica de motores em prática foi feito um grande investimento em saneamento na área. Segundo José Ricardo Ramalho, estudioso da história da fábrica a razão da escolha da Baixada Fluminense como local do empreendimento deve-se as noções de progresso da época. Nesse sentido, vencer os desafios que a natureza colocava ao homem naquela região de muitos pântanos e de uma insalubridade enorme era de vital importância demonstrando a capacidade do país, “civilizar” o que não era “civilizado”. Também estava nos planos do presidente Vargas dar um status industrial a região. Segundo Ramalho “O projeto da FNM se enquadrava no discurso ideológico da época, que se propunha a ‘reconquistar’ o Brasil e levar os ‘progressos’ da ciência para o interior”.¹²

1.1 Declínio da citricultura, urbanização e industrialização da região

Entretanto, apesar dos impactos econômicos positivos da citricultura, alguns produtores foram negligentes no tratamento de seus pomares e com isso eles sofreram com doenças e pragas. Desanimados com o insucesso de seus pomares, alguns venderam suas propriedades para loteadores que subdividiram as propriedades em áreas menores, enquanto outros continuaram com o cultivo de citros.¹³ Com o crescimento do número de chácaras e sítios, houve a necessidade de contratar mão-de-obra, havendo um maior fluxo de pessoas. Assim Nova Iguaçu tornava-se também um local de moradia, e o reflexo disso pode ser visto no rápido crescimento de sua população.

¹¹ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida, op.cit. p.21.

¹² RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.31.

¹³ SANTOS, Ruth Lyra. Notas sobre a ocupação humana da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. p.23.

A partir do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, a região de Nova Iguaçu começa a sentir inúmeras dificuldades para manter o sucesso do empreendimento do cultivo de citros. Segundo Allen Dupré, dentre vários fatores, destacam-se:

super produção gerada por questões cambiais e de infra estrutura, oscilações dos preços das laranjas no mercado externo, incapacidade dos produtores em erradicar pragas e doenças que se abateram sobre os laranjais por ocasião da superprodução, aumento dos combustíveis e dos fretes rodoviários e ferroviários e, por fim, o fechamento do mercado europeu devido à guerra e, de outro lado, ao bloqueio naval alemão aos navios frigoríficos que vinham da Europa.¹⁴

Com o mercado externo fechado e inúmeras dificuldades que se apresentavam, naquele momento, o negócio começou a declinar. Para piorar a situação, inicia-se a concorrência com a região de Limeira que despontava como grande produtora e abastecedora do mercado paulista. Diante desse cenário complicado, as frutas da região de Nova Iguaçu não conseguiam espaço para serem vendidas. Em consequência, passaram a apodrecer nos pés, disseminando pragas e novas doenças nos frutos. Alguns produtores tentaram reaver o prejuízo diversificando a produção, cultivando bananas e hortaliças. Outros, partiram para uma nova empreitada e destinaram suas chácaras ao mercado imobiliário.¹⁵

O declínio da citricultura gerou reflexos negativos na área. A partir desse declínio, a região da Baixada passa por uma transformação de seu espaço. Com o envolvimento da Europa no conflito mundial, as exportações brasileiras foram prejudicadas, causando um duro golpe que explica em parte a decadência e o fim do ciclo da laranja.

Segundo Aparecida de Figueiredo o cenário de dificuldades teria impedido a permanência do ciclo da laranja na região. Ela descreve os “últimos suspiros” dessa fase:

Diante de tal conjuntura os citricultores vivenciaram extremas dificuldades vinculadas à falta de mercado consumidor; transporte ineficiente e de alto custo; endividamento; estado precário dos pomares e abandono da limpeza e tratamento dos laranjais associado ao seu baixo rendimento, que com o lucro obtido não cobria as despesas nem o aumento crescente da mão-de-obra utilizada, que via nas indústrias instaladas no Rio de Janeiro um grande atrativo; e para encerrar em definitivo o cultivo da laranja, aqueles citricultores que lutaram e resistiram à crise mantendo seus pomares em boas condições, foram proibidos de exportar o produto numa atitude do governo de atender ao mercado interno.¹⁶

A partir dessa conjuntura, finaliza-se o ciclo da laranja e inicia-se o processo de transformação do espaço antes rural da Baixada Fluminense em espaço “urbano”. Terras e

¹⁴ DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos.op. cit.p49.

¹⁵ Ibid, p.50.

¹⁶ FIGUEIREDO, Maria de Aparecida, Op.cit. p.53.

chácaras que abrigavam as plantações são partidas e transformadas em lotes residenciais. Segundo Allen Dupré, “por volta de 1960, a laranja havia praticamente desaparecido de toda a planície de Nova Iguaçu, que já se encontrava quase totalmente loteada”.¹⁷ O caráter rural do município foi sendo perdido aos poucos, e ao passar do tempo, a região ganhou contornos de área urbana. Dessa maneira, estavam instaladas as condições para a sua industrialização, que teve grande impulso a partir da proximidade da rodovia Presidente Dutra (BR 116), liberada para o tráfego a partir de 1951.

Nas linhas a seguir tratar-se-á do processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense, um exercício importante para demonstrar que a Bayer teve sua implantação na região por conta de uma conjuntura que vivia a cidade do Rio de Janeiro e a região da Baixada Fluminense.

Segundo Adrianno Oliveira Rodrigues, nos anos 40, o final da citricultura em Nova Iguaçu foi contemporâneo ao processo de industrialização e urbanização do Brasil, que no contexto fluminense era concentrado na cidade do Rio de Janeiro, naquela época ainda capital do país. Esse processo passou por uma reestruturação do Parque industrial do Rio de Janeiro, que gerou reflexos no direcionamento de novos investimentos fabris para a periferia. No seu trabalho, Rodrigues procura analisar este fenômeno. Segundo ele, “ao longo dos anos 40 e 50, esse processo foi se intensificando e as novas indústrias passaram a extrapolar os limites da capital em direção à Baixada Fluminense, seguindo o curso, sobretudo, da Avenida Brasil e da Rodovia Presidente Dutra”.¹⁸

O crescimento industrial da região atraiu um contingente populacional muito grande, não só do estado como também de várias regiões do país. Ao longo dos anos 40 e 50, a região sudeste passou a receber grandes ondas migratórias, associadas à aceleração da industrialização e da urbanização. Essa modificação do espaço urbano, por conta da industrialização, vinha acompanhada de novos postos de trabalhos e de alguma melhora no nível de vida, o que fez com que pessoas do nordeste brasileiro, que sofriam com as secas, migrassem para a região sudeste do Brasil.

Os migrantes recém-chegados que seguiam para a cidade do Rio de Janeiro encontravam dificuldades, pois a modernização do centro e áreas próximas expulsava pessoas

¹⁷ DUPRÉ, Allen, Op.cit.,p.49.

¹⁸ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adrianno Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense.p.3856. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%20A3o2039/72A.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2011.

pobres que quisessem fixar moradia nessa parte da cidade. Diante disso, percebemos um volume populacional muito grande necessitando de uma moradia, e tendo como destino a Baixada Fluminense. A escolha da região está ligada à proximidade da cidade do Rio de Janeiro, assim como, a presença de ferrovias recém eletrificadas que ligavam a região ao centro da cidade por uma tarifa única.¹⁹ Além disso, não se pode esquecer de que os lotes de terras na Baixada Fluminense são muito mais acessíveis se comparados aos do Rio de Janeiro.

Nesse processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu exerceu um papel de centralidade em relação aos demais municípios. A maneira em que a cidade estruturou sua rede própria de comércio e serviços. Conforme o trabalho de Adrianno chama a atenção:

“enquanto os demais municípios da região restringiam - se a cidades dormitórios, Nova Iguaçu (e também Duque de Caxias), era além de cidade-satélite, pois parte de sua população mantinha uma relação pendular com a cidade do Rio de Janeiro, uma cidade industrial, que desempenhava múltiplas funções no seio da Baixada, com relativa autonomia em relação à capital fluminense”.²⁰

Portanto, a cidade de Nova Iguaçu assumiu um papel de destaque no processo de urbanização e industrialização da Baixada Fluminense. Dentre tantos fatores podemos citar: proximidade à cidade do Rio de Janeiro, facilidade na compra dos lotes de terra para futuras construções, a cidade possuir serviços para uma população urbana e a introdução da Rodovia Presidente Dutra, em 1951. Esse último fator levou a modificação do espaço, com um aumento no número de construções que estariam ligadas ao surto imobiliário da região e ao processo de autoconstrução, no qual, trabalhadores pobres organizavam-se geralmente nos finais de semana e iniciavam o processo de construção de suas moradias. Dessa maneira, Nova Iguaçu apresentou um crescimento urbano considerável. Entretanto, esses sucessivos loteamentos e verticalização de sua área central não vieram acompanhados de um projeto, que trouxesse uma infraestrutura necessária para o crescimento urbano adequado da localidade.

Com o declínio da citricultura, alguns municípios como: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, os três últimos recém-emancipados, buscavam se reerguer e se utilizaram de sua localização estratégica perante a cidade do Rio de Janeiro para conseguir o desenvolvimento de suas áreas. Para isso, adotaram políticas de isenções fiscais a fim de atrair investimentos industriais para seus territórios.²¹ Com tal iniciativa, ao longo dos

¹⁹ MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adrianno Oliveira, op.cit., p23.

²⁰Ibid.

²¹ Ibid.

anos 40 e 50, percebe-se a presença de muitas indústrias de médio e longo porte nos subúrbios do Rio de Janeiro. Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis se emanciparam de Nova Iguaçu na década de 40, pois, a prefeitura iguaçuana acabava se fazendo pouco presente nos três distritos mencionados. Isso acabou gerando desejos emancipacionistas dos distritos como volta a ocorrer na segunda onda de desmembramento do município de Nova Iguaçu, na década 1990. Conforme aponta Rodrigues;

a reafirmação da política de investimentos seletivos da prefeitura, no decorrer do século XX, dentre outros fatores, favoreceu novamente a formação de uma 'consciência emancipacionista' em outros quatro distritos iguaçuanos: Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita, resultando de fato, na emancipação dos mesmos.²²

Segundo Carlos Lessa:

A inauguração da Avenida Brasil em 1940, somada à instituição da tarifa ferroviária única e aos subsídios concedidos a essa mesma tarifa, aceleraram consideravelmente o crescimento dos municípios da Baixada. Ainda a referida avenida figurou-se como um fator de realocação industrial que direcionou para a Baixada as indústrias fluminenses, de forma que nos anos 50, as proporções industriais de Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias e São João de Meriti superavam o Rio.²³

O período entre 1940 e 1960 caracterizou-se por um acentuado crescimento urbano e também de uma evolução do quadro da industrialização no Brasil e do estado do Rio de Janeiro. Por consequência disso, pode-se verificar no censo demográfico do IBGE o crescimento populacional nos municípios da baixada, como se vê na tabela 1.

Tabela 1

População na Baixada Fluminense

Município	1950	1960	1970
Duque de Caxias	92.459	241.026	431.397
Nilópolis	46.406	95.111	128.011

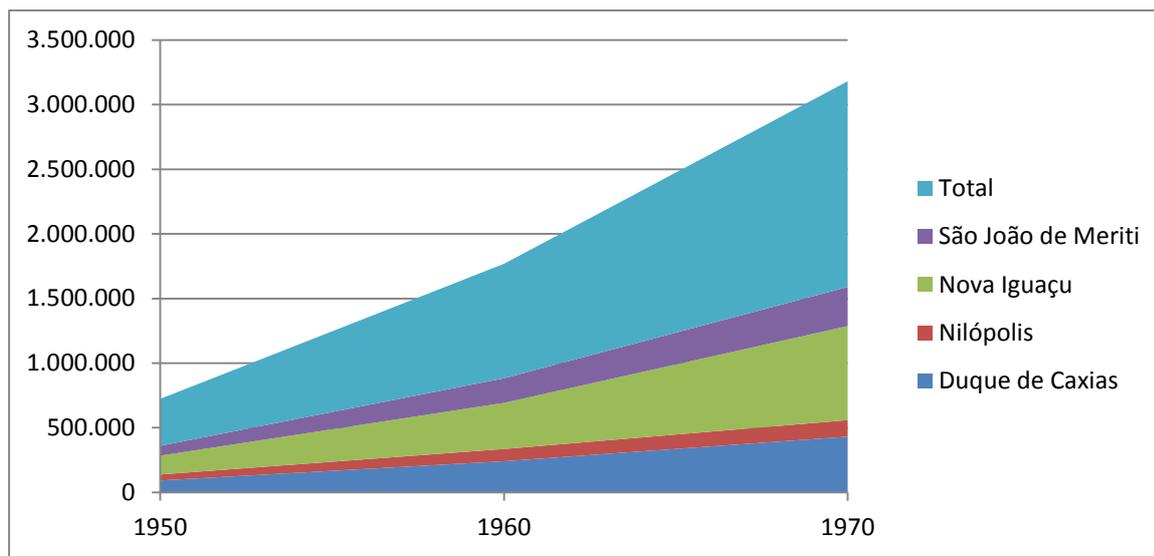
²² Ibid.

²³ LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.p.101.

Nova Iguaçu	145.649	356.645	727.140
São João de Meriti	76.462	190.516	302.394

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1950, 1960 e 1970

Gráfico sobre a evolução populacional dos municípios da Baixada Fluminense 1950 1970



Como se vê, apesar da industrialização da segunda metade do século XX ter atraído um número alto de migrantes para a capital, os preços altos dos terrenos faziam com que a cidade do Rio de Janeiro não conseguisse absorver todo esse número de imigrantes, que destarte, eram impelidos a se encaminhar a áreas periféricas, nas quais a oferta de terra era melhor. Essa região era a Baixada Fluminense que estava se encaixando nesse modelo de transformação urbano - industrial.

Como indicam os números da tabela, a partir dos anos 1950, o processo de industrialização gerou repercussões urbanas e regionais. Ondas migratórias que tinha como destino regiões metropolitanas, como as do Rio de Janeiro e São Paulo, modificavam a dinâmica dessas regiões. No caso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, estudos têm demonstrado que boa parte do contingente populacional pertencente às ondas migratórias veio se instalar na Baixada Fluminense. Segundo Sebastião Raulino Fernandes “essa população migrante teria formado a base do operariado das indústrias que se instalavam na região e de

todas as atividades econômicas que surgiram ao seu redor, inclusive da REDUC e da Bayer”.²⁴

Com efeito, a Baixada vivenciava nessa época uma das maiores expansões demográficas da região metropolitana e do Brasil. Desse modo, possuía um número significativo de pessoas aptas a trabalhar no universo industrial. Em Nova Iguaçu, havia importantes estabelecimentos industriais que serviam como polo de indução da vinda de trabalhadores, dentre os quais podemos citar: a Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A., Cia. Dirce Industrial, Cia. Mercantil e Industrial Ingá, Cia. de Canetas Compactor, Forjas Brasileiras S.A., Indústrias Granfino S.A., S. A. Marvin (parafusos e pregos), Rupturis S.A. (explosivos), USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A., Fábrica de Tecidos Cachambi, e Fábrica de Cigarros Souza Cruz.²⁵

Acerca do crescimento urbano e industrial em Nova Iguaçu, Rodrigues comenta o seguinte:

A urbanização e a industrialização de Nova Iguaçu resultou do processo de mesma natureza ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, a partir dos anos 30 e 40. Isso porque a expansão industrial e a efetiva ocupação urbana de Nova Iguaçu decorreram do extrapolamento e re-direcionamento do crescimento econômico e populacional do Rio de Janeiro, àquela época capital brasileira, para além de suas fronteiras, seguindo as margens da Rodovia Presidente Dutra e da Avenida Brasil, isto é, em direção à Baixada Fluminense. Some-se a isso ainda, a política de isenções fiscais adotada pela prefeitura de Nova Iguaçu. O resultado foi, até os anos 50, a instalação de inúmeras indústrias alimentícias materiais de construção naquele município, cuja produção atendia sobre tudo o mercado local. Houve também um expressivo crescimento populacional desencadeado pela entrada de migrantes em Nova Iguaçu e demais municípios da Baixada. Eles buscavam melhores condições de vida na cidade do Rio de Janeiro e fixavam residência na Baixada por esta ser a periferia mais próxima, onde os lotes tinham preços acessíveis e o acesso era facilitado pelas ferrovias recém- eletrificadas. Os reflexos deste surto populacional podem ser verificados no elevado número de loteamentos aprovados na Baixada como um todo àquela época.²⁶

Como bem descreveu o autor, Nova Iguaçu deixara de ser um espaço rural para ser um ambiente urbano, no qual a demografia da população crescia devido à vinda de imigrantes e pela relativa facilidade na compra dos lotes que se multiplicavam, assim como, pela instalação de inúmeras indústrias na localidade por conta dos incentivos fiscais concedidos pela prefeitura e também pela melhoria no sistema de transporte de mercadorias via Rodovia

²⁴ Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.p.58

²⁵ Ibid, p.23.

²⁶ Ibid.

Presidente Dutra. Esse era o contexto no qual a Baixada vivia no momento de implantação da Bayer, na localidade.

Pode-se dizer que a empresa vai se instalar numa região que passava por um processo de industrialização, crescimento urbano e aumento das desigualdades. Pois, o crescimento urbano e industrial não significou melhorias significativas no nível de vida de grande parte da população que habitava essa região. De modo que “o crescimento populacional foi acompanhado pela ausência de infraestrutura sanitária e pelo uso predatório do terreno, deixando como legado a degradação ambiental e formação de estruturas clientelistas típicas da organização sócio-espacial das cidades brasileiras”.²⁷

O que se demonstrou até aqui foi o contexto local, na qual a Bayer se insere. Nas linhas seguintes tratar-se-á da empresa pesquisada no contexto da industrialização brasileira. A instalação da Bayer ocorreu no dia 10 de junho de 1958, quando o complexo industrial foi inaugurado festivamente, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, do governador do Rio de Janeiro, Miguel Couto Jr entre outras autoridades, e do Prof. Dr. Ulrich Haberland.

A inauguração do novo conjunto de fábricas da Bayer em Belford Roxo é vista como um importante acontecimento para a indústria brasileira. Conforme Raulino Fernandes a implantação da Bayer e da REDUC “se deu num período de grande expansão da atividade industrial no país e de um elevado crescimento econômico, quando se implementava o plano de metas do Presidente Juscelino Kubitschek (1956 -1961)”.²⁸ Torna-se interessante revelar os rumos que a política econômica Juscelinista tomou naquele momento para alavancar o crescimento industrial e situar a Bayer neste contexto, como também, ilustrar o redirecionamento da ação estatal nesse período.

No governo de Getúlio Vargas, inicia-se a fase da industrialização por substituição de importações, no Brasil. No final dos anos 40, alguns setores industriais de bens perecíveis e semiduráveis já se encontravam evoluídos, tais como: bebidas, fumo, têxteis, vestuário, couro e peles, gráfica e editoração, madeira e móveis.²⁹ Em termos sintéticos, o modelo de substituições de importações adotado no pós -30 resultava na tentativa de diminuir as

²⁷ OLIVEIRA, Alberto de; RODRIGUES, Adrianno O. Industrialização na periferia da região metropolitana do rio de janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Econômico, volumen 12, No. 24 (Edición especial), pp. 127-143 -ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colômbia. p.131.

²⁸ Raulino, Sebastião Fernandes, Op.cit.,p.59.

²⁹ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.53

importações e produzir bens similares nacionais aproveitando que as grandes economias estavam em crise..

Ainda no governo de Vargas foi estabelecida a política do nacional – estatismo, modelo utilizado por países emergentes que através de brechas do capitalismo tentam um desenvolvimento mais autônomo. No nacional - estatismo o Estado é o autor, distribuidor e o investidor econômico, com intuito de desenvolver o país e diminuir a vulnerabilidade econômica.

No Brasil, nesse período, boa parte das indústrias que se desenvolveram sofria uma restrição, porque o capital que financiava o seu desenvolvimento vinha da atividade agroexportadora. Segundo Sônia Regina Mendonça, o desenvolvimento industrial ficava à sombra da economia agroexportadora, num processo conhecido como “industrialização restringida” cujo avanço está ligado ao capital que vinha da produção do café.³⁰

A política industrial de 1930/1945 é caracterizada pelo fato do estado brasileiro financiar e investir diretamente nas indústrias de insumos básicos. A indústria passa a liderar o crescimento econômico e avança substituindo importações. A industrialização é baseada na empresa nacional (estado- empresário), um desenvolvimento calcado no capitalismo nacional. Entretanto, fazer o desenvolvimento baseado no capitalismo nacional, não significa dizer que o capital estrangeiro vai ser ignorado, como mostra um grande símbolo da era Vargas, a CSN. Conforme nos diz Francisco de Oliveira o estado cria as bases para acumulação capitalista no Brasil, calcada na indústria.³¹

Na década de 1950, o diagnóstico era que o subdesenvolvimento brasileiro resultava de um ritmo mais lento de crescimento econômico. A solução encontrada pelo governo de Juscelino Kubtich era a adoção um modelo de desenvolvimento voltado para a realização de um crescimento econômico acelerado, com o objetivo de diminuir a distância do nível de industrialização e renda em relação aos países desenvolvidos.³²

O papel do estado nesse processo é modificado, e ele passa a ser o “indutor” sinalizando os rumos da economia e direcionando os investimentos. Juscelino substituiu o nacionalismo getulista pelo nacional – desenvolvimentismo, política econômica que tratava

³⁰ MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no período 1930-1955*. In. MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.p.56.

³¹ OLIVEIRA, Francisco. *A economia da dependência imperfeita*, Rio de Janeiro, Graal, 1977, p.78.

³² IANNI, Octavio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.p.142.

de combinar o estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento com ênfase na industrialização.³³

Essa reorientação do papel do estado na economia visava alguns objetivos: no plano econômico, promover o crescimento da economia (indústria de bens duráveis); no plano social, criação de empregos e elevação do nível da população; no plano político – estabilidade política e garantia das liberdades democráticas. O principal motivo desses empreendimentos era se aproximar aos países desenvolvidos no que tange à industrialização, nível de empregos e condições de vida da população.

É no governo de Juscelino que podemos verificar o auge da industrialização brasileira, expressa no Plano de Metas – “50 anos em 5”. O objetivo desse plano era estabelecer as bases de uma economia industrial madura, e para isso alguns setores ganharam investimentos: energia, transportes, indústrias de base, bens intermediários e bens de consumo duráveis. Os principais pontos do plano de metas foram: 1- investimentos estatais em infraestrutura, 2- estímulo ao aumento da produção de bens internos, 3- incentivo à produção dos setores de consumo duráveis e de capital. A indústria automobilística nesse período tem um grande avanço e com ela cresce também o mercado de autopeças.

Na gestão Juscelinista, uma das principais questões que se colocavam para o debate era a natureza do financiamento do desenvolvimento da atividade industrial. O estado, nesse período, aparece como um gestor da economia e vai direcionar os investimentos. Desse modo, estabeleceu-se um tripé, em que a organização econômica ficou assim: capital estrangeiro, bens de consumo; capital privado nacional bens de produção; e capital estatal, setor um. O estado vai exercer o papel de articulador para que não haja conflito, articulando qual seria a área de atuação de cada um.

O governo oferece ao capital estrangeiro mão-de-obra barata e atrai o capital estrangeiro através da não cobertura cambial. Dessa forma, os lucros são carreados para fora do Brasil. Os principais instrumentos de financiamento do plano eram: investimentos estatais, crédito a juros básicos e incentivos para investimentos estrangeiros. O problema ficou por conta do investimento (emissão monetária) que resultou em deterioração do saldo em transações correntes e crescimento da dívida externa.

³³ORENSTEIN, Luiz. Democracia com desenvolvimento: 1956-1961 In: ABREU, Marcelo P. A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1990.p.177.

Salienta-se que JK passa para o seu sucessor uma economia bem maior e mais desenvolvida, muda a base de produção do Brasil. A intenção do trabalho até aqui não é fazer um debate historiográfico acerca das opções da política econômica Juscelinista, mas sim demonstrar que ocorreu uma mudança do papel do estado e que nessa esteira houve um desenvolvimento industrial significativo. Segundo Octavio Ianni:

A ação governamental, em seu conjunto, deveria criar melhores condições econômicas, financeiras, sociais e políticas para o florescimento da livre iniciativa. Um dos alvos centrais do Programa era atrair o interesse de empresários estrangeiros com seu capital e sua tecnologia. Além deste objetivo, pretendia-se estimular a poupança nacional e incentivar a modernização geral do sistema produtivo.³⁴

Como aponta a citação, a opção de Juscelino Kubitschek foi de um desenvolvimento associado ao capitalismo mundial, com abertura ao capital estrangeiro, proporcionando assim a instalação de indústrias multinacionais em território brasileiro. No bojo desse processo ocorre a instalação da Bayer na Baixada Fluminense³⁵. Como será demonstrado nas páginas a seguir, o próprio presidente Juscelino esteve em Leverkusen, participando das primeiras negociações em prol da vinda da indústria química de base para o Brasil.

1.2 Histórico da Bayer na localidade

A Bayer, nos anos de 1950, já possuía inúmeras filiais espalhadas pelo mundo. No Brasil, as atividades industriais haviam começado no início do século XX, nos anos de 1920, com a produção da aspirina. No ano de 1925, ocorre a instalação da Aliança Comercial de Anilinas Ltda., iniciando-se a produção de corantes no bairro de São Cristovão, atendendo a indústria têxtil brasileira que crescia naquele momento. Em 1946, a Aliança aumentou sua produção, passando a fabricar auxiliares para a indústria têxtil, de couro e de papel. Com esses novos produtos sendo produzidos, e com o aumento da demanda foi necessária a construção de uma nova fábrica, a CIDASA, localizada próxima à rodovia Rio – Petrópolis, na altura de Xerém.³⁶

Nos anos de 1950, o Brasil se desenvolvia, a CIDASA, que era a representante da Bayer em território brasileiro, também não conseguia atender a expansão da demanda.

³⁴ IANNI, Octavio, Op.cit., p.153

³⁵ Neste trabalho estou de acordo com a Fundação CIDE no que tange a definição dos municípios que fazem parte da Baixada, segundo ela os seguintes municípios fazem parte: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

³⁶ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.54.

Verifica-se a necessidade de um complexo maior, no qual houvesse possibilidades de ampliações e instalação de novas unidades. A empresa demonstrava interesses em investir no país, o momento brasileiro como demonstrado anteriormente era de atrair o capital estrangeiro e com isso impulsionar a industrialização brasileira. Dessa forma, o presidente Juscelino Kubitschek fez uma visita oficial ao professor Haberland na sede da Bayer, em Leverkusen, dando início aos entendimentos entre a empresa e o governo brasileiro.

Analisando o encontro e o novo redirecionamento da atuação governamental no que tange a política econômica, Allen Dupré comenta:

Em 1955 antecedendo o período de euforia desenvolvimentista que o país viveria a partir do ano seguinte sob o governo de Juscelino Kubitschek, a empresa adquiriu a Companhia de Ácidos, antiga e pouco expressiva fábrica de ácido sulfúrico e superfosfato, pertencente ao Grupo Peixoto de Castro (que era dono também da refinaria de petróleo de Manguinhos).³⁷

A Companhia de Ácidos tinha uma posição estratégica no território do Rio de Janeiro, sendo esse um dos motivos da compra da fábrica e um das questões preponderantes para a instalação de um parque fabril da Bayer nessa localidade. A fábrica de ácidos comprada pela Bayer em 1956, começara a funcionar em 1950. Foi o primeiro grande empreendimento da região de Belford Roxo e ocupava 347 mil m², produzindo 30 toneladas diárias de material. As instalações dessa fábrica foram reaproveitadas, como por exemplo: a unidade de ácido sulfúrico, o depósito central e o conjunto de casas margeando a Estrada da Boa Esperança, que acomodava famílias de funcionários da empresa.

Não somente o reaproveitamento da antiga fábrica foi importante para escolher a área como novo local do parque fabril da Bayer. Outros motivos também foram de vital importância para a escolha. O aumento da demanda por produtos requeria que a nova fábrica, se instalasse num terreno em que houvesse possibilidades de ampliações. O terreno adquirido pela Bayer, no Município de Nova Iguaçu, atendia esse requisito, além de se localizar próximo à rodovia Presidente Dutra, a somente 45 km do centro do Rio de Janeiro, ainda capital federal, e a cerca de 400 km de São Paulo, que despontava como polo industrial mais importante do país.

Adicionalmente aos fatores relativos à localização, existiam outros fatores positivos como: disponibilidade de água potável, de energia elétrica, topografia plana com amplas áreas desocupadas ao seu redor com potencial de novas aquisições para futuras expansões.

³⁷ Ibid, p.55.

Não podemos nos esquecer de que a Baixada Fluminense nesse período estava vivendo um período de crescimento urbano e de uma evolução na industrialização. Dessa forma, inúmeras indústrias vão ser implantadas próximas à rodovia Presidente Dutra, e a Bayer se enquadra nesse processo. As prefeituras de Nova Iguaçu e Caxias utilizavam incentivos fiscais para promoverem a proliferação da atividade Industrial. Outra fonte de atração para as indústrias era a facilidade para se contratar mão-de-obra, pois a Baixada Fluminense foi o destino de muitos migrantes que não conseguiam se estabelecer na região central do Rio e eram impelidos a se dirigir às regiões periféricas da cidade.

Feita a compra da área, a construção da unidade demandou um esforço enorme de planejamento do complexo industrial, momento, que exigiu a superação de inúmeras dificuldades. O período de estudo, planejamento e construção da fábrica demorou cerca de dois anos, envolvendo, segundo notícias da época, uma conjugação de esforços de mil engenheiros, técnicos e operários brasileiros e alemães para concretizar a obra.³⁸

A região de Belford Roxo era um distrito de Nova Iguaçu pouco populoso e com pouca infraestrutura. A população dessa região sofria com carências urbanas básicas como: falta de saneamento básico, ausência de asfaltamento nas ruas e falta de um serviço de saúde eficiente. Naturalmente, não havia as condições materiais necessárias ao empreendimento de grande vulto como os novos conjuntos de fábrica a serem instalados. Também havia falta de mão-de-obra especializada em montagem industrial. Nesse sentido, vieram da Alemanha vinte e cinco especialistas, sob a direção do professor Dr. H. Boker, de Leverkusen, com a missão de coordenar essas tarefas e, ao mesmo tempo, treinar os profissionais brasileiros envolvidos no trabalho.³⁹

A obra foi concretizada em 1958. No mesmo ano, ocorre a inauguração do complexo industrial em Belford Roxo, com atividades agrupadas em três departamentos (modelo que se manteve inalterado até os anos 1990): produtos inorgânicos, corantes e produção orgânica. Com esse modelo de organização e ainda sem todas as unidades instaladas, foram iniciadas as atividades no complexo, no dia 10 de junho de 1958. Foram inauguradas oficialmente as unidades de sais de cromo, ácido sulfúrico, ácido fluorídrico, corantes azóicos e produtos

³⁸ Revista *O Cruzeiro*, “Novo Conjunto de Fábricas Bayer”, RJ, Ed. junho de 1958. p.3.

³⁹ DUPRÉ, Allen, Op.cit., 55.

intermediários. A inauguração das unidades foi vista como algo muito importante para a região e contou com a presença de ilustres personalidades.⁴⁰

A forma como a inauguração foi noticiada pelas revistas e jornais contemporâneos, mostra que ela foi um acontecimento de grande relevância não somente para o âmbito local, mas também para a indústria brasileira. Uma matéria da revista “O Cruzeiro” sobre a, informava o seguinte:

Foram inaugurados no dia 10 do corrente, novos e importantes conjuntos de fábricas da Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A. Belford Roxo foi o local escolhido para esta grande realização que coloca a Bayer numa posição ainda mais invejável no setor da indústria de Base, no Brasil. Os trabalhos iniciais para esse importante acontecimento couberam à *Farbenfabriken Bayer A. G. de Leverkusen*, Alemanha. Da conjugação de esforços de mil engenheiros, técnicos, operários brasileiros e alemães surgiram mais essas novas fábricas. As instalações que ocupam o volume equivalente 120.000 mil metros cúbicos estão localizadas em uma área de 335.000 mil metros quadrados. Quadro mil metros de tubo revestido de borracha foram instalados e mais de 20.000 metros de tubo de aço. As novas fábricas, em sua primeira etapa, fornecerão os seguintes produtos de realçada importância para a agricultura e indústria nacional: anilinas, produtos auxiliares para a indústria de papel, tecidos e couro, produtos intermediários para o setor farmacêutico, bicromatos, superfosfato, cromatos, inseticidas, formicidas e herbicidas, sulfureto de sódio e tintas para couro, além de outros produtos. Outros produtos químicos serão fabricados à proporção que as novas etapas previstas forem sendo ultimadas. O ato inaugural foi presidido por S. Exa. o Sr. Presidente da República e contou com a presença do Professor Dr. Ulrich Haberland, presidente *Farbenfabriken Bayer A.G de Leverkusen*, Alemanha ocidental, diretores da Bayer Indústria químicas do Brasil S/A e inúmeras personalidades de destaque do mundo oficial e econômico do Brasil.⁴¹

Terminada as instalações, segundo a reportagem, o empreendimento colocaria a Bayer numa posição invejável na indústria de base, no Brasil, considerando-se o pioneirismo da empresa nessa área em solo brasileiro. A Bayer multinacional alemã, na época atuava em diversos ramos no setor químico, tendo como sua marca a pesquisa em laboratórios espalhados pelo mundo, todos sediados em países centrais. Em território brasileiro, a indústria química dava os seus primeiros passos. Na Baixada Fluminense, um pouco depois da instalação da Bayer, houve a inauguração da REDUC, em 1961. Na base do complexo industrial químico brasileiro encontrava-se a indústria de petróleo e a petroquímica, a indústria química de transformação ainda estava muito incipiente. Por isso, a implantação da Bayer Belford Roxo ganhou uma relativa importância naquele momento, e contou com a presença de ilustres personalidades no momento de sua inauguração.

⁴⁰ “O DEPUTADO Getúlio de Moura compareceu, com o presidente da República, à inauguração da Bayer, em Belford Roxo”. *Jornal Correio da Lavoura* n°.2152. Nova Iguaçu, RJ, jun. 1958., p.15.

⁴¹ “Novo Conjunto de Fábricas Bayer”, *Revista O Cruzeiro*, RJ, Ed.junho de 1958. p.3.

A própria empresa colocava-se na marcha do progresso industrial do Brasil, e intitulava-se vanguarda desse processo. Nesse sentido, num de seus panfletos constava o seguinte trecho:

Inaugura-se hoje o novo conjunto de fábricas da Bayer Indústria Químicas S/A em Belford Roxo, Estado do Rio de Janeiro. É o coroamento de mais de meio século de esforço e trabalho, através da química, no sentido de melhorar as condições de vida de milhões de brasileiros e de propiciar às indústrias produtos químicos de qualidade. É o reconhecimento de uma grande indústria à simpatia e acolhimento que sempre teve do povo deste grande e generoso país. Quando as forças realizadoras são mobilizadas para cooperar no vasto programa de soerguimento da agricultura e indústria do Brasil, a Bayer só poderia formar a sua vanguarda. O resultado aí está: uma Indústria química de Base para o Brasil.⁴²

Esse trecho é bastante elucidativo de forma a perceber dos investidores alemães, donos da empresa, sobre o processo industrial que o Brasil vivenciava no período, no qual houve uma abertura da economia ao capital externo ocorria por intermédio da política econômica adotada por Juscelino Kubitschek. Os investimentos em solo brasileiro não se deram por acaso. A Bayer percebia no mercado brasileiro possibilidades de crescimento, pois com o desenvolvimento industrial, novas indústrias iriam surgir e elas iriam demandar produtos químicos essenciais como matéria prima. Dessa maneira, os produtos químicos produzidos pela Bayer iriam servir de insumos básicos para outras indústrias desenvolverem suas atividades, assim como a agricultura evoluiria a partir do uso de formicidas e herbicidas no cultivo das lavouras.

Dessa maneira, a Bayer se insere no complexo industrial brasileiro como uma indústria de relativa importância no fornecimento de produtos para a indústria e agricultura nacional. A empresa enquadra-se num processo de industrialização vivido pelo Brasil na segunda metade do século XX, assim como, ela entra no circuito de industrialização e urbanização da Baixada Fluminense.

Agora, tratar-se-á da experiência industrial da Bayer no que tange à constituição da vila operária, à transformação produtiva da empresa e ao reflexo na sua relação com os trabalhadores.

1.3 Vila Operária da Bayer

Muitas indústrias utilizaram o modelo da fábrica com vila operária. A utilização de vilas no universo fabril pode ter diversos objetivos, tais como: uma forma de manter sob seu controle funcionários específicos, uma forma de barganha perante aos trabalhadores, uma

⁴² Panfleto: “A Bayer na Vanguarda, Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A”, RJ, 10 jun. 1958.

forma de diminuir gastos com transportes de funcionários e atrasos ou uma concessão em forma de “benefícios sociais”. Como a Bayer manteve uma vila operária por ela denominada: “Vila Residencial”, torna-se importante verificar o sentido e as características dessa experiência.

Na Baixada Fluminense, outra indústria que utilizou vilas operárias para abrigar seus trabalhadores foi a Fábrica Nacional de Motores. Segundo José Ricardo Ramalho, a “composição das vilas operárias na FNM atendia à intenção da fábrica de manter sob seu controle estrito um grupo de operários essencial para o andamento do processo produtivo”.⁴³ Para manter um rígido controle daqueles que seriam os moradores das vilas, a empresa optava por pessoas casadas e com uma estrutura familiar bem delineada.

Dessa maneira, “interessada em fixar a força de trabalho, a fábrica se utilizou das vilas para barganhar com os trabalhadores casados condições que pareciam vantajosas pelo fato de que encobriam o controle maior de seus empregados que a fábrica passava a ter”. A perspectiva, nesse caso da FNM, era de fixar o trabalhador junto à fábrica, e a utilização da vila operária aparece como uma estratégia de cooptação do trabalhador. Pois havia uma seleção dos funcionários aptos a morar numa casa da vila, uma forma velada de definir os que tinham comportamento inadequado na visão da empresa certamente, e que teriam dificuldades para morar numa casa dessas. Assim, segundo Ramalho “o fato de lhe ter sido oferecida a oportunidade de morar nas vilas confirmava o seu valor como operário, enquanto que a opção de não ir expressa aqui a percepção de que morar nas vilas implicava ser mais dominado e perder a margem de autocontrole sobre seu tempo livre”.⁴⁴

A vila operária vista como uma estratégia de dominação está ligada ao fato de que através dela a empresa pode barganhar o tipo de comportamento que deseja na unidade fabril. Diante disso, um trabalhador que queria morar numa vila deveria se adaptar ao tipo de comportamento que a fábrica desejava. Na FNM, os escolhidos para residir ao redor da fábrica formavam um grupo de trabalhadores essenciais para o processo de produção e correspondiam a um quarto do número total dos empregados. Pode-se dizer que esses funcionários eram os mais especializados, e alguns exerciam cargos de chefia.

⁴³ RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.96.

⁴⁴ Ibid, p.107.

No entanto, alguns operários percebiam a exploração e a condição de vítimas ao se estabelecerem nas vilas, pois elas começaram a ser vistas como uma extensão da fábrica. Dessa maneira, morar nas vilas significava “morar dentro do trabalho” e implicava uma invasão das horas livres. “O controle da fábrica sobre as vilas era desenvolvido não somente na seleção dos trabalhadores como também na sua alocação, que era organizada conforme o grau de importância, qualificação e hierarquia dentro da FNM”.⁴⁵

A partir da ótica das vilas como uma forma de controle da força de trabalho, José Sérgio Leite Lopes⁴⁶, analisa um grupo determinado de operários, submetidos a relações de dominações particulares. A partir da análise detalhada dessas relações, o autor busca entender de forma bem aprofundada, um “padrão mais geral de uma forma de dominação específica, a das fábricas com vila operária”.⁴⁷ Lopes num outro estudo que visa entender a relação dos trabalhadores que moram em casas oferecidas pela empresa, o autor faz referências à imobilização da força de trabalho pela moradia, numa usina de açúcar do Nordeste, associa a condição do operário estável à própria constituição de uma família por parte do operário.⁴⁸

Ainda segundo Leite Lopes, a organização da fábrica com vila operária tem dois aspectos: o da interferência e controle sobre a vida dos trabalhadores e o das vantagens econômicas advindas deste tipo de investimento para a empresa.⁴⁹ Geralmente as indústrias com vila operária enumeram uma série de regras do que pode ou não pode ser feito, assim como a estadia do operário na vila está intimamente ligada ao seu comportamento no interior da fábrica e do cumprimento das regras no cotidiano da vila. O comportamento dos operários faz parte das regras do jogo, e isso nada mais é do que uma interferência direta e visível na vida extra-fábrica dos operários.

Na Bayer, no final dos anos de 1950, quando houve a instalação do complexo industrial, o sistema de transporte que ligava a cidade do Rio de Janeiro a Belford Roxo (ainda distrito de Nova Iguaçu) era precário e limitado. Havia poucas vias de acesso, sendo a mais importante na época a rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, com pista única. Além dela havia a ferrovia remanescente da antiga estrada de Ferro Rio D'ouro, que havia sido

⁴⁵ Ibid, p.100.

⁴⁶ LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo, Marco Zero e Universidade de Brasília em co-edição com MCT/CNPq, 1988.

⁴⁷ Ibid, p.15.

⁴⁸ LOPES, José Sérgio Leite. O “ Vapor do Diabo”: o trabalho dos operários do açúcar, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.p.175.

⁴⁹ LOPES Apud RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.99.

desativada e teve o trecho que levava a Belford Roxo incorporado pela Estrada de Ferro Central do Brasil, por meio de sua linha Auxiliar. Uma ligação precária, com trens superlotados e muitos atrasos.⁵⁰

Com esse sistema de transporte débil e precário é notório que os trabalhadores que se dirigiam às unidades fabris sentiriam dificuldades de acesso. Para minimizar essa situação a Bayer decidiu construir casas junto ao complexo, formando sua vila residencial. As casas da vila operária “eram especificamente utilizadas para abrigar alemães e os operários especializados”.⁵¹ Desse modo, percebe-se que as casas eram oferecidas aos profissionais que exerciam funções estratégicas para o funcionamento das áreas produtivas, algo similar ao que acontecia nas Vilas construídas pela FNM.

Allen Dupré nos revela um pouco como foi sendo feita a evolução da vila no caso da indústria química estudada:

Inicialmente, em 1956, quando a Cia. De Ácidos foi adquirida, foram compradas, ao mesmo tempo, cinco casas. Posteriormente, foram instaladas mais 18, de modo que em 1960 a Vila Residencial já possuía 22 moradias. Ao final dos anos 1970, acompanhando o crescimento do complexo industrial, já eram 30 residências. Nos anos de 1980, os projetos de implantação das novas unidades fizeram com que, mais uma vez a Vila Residencial fosse ampliada. Foram constituídas mais 15 casas. Em seguida para atender os ocupantes das suas 45 moradias, a Vila Residencial passou a contar também com uma área de lazer, que se tornou um verdadeiro “oásis” para os moradores e suas famílias. Ao longo dos anos 1990, o crescimento das cidades, o aumento da oferta de meios de transporte e vias de acesso e os projetos de reestruturação do complexo industrial fizeram com que o conceito de Vila Residencial fosse reavaliado, isso levou a desativação.⁵²

É perceptível que o aumento do número de casas da “Vila Residencial” acompanhava o movimento de expansão das unidades industriais. No primeiro momento de 1958 a 1960, as casas eram utilizadas para abrigar os alemães, ainda no estágio de conformação do complexo industrial. Esses alemães exerciam cargos importantes e de chefia na empresa, sendo de vital importância ao processo produtivo. Devido a isso era relevante eles estarem próximos às unidades fabris.

No entanto, com a evolução do complexo e a criação de novas unidades, era necessário ter próximo à fábrica outros funcionários estratégicos. Com o passar dos anos alguns brasileiros ocupariam cargos importantes e, conseqüentemente, uma casa na “Vila

⁵⁰ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.123.

⁵¹ Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

⁵² DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.123.

Residencial”. Diante disso, cabe ilustrar a experiência de um operário “estratégico”, que ocupou uma das casas da Vila.

Eu morei na Vila Residencial da Bayer por 12 anos. Lá era o seguinte os superiores, chefes de seção, engenheiros, diretores tinham casas melhores, de resto era tudo quase igual. A gente tinha a Kombi que vinha buscar na porta, tinha motorista para levar e trazer as crianças para escola, não pagávamos luz nem telefone, nem a casa tudo por conta da Bayer. Eu tive que sair de lá, pois aposentei, a casa era somente para quem estivesse ainda em período de trabalho. Eu tive que dar a casa para outras pessoas que estavam precisando. Eu sai de lá por volta de 1986. Na Vila tinha um bocado de alemães, porque a fábrica era alemã, aqui é uma filial e São Paulo também é uma filial, a verdadeira é em Munique na Alemanha.⁵³

Analisando o relato desse operário percebe-se que havia uma hierarquização no que tange a distribuição das casas, dessa forma, as melhores ficavam com os funcionários mais graduados que ocupavam lugar importante na linha produtiva. O restante dos operários especializados que não eram chefes de seção tinham casas que pouco se diferenciavam umas das outras. O fato de você morar numa casa da vila aparece neste relato como um fator positivo, já que o operário enfatiza que não precisava pagar conta alguma, ficava tudo por conta da fábrica.

A casa não era de propriedade do operário, sendo concedida somente àqueles que estivessem em período de trabalho. No caso, com a aposentadoria a moradia teve que ser liberada para outro trabalhador. Isso ocorreria também no caso de demissão. Se a Vila da Bayer foi pensada como um elemento de dominação ou não, pouco importa. Na prática, a Vila se revela como catalisador do comportamento do trabalhador- morador, pois, de acordo com o relato, além da concessão da moradia havia uma série de “benefícios sociais”, como o não pagamento de contas. Parece pouco provável que um funcionário escolhido para morar numa dessas casas não tenha seu comportamento pautado em agradar seus superiores, para não colocar seu emprego em risco e também seus benefícios.

Por outro lado, morar na Vila poderia significar uma perda de autonomia no aspecto da vida social:

A gente não gostava lá da Vila da Bayer porque era um silêncio total somente quando passava um carro que nós escutávamos um barulhinho. E outra coisa, para você ir a nossa casa, você não podia chegar lá e ir entrando não, tinha que passar pela portaria e na nossa porta tinha um guarda. Você tinha que falar quem você era e quem que morava ali. Assim, não tinha um guarda propriamente dito em cada porta, mas a cada quarteirão um guarda, tinha que se identificar aí ligava e nos

⁵³ Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

perguntavam: “você autorizam fulano de tal entrar em sua residência?” “A gente dizia pode entrar, é conhecido, é parente,” do contrário não entrava.⁵⁴

Pode-se salientar que os moradores da vila residencial eram submetidos a um controle, fazendo do local de moradia uma extensão do universo fabril. Os trabalhadores viam que tanto na fábrica como na vila era necessário obedecer a certas regras. Viver na Vila fazia com que todos os moradores fossem responsáveis pelo estabelecimento.

A moradia era restrita a alemães e funcionários ditos de confiança da empresa, e o acesso a outros funcionários era limitado. Assim, um operário que não foi morador da Vila Residencial, tinha o seguinte olhar sobre ela:

A vila residencial foi criada para alojar os alemães na época ali. Eles vinham e residiam na vila. Tinha também algumas pessoas que eram brasileiros, que exerciam cargo de confiança, como o próprio senhor Felski, que você entrevistou. Ele morava logo na primeira casa, então tinha brasileiros morando ali também. Era difícil entrar lá, uma vila que era restrita só para eles. Não tinha aquela rua lá, foi construída, também criaram as guaritas, as casas, trouxeram os seguranças. As pessoas que moravam ali também viviam 24 horas na Bayer, a vida social era ali dentro, responsabilidade de noite e dia. Depois nos anos 70 e 80 começou a ter Kombi para levar os filhos dos funcionários às escolas, anteriormente não tinha isso.⁵⁵

A noção evocada por tal operário ao dizer que quem morava ali “vivia 24 horas na Bayer, a vida social era ali dentro”, é bastante significativa, pois, revela mais uma vez que a vila pode ser interpretada como uma extensão da indústria. Nesse sentido o trabalhador teria sua vida social imersa num ambiente que o remetia ao ambiente de trabalho. No caso estudado por José Ricardo Ramalho, alguns trabalhadores tinham a visão de que morar nas vilas implicava ser mais dominado e perder a margem de autocontrole sobre seu tempo livre, tal coisa significava “morar dentro do trabalho” e implicava uma invasão das horas livres.⁵⁶ Algo semelhante pode ser percebido no caso da Vila da Bayer, pois, há uma visão de que quem morava na vila ficava sob “controle” da Bayer por 24 horas.

Entretanto, através dos relatos e documentos checados, não é possível saber se o propósito da criação da Vila Residencial da Bayer está ligado ao controle que ela exerceria sobre os funcionários estratégicos, como em outros casos estudados pela historiografia, no qual a fábrica com vila operária era mais uma estratégia de dominação sobre a força de trabalho. O que foi possível perceber através das fontes é que a Vila Residencial, no caso específico estudado, foi primeiramente pensada para abrigar os alemães que chegavam para

⁵⁴ Entrevista do operário aposentado Sebastião Felski, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

⁵⁵ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

⁵⁶ RAMALHO, José Ricardo, Op.cit., p.107.

trabalhar e exercer funções essenciais na empresa. A estratégia de criação da Vila foi adotada por conta do pífio sistema de transportes da época, com poucas vias de acesso a fábrica.

Fazia-se necessário que alguns funcionários importantes no processo produtivo estivessem próximos ao complexo industrial. Com o passar dos anos, o crescimento do complexo e implantação de novas unidades foram acompanhados pela criação de novas casas na vila. Esta vila já abrigava brasileiros que se tornaram de confiança e estratégicos para o bom funcionamento do cotidiano de trabalho. De certa forma os trabalhadores que receberam as casas foram mantidos sob a “tutela” da empresa pelo menos enquanto estiveram em período de trabalho, não tiveram que se preocupar em pagar as contas. Em contrapartida, era inevitável se adequar às normas e se adaptar a um ambiente que se remetia ao controle fabril.

1.4 Transformação produtiva da empresa

Conforme já mencionamos, no complexo industrial de Belford Roxo, após a inauguração, as atividades foram agrupadas em três departamentos (modelo que se manteve praticamente inalterado até os anos 1990): produtos Inorgânicos, corantes e produção orgânica.⁵⁷ Nos primeiros anos, o ácido sulfúrico tinha importância estratégica: “nessa primeira fase de funcionamento da empresa, a maior parte de sua produção, equivalente a dois caminhões tanques por dia, era vendida para a Companhia Siderúrgica Nacional, situada em Volta Redonda, RJ”.⁵⁸ Pode-se dizer que a produção de ácido sulfúrico foi o carro chefe na linha de produção e, à medida que o aumento da produção era solicitado, por conseguinte, eram implementados processos de expansões dentro da empresa, o que durou até meados dos anos de 1990. A principal matéria- prima para a produção de ácido sulfúrico é o enxofre, que era importado a granel e transportado por navio até o porto do Rio de Janeiro e, deste, por trem, até Belford Roxo. Tal fato nos revela mais uma vez a importância estratégica da escolha do local para a instalação das fábricas Bayer que possui uma relativa proximidade ao porto do Rio de Janeiro.

Segundo um operário que começou a trabalhar na empresa no ano de 1960, nos primeiros anos de funcionamento, a empresa, não abarcava um número alto de funcionários e boa parte deles vinha de outras regiões. Veja-se o que ele fala sobre essa fase inicial.

⁵⁷ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.56.

⁵⁸ Ibid, p.58

Eu conheci a Bayer desde sua fundação, subterrâneo até a chaminé. Eu pesquisei, trabalhei, mexi ali, mexi aqui. Logo no início, tinha poucos funcionários, não chegava a 100. A maioria dos funcionários vinha de fora, vinham da Bahia, Espírito Santo, Paraíba. Eu vim de Santa Catarina, natural da cidade de Tijucas.⁵⁹

É interessante perceber que a maioria dos funcionários veio de diferentes partes do país, exemplificando os processos migratórios ocorridos no imediato pós-guerra. O Rio de Janeiro, como capital da república, naquele momento reforçou seu papel de atração a grandes contingentes migratórios.⁶⁰

A motivação desses imigrantes era variada, entretanto o grande norteador era a busca de inserção no mercado de trabalho em crescimento. Levas de migrantes vieram se instalar na Baixada Fluminense, onde o preço de terra ainda era acessível.⁶¹ Houve um inchaço populacional na região, nas décadas de 1950 e 1960. E isso ocorreu, segundo Israel Beloch, “sob o influxo de dois fatores – o prosseguimento da corrente migratória e a expulsão, em escala crescente, de massas trabalhadoras das áreas valorizadas da metrópole para locais mais distantes”.⁶²

Desses migrantes que foram expulsos das áreas mais valorizadas, uma parte significativa veio se instalar na Baixada, formando a base do operariado das indústrias que se instalavam na região e de todas as atividades econômicas que surgiam ao seu redor, inclusive da REDUC e da Bayer.⁶³

Na Bayer, esses migrantes que se tornaram trabalhadores entravam na empresa para exercer cargos subalternos, já que durante muito tempo os cargos de chefia eram exercidos por alemães, os chamados “expatriados”, que eram considerados responsáveis pelo bom funcionamento das áreas produtivas do Parque industrial. Muitos deles eram moradores da vila construída pela Bayer, formando assim uma pequena comunidade Alemã na região de Belford Roxo. No trecho a seguir o primeiro diretor Bayer brasileiro revela um pouco desse cenário:

⁵⁹Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

⁶⁰ De acordo com o Documento Básico da Área Metropolitana da Guanabara, somente no período entre os anos de 1950 e 1959 migraram para essa região em torno de 123.000 nordestinos. Nesse período foram implantadas, segundo o documento, estradas terrestres ligando o Nordeste do Brasil ao Sudeste. Deve-se também considerar os efeitos das grandes secas de 1952 e 1958 (Área Metropolitana da Guanabara – Documento Básico).

⁶¹ BELOCH, Israel. Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. – Rio de Janeiro: Record, 1986. p.32.

⁶² Ibid, p.33.

⁶³ Raulino, Sebastião Fernandes, Op.cit., p.62.

Então aqui na época tinha a chamada Vila Da Bayer com quase vinte e poucas casas onde os supervisores de fábrica, gerente e diretores moravam com família e muitas vezes famílias alemãs então tinha uma comunidade alemã aqui em Belford Roxo, nos terrenos ali. Depois a gente demoliu. Uma área verde onde tinha toda uma infra estrutura de tênis, campo de futebol, piscinas, churrasqueiras e casas excelentes para acomodar os expatriados que vinham desde a supervisão de fábrica. As chefias de turma eram normalmente de brasileiros. Já a supervisão, chefia e gerência eu diria 90% era de origem alemã.⁶⁴

Depreende-se que os cargos de chefia ficavam a cargo dos alemães. Todavia, isso não parece ter dificultado a relação entre os trabalhadores da indústria química. Os brasileiros que trabalharam na empresa afirmam ter tido um bom relacionamento com os alemães. Um operário disse que “não tinha nem um autoritarismo por parte dos alemães, eles deixavam nós brasileiros se virar, não tinha nenhuma atividade sindical significativa, era qualquer coisa, atividade sindical de fato começou na década de 80”. Não há relato de casos de conflitos de grande proporção nas primeiras décadas. A empresa só viria ter uma greve de grandes repercussões em 1989, uma paralisação de 15 dias.

No decorrer dos anos, a empresa sofreu processos de expansão e modernização. No período de 1970 a 1974, verificam-se duas expansões, sendo que a última inclui a instalação de um forno rotativo, com 53 metros de comprimento. Foi preciso um esquema especial dentro da unidade fabril para sua locomoção. A década de 1970 foi uma época de um amplo desenvolvimento do complexo industrial de Belford Roxo, com importantes realizações. “O quadro funcional, que somava 700 colaboradores no início da década, atingiria 1300 em 1979”.⁶⁵

Dessa forma, a empresa tornara-se a maior geradora de empregos e receitas para a região de Belford Roxo, e ficava evidente a sua importância para a localidade, ainda mais porque ela empregava muita gente da região. Um operário relatou este fato: “tinha muita gente aqui da região, por que ir a Bayer se tornava muito difícil, não tinha ônibus até lá dentro, tinha toda uma dificuldade que existia então quem morasse mais perto era melhor, a empresa entendia dessa forma na época”.⁶⁶

Já na década de 1980 houve mudanças e progressos significativos em Belford Roxo: introdução da informática, construção do novo prédio da administração, criação de um plano de expansão do complexo industrial e o lançamento do programa de trainees, que reformulou

⁶⁴ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

⁶⁵ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.68.

⁶⁶ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

o quadro administrativo e foi responsável pela formação de profissionais capacitados e adaptados a filosofia da empresa. Fato importante foi a reformulação do corpo gerencial: “a Bayer começou todo um processo de renovação de sua gestão com foco em pessoas da localidade, jovens e com o perfil de formação universitária, até então a Bayer trabalhava com expatriados, com pessoas vindas principalmente da Alemanha”.⁶⁷

O programa de trainee era visto como uma forma de preparar novos gestores. Dessa maneira, os que se adaptassem e mantivessem índices satisfatórios seriam efetivados na empresa, fazendo assim a renovação do corpo gerencial. A título de exemplo, observa-se, nas linhas seguintes, a trajetória do primeiro diretor industrial Bayer brasileiro, que foi formado pelo programa de trainees:

Eu mais ou menos trabalhei aqui em Belford Roxo por três anos inicialmente como trainee. Dois anos depois eu assumia a primeira chefia de fábrica e mais ou menos um ano depois, eles me enviaram para Alemanha, eu fiz um estágio de carreira, aprendizagem de idioma, pois eu não falava Alemão também na época e, também a questão cultural de estar se integrando, conhecendo a empresa, fazendo contatos para que fizesse o desenvolvimento gerencial. Eu passei lá quase um ano e meio, mais ou menos. Voltei e assumi a primeira gerência de departamento numa outra área aqui mesmo em Belford Roxo então eu permaneci até 99, quando eu então eu fui novamente agora para os EUA, por mais quase quatro anos nos EUA e, onde eu trabalhei em diversos projetos de Bayer.⁶⁸

Por intermédio de seu programa de trainee, a indústria iniciava a formação de profissionais brasileiros adaptados à filosofia da empresa e, aos poucos, os expatriados iam deixando esses cargos de chefia. Hoje segundo as informações do diretor industrial:

Em Belford Roxo, já não existe mais nenhum expatriado todo corpo gerencial, todas as chefias, todas as supervisões elas são feitas por brasileiros oriundos dos locais, com experiências internacionais. Muitos deles viveram na Alemanha três, quatro, cinco anos. Também acabou que Belford Roxo foi se tornando um pólo exportador de mão- de- obra, principalmente dos engenheiros especializados. Nós temos pessoas que implementaram projetos na China, em funções de gerência de projetos, funções de pesadas de grande responsabilidade que estão até hoje, há outros que estão na Europa, outros nos EUA, nós temos os oriundos de Belford Roxo em várias partes do mundo.⁶⁹

Pode-se perceber que nesses cinquenta anos de história no local houve algumas transformações que inicialmente, as funções de chefia eram preenchidas por alemães. Isso foi mudando ao longo dos anos, o ápice dessa mudança pode ser verificado na implantação do programa de trainee

⁶⁷ Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

es com o propósito de renovação do corpo gerencial. O resultado desse programa implicou na reformulação do quadro e, aos poucos, os profissionais brasileiros foram preenchendo as funções que antes eram destinadas aos alemães. Na atualidade o “site” de Belford Roxo começou a exportar quadros administrativos para outras filiais do grupo em várias partes do mundo.

Nos anos de 1990, frente à nova conjuntura de mercado, a Bayer passa por um novo processo de reestruturação e nesse há um enxugamento do quadro de funcionários. Algumas unidades, que já não eram tão competitivas, deixaram de exercer suas atividades. No início da década de 1990, começou um desmembramento muito forte da empresa, muitas unidades foram fechadas e muitas pessoas perderam seus empregos. Isso teria abalado o pujante desenvolvimento da empresa nos anos anteriores, muitos trabalhadores ficaram desolados nesse período de dificuldades. Vejamos como é recordado o período na visão de um trabalhador da fábrica:

Foi um clima muito tenso, não tinha vaga para todo mundo e a ordem de fechar veio da Alemanha. O faturamento não estava como o esperado e foram fechando as fábricas. Foi uma choradeira total. É que a pessoa se apegava a Bayer por ser uma multinacional que nunca atrasou o pagamento. Tenho 35 anos de empresa e ela nunca atrasou meu pagamento e nem minhas férias, corretíssima. Então o sentimento que deu foi de uma tristeza. Não tinha vaga para todo mundo, nós que chegamos a ter 2700, trabalhadores ficamos com 700, fechou a Cromo, fechou muitas unidades.⁷⁰

Na década de 1990, houve mudanças significativas na política de comércio exterior brasileira, com a abertura do mercado às importações. Essa abertura teria prejudicado os negócios da Bayer que passou a ter concorrência. De modo que:

A Bayer era soberana no mercado nos anos 60, 70,80 na abertura do MERCOSUL veio outras empresas. Ela mandava sozinha no mercado, e as empresas da Bayer não foram modernizadas, foram sendo sucateadas e as empresas novas que vieram de fora eram moderninhas. Então, o custo final da empresa ficou meio caro e não conseguiu competir e teve que fechar algumas unidades e foram fechando, mandando embora. Mas com todos os direitos, tá. É uma coisa que eu friso bem, é importante a gente frisar isso. Pessoas que receberam três meses como ajuda de custo saíam com um pacote de dinheiro. Ela pagava mais para ajudar a família, tudo envolvido com a parte social, deu plano de saúde mais seis meses de graça junto com a cesta básica.⁷¹

Com a abertura comercial e a concorrência de empresas de outros países que entraram no mercado, algumas unidades Bayer ficaram para trás e tiveram que ser fechadas. O quadro de funcionários foi reduzido drasticamente, para se adaptar aos novos tempos a empresa

⁷⁰ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

⁷¹ Ibid.

passou a utilizar a estratégia de “sinergia comercial”, na qual atraia empresas externas para que se instalassem em sua área, aproveitando a infraestrutura adquirida ao longo do tempo e a boa localização. Com conceito de Parque Industrial retomado, em 2008, o complexo industrial Bayer já acomoda 2000 postos de trabalho gerados, sendo 800 da Bayer e o restante de parceiros.⁷² A propósito, as transformações produtivas e as adaptações às novas conjunturas de mercado, no caso estudado implicaram na redução do número de empregados da indústria. Todavia, mesmo com a diminuição dos postos de trabalhos, a empresa segue respondendo pela geração de 10% da ocupação de mão-de-obra do município, com reflexos significativos na geração de receitas tributárias.

O propósito deste capítulo foi fazer um breve histórico dos 50 anos da indústria química no local, visando exemplificar sua experiência industrial no que tange ao contexto na qual ela se insere e tem sua implantação, à sua experiência de fábrica com vila e às suas transformações ao longo dos anos. Assim, mais familiarizados com o universo da indústria química estudada, visualizando sua relação com seus trabalhadores e a sua importância para a localidade na qual se instalou.

⁷² Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2011.

Capítulo 2

Os químicos como categoria profissional

No segundo capítulo o objetivo é traçar o perfil dos trabalhadores da Bayer, para assim termos uma noção de quem são esses operários, que fizeram parte da história da fábrica. Também será relatada a trajetória de três líderes sindicais importantes, que será útil para o entendimento das relações dentro do sindicato na década de 1980. Em livro dedicado a história da Indústria. Allen Dupré relata:

Uma comunidade como a formada pelos colaboradores da Bayer em Belford Roxo não se limitava ao aspecto profissional. As características culturais das fábricas, em especial as de nível auxiliar, determinaram a criação de um ambiente comportamental único em todo o grupo Bayer no Brasil. Mesclado ao rigor na condução técnica e tecnológica das atividades industriais, em nada prejudicado por esse estilo de conduta, havia um clima de descontração e alegria presente na forma de falar, no tratamento entre colegas e na maneira de encarar a presença de profissionais do exterior, os quais rapidamente acabavam por adaptar-se a essa forma de viver.⁷³

Como visto acima, em Belford Roxo, havia um estilo comportamental único dos trabalhadores no dia-a-dia de trabalho. Torna-se relevante perceber essas especificidades dos operários da fábrica. Era muito comum nas relações entre os operários ocorrerem brincadeiras e a atribuição de apelidos. A “Bayer Repórter”, revista interna dirigida aos colaboradores, numa reportagem chamou atenção para esse fato, revelando que praticamente todos os integrantes da equipe da brigada de incêndios tinham apelidos. Além disso, de forma descontraída os operários, colocavam apelidos nas partes da fábrica. Um trecho da matéria que cita essa curiosidade é reproduzido a seguir:

Também a Vila Residencial do complexo industrial não escapou de apelidos. Muitos a chamavam de “Vila dos Oficiais”. A casa de hóspede também era conhecida como “Cassino”, não com o sentido de casa de jogos e apostas, mas significando local de reunião e confraternização. A vila ocupava cerca de 200 m e terminava em uma elevação suave, no alto da qual ficava a sua melhor casa, normalmente ocupada pelo executivo mais graduado da empresa em atividade no complexo industrial. Essa colina e sua casa receberam o sugestivo apelido de “Morro do Olho Azul”, em alusão aos alemães que normalmente residiam no local.⁷⁴

Se havia um clima de descontração entre os funcionários, isso se devia em boa parte pelos espaços de sociabilidade que havia dentro do complexo industrial, dentre eles: coral masculino, Bayer Esporte Clube (BEC), Sambabayer – grupo musical entre outros espaços.

⁷³ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.95.

⁷⁴ Revista Bayer Repórter, RJ, Ed. setembro de 1981. p.3.

Um dos principais pontos de encontro dos trabalhadores foi o BEC (Bayer Esporte Clube), que foi idealizado como um local de lazer dos operários da Bayer. Foi fundado em 17 de julho de 1962, por iniciativa desses, mas a sede só seria finalizada e inaugurada mais tarde pelo diretor- presidente Otto Scmauss. A revista interna da empresa trouxe uma reportagem dedicada ao BEC:

Inicialmente, resumia-se a uma quadra de esportes e uma churrasqueira, ambas amplamente utilizadas a partir de então. No final dos anos 1970, a quadra foi coberta e passou a ser palco dos famosos e disputados “Bailes da Primavera”, que atraíam não só os funcionários e seus familiares, mas também os moradores da região. As festas de Natal dos colaboradores e os almoços oferecidos aos visitantes em datas festivas também passaram a ser realizados na quadra do BEC. Nos anos 1980, o clube cresceu. Foram instalados os campos de futebol profissional e society, os vestiários, a piscina e o bar.⁷⁵

O BEC tornou-se um espaço de sociabilidade, no qual os funcionários aproveitavam-no para fazer reuniões, jogar futebol e firmar laços de amizade. Muitas “peladas” ocorriam após o término de expediente. A atividade aproximava as alas de trabalho criando um clima amistoso entre os funcionários, e surgia um ambiente muito propício para as conversas. Atualmente, o BEC também é utilizado para a realização de alguns projetos sociais, que a empresa exerce na localidade como: Escolinha de futebol, projeto Escola Verde, as Olimpíadas da comunidade e o Projeto Vida Ativa. Desse modo, o BEC se mostra como um excelente espaço de socialização dentro da fábrica, pois, tem sido palco de festas de inaugurações, Natal, carnaval, reuniões da comunidade, de Comissão de Fábrica, Escola de Futebol entre outras atividades.

Além do futebol no BEC, o samba e o carnaval também estavam presentes no cenário cultural da fábrica. Muitos funcionários ou parentes destes desfilavam em duas grandes escolas de samba, a Beija Flor, de Nilópolis, e a União da Ilha do Governador e por intermédio desses “colaboradores”, a Bayer realizou algumas contribuições financeiras às escolas.⁷⁶ Dentro da companhia, esse espírito ligado ao samba ficou notabilizado com a criação de um grupo musical denominado Sambambayer – nome que mistura samba, bamba e Bayer. O grupo foi criado em 1979 animando as festas de inaugurações de novas fábricas.⁷⁷

A existência de inúmeros espaços de sociabilidade dentro da multinacional analisada, colaborava para que a franquia da Baixada fluminense fosse diferenciada das demais espalhadas ao redor do mundo. A empresa investia nesses espaços para ter um bom ambiente

⁷⁵ Revista Bayer Repórter, RJ, Ed. Outubro de 1989.p.5.

⁷⁶ Revista Bayer Repórter, RJ, Ed. Fevereiro de 1989.p.6.

⁷⁷ DUPRÉ, Allen, Op.cit., p.75.

de trabalho. Além disso, os trabalhadores da indústria contribuía para essa especificidade do site de Belford Roxo. Mas afinal quem são esses trabalhadores? De onde eles vieram? Como entraram na empresa? Nas linhas a seguir procuraremos trazer as respostas para essas indagações.

Durante toda a história da empresa em Belford Roxo, ocorreram diferentes programas de capacitação e aperfeiçoamento dos operários. Nos anos de 1980, duas iniciativas foram tomadas para aumentar a qualidade dos profissionais que trabalhariam no complexo: a inauguração das oficinas centrais de treinamento para aprendizes de eletricitista, instrumentista e mecânico e o lançamento do programa de trainees. Com esses dois instrumentos a indústria passava a formar a sua mão de obra internamente, as oficinas formavam os novos empregados do chão de fábrica, enquanto o programa de trainees formavam os profissionais da gestão administrativa.

Os aprendizes formados nas oficinas, em sua maioria, fizeram parte da equipe de engenharia, cuja responsabilidade era a manutenção das unidades do complexo industrial. O programa de aprendizes era a porta de entrada para muitos jovens que almejavam trabalhar na empresa alemã. Em muitos casos, era o primeiro emprego de carteira assinada de muitos deles, como se vê no trecho a seguir que mostra a trajetória de um jovem dentro da empresa.

Eu entrei na empresa fazendo prova para ser aprendiz, na época eu tinha 15 anos e isso no final de 1988 eu fiz a prova e fui chamado para fazer parte do setor de treinamento e comecei em fevereiro de 1989. Eu fiquei sabendo do programa de aprendiz através de um tio que era torneiro mecânico que trabalhava lá. Meu tio e na época o noivo da minha prima trabalhavam lá. Existia na época a ideia que a Bayer era uma boa empresa, uma referência.⁷⁸

Interessante notar que o jovem de 15 anos já idealiza a Bayer como uma boa empresa, muito provavelmente ele deve ter tido a influencia do tio que trabalhava lá, na época. Os moradores locais tinham uma boa impressão em relação à fábrica, pois, ela pagava bons salários. Para entrar no programa de aprendiz era necessário fazer uma prova, como consta no relato:

Para entrar foi tranquilo, exigia 1º grau na época. Fiz uma prova de português e matemática, mais um psicotécnico que foi feito no Senai. Eu fiz 2 anos de curso no meu setor de treinamento e depois fiz 7 meses rodando a área, fazendo a parte prática. Depois disso, como eu fazia o curso de eletricitista de manutenção, fiz mais 3

⁷⁸ Entrevista do aprendiz André de Oliveira Nascimento, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 18 set. 2014.

meses de curso no SENAI de mecânica. Aí já vem aquela ideologia de não ficar preso a uma profissão. Trabalhei como eletricitista de manutenção.⁷⁹

Para a formação dos aprendizes havia uma parceria com o SENAI, a qual ajudava a formar os profissionais técnicos para o complexo. Pelo relato é possível deduzir que os administradores pensavam em formar funcionários versáteis e que somassem a companhia. Para atrair os jovens a entrar no programa de aprendizes, se pagava consideráveis salários. Sobre isso, André nos relata:

Era muito novo e assim, primeiro emprego com o salário para a idade que eu tinha era um bom salário, pois pelo menos estava acima da média daqueles que eu conhecia e convivia. Pelo salário em si valia a pena, mas a profissão em si não era o que eu queria. No setor de treinamento da minha turma, nós eramos 25 divididos em três cursos, 6 faziam eletricitista de manutenção, 6 instrumentista e 13 faziam mecânica. A percepção que tinha conversando é que nós viemos da mesma classe social ou tinha um parente que trabalhava na Bayer ou um vizinho. Era o primeiro emprego de carteira assinada, então o relacionamento entre os aprendizes era tranquilo, pois a gente tinha esse vínculo de mesma classe social. Com a chefia era algo mais distante para gente, eu me lembro de ter dito contato com o alemão na minha demissão.

É perceptível que o salário é um atrativo interessante, que as empresas podem oferecer, e na Bayer a boa política salarial sempre foi um ponto de atração de funcionários. O relato acima destaca que os aprendizes pertenciam à mesma classe social, e geralmente, pessoas que pertencem à mesma classe social compartilham o mesmo campo de experiência e partilham a mesma identidade de ideias e interesses.⁸⁰ O processo de entrada na empresa também era mais ou menos parecido para todos, aprendizes ou não: ou se conhecia alguém que trabalhava na empresa, ou se tinha algum parente lá dentro:

A minha entrada foi através do meu primo. Um amigo dele trabalhava na Bayer e sabia que nós queríamos trabalhar. Primeiro eu entrei por uma empreiteira, a Ferrarti uma prestadora de serviços no ramo da construção civil para a Bayer na época. Eu fiquei um ano lá e depois um amigo falou que tinha uma vaga na Bayer no almoxarifado, que hoje nós chamamos de Suplatim, no qual se trata de todos os depósitos e transporte de materiais. Então o trabalho foi através desse amigo que me convidou e fui lá, fiz uma provinha, e estou até hoje lá, isso em 1976. Eu tenho também outras pessoas da família na empresa. Tenho um irmão que já tem 32 anos, tenho outro irmão que é mecânico e tem 23 anos de empresa e estar muito satisfeito. Esse meu irmão entrou por intermédio do meu primo Rogério que trabalhava lá também na Cropscience e lá estava precisando de gente. Meu irmão saiu do quartel com 18 anos e foi direto para Bayer. Naquele tempo era assim, o acesso era de confiança, você tem um amigo seu de confiança aí você traz para trabalhar na Bayer. Fazia uma provinha, se entrar, entrou. Isso entre 1965 a 1980. Era muito comum esse procedimento.⁸¹

⁷⁹ Entrevista do aprendiz André de Oliveira Nascimento, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 18 set. 2014.

⁸⁰ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*, Op. cit.

⁸¹ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

Eu entrei na Bayer no dia 9 de setembro de 1980, estou até hoje. Hoje é dia 27, no caso no dia 8 de setembro completarei 31 anos de empresa. Eu entrei. Antigamente tinha a telex. Então, a garota que trabalhava no telex, a Barbara, que era filha da secretária do diretor. Ela perguntou se eu queria entrar na Bayer e fazer uma provinha, e assim foi feito. E graças a deus entrei na empresa.⁸²

Esse processo de já conhecer alguém dentro da empresa ajudava os candidatos a entrar na mesma e facilitava na socialização. O último relato termina com uma exclamação de satisfação de ter entrado na fábrica, isso é fato perceptível na localidade. Os funcionários possuem uma alegria em trabalhar na companhia: “trabalhar na empresa é um prazer prazeroso foram várias amizades que nós construímos e a gente tem uma flexibilidade muito grande com engenheiros, técnicos de manutenção”.⁸³

Ademais, ao longo dos anos a fábrica sempre assumiu um papel importante na geração de empregos para a região, por intermédio de seus parceiros e fornecedores. A Bayer ainda hoje é responsável pela geração de dois mil empregos diretos e indiretos, responde pela geração de 10% da ocupação de mão-de-obra do município de Belford Roxo. Esse papel gerador de empregos ganhou relevância a partir dos anos 1970, com a inauguração de unidades destinadas à produção de matérias-primas para poliuretanos. Nessa época, ela atraía pessoas de diversas partes do estado com interesse em trabalhar nela. Muitos funcionários tinham origem local, originários de Nova Iguaçu e outros bairros próximos à fábrica, mas havia um número grande de pessoas de outras partes da região, segundo informações de um entrevistado:

Tinha uma diversidade muito grande, eu sei pela quantidade de ônibus que chegavam de manhã na fábrica, e os ônibus traziam em cima a localidade que eles pegavam os funcionários, eu lembro que tinha condução que vinha do centro de Nova Iguaçu, Queimados, Miguel Couto, Duque de Caxias, Niterói e Santíssimo entre outras áreas. Uma empresa terceirizada fazia esse serviço, os ônibus passavam e os trabalhadores ficavam num determinado ponto e quem optasse pegava a condução disponibilizada pela empresa era descontado em folha, entretanto era pouca coisa. Se você morasse numa localidade que esses ônibus passassem valia a pena pegar. Então pela quantidade de ônibus que chegavam de manhã e saíam à tarde, que era bastante a gente, percebia que era bem diversificado pelas placas que os ônibus tinham. Agora, eu acho que boa parte era Baixada e Belford Roxo.⁸⁴

Na década de 1980, a empresa no seu auge conseguiu abarcar mais de 2000 funcionários em todos os setores. Pelas informações havia uma diversidade de origem desses funcionários, mas boa parte desse número era residente da região, além disso, em termos de arrecadação fiscal a empresa contribuía de forma significativa para a receita local, sobre isso:

⁸² Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Entrevista do aprendiz André de Oliveira Nascimento, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 18 set. 2014.

Quando a empresa pertencia à Nova Iguaçu, só a Bayer contribuía com 48% na arrecadação de Nova Iguaçu, e quando eu entrei na Fábrica em 1980 como eu havia falado para você, tinha 2980 funcionários, só Bayer, fora os terceirizados. Hoje não, o número de funcionários Bayer é somente 800.⁸⁵

Os trabalhadores da categoria que atuavam em Belford Roxo eram representados pelo Sindicato dos químicos de Nova Iguaçu. É importante mencionar que Belford Roxo era um distrito do município de Nova Iguaçu, tendo se emancipado e sido transformado em município, somente, em 1990.⁸⁶ Com a criação do município, verificou-se a necessidade da criação de uma diretoria provisória para o melhor atendimento aos trabalhadores da categoria neste novo município, o que ocorreu em 14 de maio de 1992, com mandato provisório até 1993. Esta diretoria provisória legalizou o Sindiquímica/Belford Roxo e providenciou as primeiras eleições do sindicato para um mandato de 1993 a 1997.⁸⁷

Quando os funcionários da Bayer tinham como representante o Sindiquímica/ Nova Iguaçu, a participação do operariado nas assembleias era pequena, pois existia o problema da distância. Vejamos os relatos a seguir:

De 80 a 84, que foi quando entrei no sindicato, ele era em Nova Iguaçu. A distância era demais, e existia pouca participação. Já dentro do novo sindicato que nós conseguimos comprar este terreno, fizemos uma campanha junto aos trabalhadores e compramos o terreno, no qual está localizado o sindicato dos químicos de Belford Roxo, aí melhorou a participação. Por ser perto da empresa, eles vinham em assembleia, qualquer problema eles traziam.⁸⁸

Quando era em Nova Iguaçu, o pessoal não ia para lá. O sindicato da gente era em Nova Iguaçu, quando tínhamos uma reunião ou algo da Bayer nós tínhamos que alugar, alugava um local aqui em Belford Roxo porque o pessoal não ia à Nova Iguaçu, achava muito longe. Então, ganhou-se quando a gente comprou o terreno em Belford Roxo e montou a sede social lá. Eu acho que aumentou o número de sócios, as pessoas acreditaram mais, teve-se mais contato com os diretores sindicais que agora estavam mais perto e mudou bastante, teve uma abertura maior. O trabalhador ganhou com isso.⁸⁹

Para minimizar o pequeno número de participantes nas reuniões durante o período de negociação com as empresas de Belford Roxo, era necessário alugar um local no bairro próximo à empresa. Diante disso, os representantes dos trabalhadores de Belford Roxo realizaram uma lista para arrecadar contribuições espontâneas entre os associados e trabalhadores, com valores de 100, 200 ou 300 cruzeiros (moeda corrente da época) para a compra do terreno, onde hoje está situada a sede do Sindiquímica/Belford Roxo. Esta

⁸⁵ Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

⁸⁶ Disponível em: < <http://sindiquimicabr.com.br/historico.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

contribuição contou com a participação de todos.⁹⁰ Esse foi um grande momento de união da categoria e a aquisição do terreno em Belford Roxo é vista como uma grande conquista.

Além disso, outra conquista muito importante ocorreu durante as negociações de 1985, quando os trabalhadores da Bayer ganharam o direito aos 30% de adicional de periculosidade. Uma vitória que também foi muito importante para a aquisição da sede definitiva do Sindiquímica/Belford Roxo. O sindicato fez uma grande mobilização no sentido de orientar os trabalhadores a pressionarem a empresa para a aquisição do adicional de periculosidade. Ocorreram diversas reuniões no local alugado para a discussão do adicional e foi necessária a entrada na justiça para que todo mundo da Bayer ganhasse o benefício. Iniciavam-se assim, os primeiros embates entre sindicato e empresa na década de 1980. O sindicato teve algumas conquistas, apesar de ter seu campo de atuação num terreno difícil, pois muitos trabalhadores tinham a ideia da empresa ser uma mãe e, não percebiam o sindicato como um representante que pudesse buscar ainda mais por eles. Nas palavras de um diretor sindical,

Então, na Baixada é muito difícil, até porque o nível de consciência política do próprio trabalhador, que vê muito isso “ah empresa é uma mãe”, não vê o sindicato como responsável pela organização dos trabalhadores. Desde 1986 que trabalhamos 40 horas semanais, que foi uma conquista do nosso sindicato, na constituição brasileira de 1988 as horas caíram de 48 para 44 horas semanais, a gente trabalha 40 horas tem tempo. Nosso abono de férias é 100%, e também adquirimos 30% de adicional de periculosidade.⁹¹

O sindiquímica adquiriu alguns benefícios significativos para os seus representados e para isso, fazia-se presente no dia a dia do operariado, em momentos de campanha importantes, os representantes iam à porta da fábrica com o carro de som e faziam panfletagem. Era algo necessário, pois à divulgação de informações do sindicato dentro da empresa era restrita a um quadro de avisos e muitos funcionários não atentavam para o quadro e poucos frequentavam as reuniões. Geralmente, o número de frequentadores aumentava nas reuniões para decisões finais.

Segundo informações de um representante da empresa, “em 1982 essa unidade Bayer Belford Roxo chegou a ter 75% de associados ao sindicato. Atualmente, aproxima-se de 60% porque, houve redução do quadro”.⁹² Em comparação com outras unidades da empresa espalhadas por mais quatro estados brasileiro⁹³, a unidade Belford Roxo possui o maior índice

⁹⁰ Disponível em: < <http://sindiquimicabr.com.br/conquista.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

⁹¹ Entrevista do Diretor Sindical Edson Luís de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

⁹² Disponível em: < <http://sindiquimicabr.com.br/conquista.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

⁹³ As atividades do grupo, no Brasil, são desenvolvidas em 6 unidades de produção, instaladas em 4 Estados brasileiros, onde se concentram as seguintes áreas: São Paulo (Cidade) – sede administrativa e área de saúde

de sindicalização. Em São Paulo, a maior parte dos funcionários tem nível superior completo e em Belford Roxo existe uma maior concentração de pessoas com ensino médio completo e com formação técnica. Esse dado é compreensível, pois, o site de Belford Roxo concentram-se as atividades mais operacionais do grupo no Brasil. Ademais, na unidade da Baixada Fluminense os trabalhadores têm mais tempo de emprego, em média 12 anos.⁹⁴

Em pesquisa amostral realizada pelo sindicato dos químicos na década de 80, segundo a ordem de escolha, na opinião dos trabalhadores, as principais funções do sindicato, seriam: fazer a negociação salarial, dar orientação política para a luta dos trabalhadores, prestar serviços de assistência jurídica e oferecer cursos de formação profissional. Logo, se vê que a questão salarial é primordial na ordem de preferência dos trabalhadores. Dessa maneira, eles confiam ao sindicato à intermediação junto à empresa da defesa de sua remuneração. Na empresa, as negociações são realizadas de modo direto entre o sindicato e os dirigentes da Bayer, consolidadas por Acordos Coletivos de Trabalho (ACT). No mês de agosto, ocorrem as negociações, vigorando a partir do primeiro dia do mês de setembro. Geralmente, dois meses antes da data-base, o sindicato convoca os trabalhadores para uma assembleia realizada na sede do sindicato, para definir uma pauta de reivindicação. A pauta é passada para o responsável pela área de RH da unidade que, por sua vez, a envia para o RH de São Paulo, apontando a tendência de negociação no estado. A empresa convoca o sindicato para acertar o andamento do acordo ou convenção. Forma-se uma comissão de negociação com a participação de três diretores do sindicato e mais um consultor. Esse processo de negociação iniciado há muitos anos, ainda hoje é o modelo vigente.

No início dos anos 80, ocorria sempre nos processos de negociação momentos de turbulência entre sindicato e empresa, haja vista a situação econômica do país, na qual os salários dos trabalhadores estavam se deteriorando ano a ano. Os operários pediam índices acima da inflação para assim obter ganhos reais em seus salários. A empresa diversas vezes descreditava os índices usados pelo sindicato e dizia ser impossível conceder o índice de aumento pedido. Ano após ano, o salário dos operários ficava defasado, pois o aumento dado nos anos anteriores não acompanhava a inflação da década de 80, que era grande.

(BHC); Porto Feliz (Interior de SP) – área de químicos (BCH); Belford Roxo (RJ) – área de polímeros (BPO) e Bayer CropScience; Porto Alegre (RS) – área de saúde animal (BHC); Portão (RS) – Bayer CropScience; Camaçari (BA) – área de polímeros (BPO).

⁹⁴ Dados obtidos pela pesquisa do Observatório social, entidade que pesquisou a responsabilidade social e trabalhista de empresas com o capital alemão instaladas no Brasil. Disponível em: < <http://www.observatoriosocial.org.br> >. Acesso em: 18 jan. 2015.

O sindicato dos químicos passou a trabalhar a questão salarial junto aos trabalhadores, fazendo campanhas e panfletagem na porta da fábrica. A imagem da empresa era combatida, pois era difícil mobilizar os operários. Muitos achavam a empresa muito boa, e estavam satisfeitos com o salário pago. Era corriqueiro os funcionários chamarem a companhia de “mãe Bayer”. Desse modo, o sindicato articulou uma estratégia para ilustrar aos operários que a Bayer poderia fazer muito mais do que ela fazia para os trabalhadores. Os membros do sindicato acreditavam que se houvesse uma mobilização maior da classe, haveria uma pressão nos dirigentes fabris na hora da assinatura dos acordos anuais. E faziam a divulgação de mensagens para o despertar dos trabalhadores: “A manifestação da força do trabalhador se faz necessária e é fundamental para demonstrar a união e a disposição de luta que está presente nos companheiros”.⁹⁵

Muitos dos membros do sindicato dos químicos eram ligados a partidos políticos, principalmente PT e PDT. Isso parece ter influenciado a diretoria do último quadriênio da década de 80 a partir para uma nova maneira de abordar a relação com os patrões. Um estilo mais de confronto de opiniões junto aos chefes e de uma maior conscientização dos trabalhadores na luta pelos seus direitos.

Além disso, começou a chegar à Baixada uma influência do que ocorria em São Paulo, nas cidades do ABC paulista. Segundo Everton “Era aquela nova espécie de sindicato que estava chegando aqui, e todos animados achando que aquilo era o mais certo para a época, e foi tanto que naquele tempo houve várias conquistas e muitos ganhos”.⁹⁶ O sindicalista remete-se as atuações dos sindicatos dos metalúrgicos das cidades paulistas, que partiram para o enfrentamento e questionavam a relação de capital e trabalho que vigorava até então.

A influência chegava a Baixada por meio do contato entre os dirigentes sindicais e membros da CUT que vinham ao Rio para participar de congressos e seminários. Nesses eventos, eles passavam a visão cutista de como gerenciar as relações entre sindicato e patrões. O sindicato dos químicos iniciava os diálogos para aumentar seu leque de parceria e alguns diretores eram partidários das ideias da CUT. No final dos anos de 1980, os sindicalistas começaram a ter muitos questionamentos relacionados à empresa. A diretoria da Bayer sofria algumas críticas na sua forma de atuar e de lidar com a questão do salário dos trabalhadores no momento de crise inflacionária nacional. Sendo assim, iniciava-se um processo de queda

⁹⁵ Carta Aberta, “aos companheiros de Luta e a comunidade”, Sindquímica, Sem data.

⁹⁶ Entrevista do operário e Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

de popularidade da empresa junto a alguns trabalhadores sindicalizados. O sindicato percebia que esse era o grande momento para iniciar campanhas para mobilizar a categoria a buscar seus direitos, que naquela época girava em torno de melhores salários. Para a compreensão da escalada de mobilização do sindicato na década de 80, será feita no seguimento do trabalho uma análise sobre os diretores sindicais.

2.1 Os dirigentes sindicais

Nas linhas a seguir tratar-se-á do sindicato dos químicos partindo da análise da trajetória dos dirigentes sindicais ligados a Bayer. O sindicato dos químicos de Nova Iguaçu representava muitas empresas no território iguaçuano, com destaque para Bayer e Compactor. Os funcionários da Bayer compunham boa parte das cadeiras de dirigentes sindicais do sindicato dos químicos, e nas eleições para o sindicato os votos dos trabalhadores Bayer faziam toda diferença. Para o melhor entendimento dos antecedentes da greve, será feita uma análise da trajetória das disputas sindicais da categoria a partir de 1984 até 1989.

Uma figura importante da cena sindical dos químicos foi Djalma de Araújo Lima, que entrou na Bayer como vigilante. De origem baiana, Djalma tornou-se popular entre os colegas, pois era chefe de caixinha, uma espécie de fundo de ajuda que envolvia muitos trabalhadores, que recorriam aos seus empréstimos. Sua popularidade fez com que fosse convidado por Zeberval Augusto Monteiro a compor uma chapa para disputar as eleições de 1985 contra outra chapa cujo Presidente era o Calado. Zeberval havia tido um racha com o Calado, que até então era presidente do Sindicato. Zeberval estava no movimento sindical há 19 anos, e era visto como muito conservador entre os químicos. Nas palavras de um ex-dirigente sindical, Zeberval era um “pelego”.⁹⁷ Nas eleições de 1985, concorreram as chapas de Zeberval e Calado. A disputa foi acirrada, como pode ser visto nas Palavras de Djalma:

Naquela época havia 560 trabalhadores sindicalizados na Bayer e a empresa com 2700 funcionários, o Calado tinha maioria nas fábricas de Nova Iguaçu e um percentual dentro da Bayer, eu disse - fique tranquilo Zé, pois, o Calado terá 50 votos aqui na Bayer e o resto será para nós. Por incrível que pareça o Calado teve 50 votos.⁹⁸

O entrevistado destaca o fato de que a chapa de Djalma e Zeberval venceu as eleições num período em que a empresa ganhava novos funcionários, com a inauguração de novas

⁹⁷ Entrevista ex- Diretor Sindical Aécio Barbosa de Oliveira, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 02 fev. 2015.

⁹⁸ Entrevista ex- Presidente do Sindicato Djalma de Araújo Lima, concedida ao autor- Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

fábricas. Uma fase em que a empresa passava por um processo de transição, com a chegada de jovens, que traziam ideias novas e com uma maior capacidade de mobilização. Traziam também com eles uma pauta de reivindicação que levaram para discussão com o sindicato. Dentre as reivindicações, podemos citar: periculosidade, abono de férias, adicional de turno. Essa pauta não teria passado pelo crivo do sindicato, inclusive Djalma teria votado contra, mesmo antes de ser membro da diretoria. Iniciava-se um choque de gerações entre esse operariado mais recente que chegava a fábrica, e os antigos medalhões da cena sindical. De fato, essa “nova rapaziada”, que chegava à companhia, trazia novas aspirações e reclamava-se coisas que os antigos não reclamavam.

Além disso, começavam- os desentendimentos pessoais entre Djalma e Zeberval, pois o primeiro realizava um contato mais direto e social com o trabalhador, e com o tempo foi adquirindo o respeito e a confiança do operariado. Com a proximidade de um novo processo eleitoral era perceptível, a preferência por Djalma, que percebendo isso propôs ao “Zé” um novo arranjo político: Djalma – presidente, Zeberval – secretário. Entretanto, “Zé” não aceitou, e o clima entre os dois se deteriorou, havendo uma cisão na chapa. Djalma relembra: “Eu tive que fazer a minha chapa às escondidas porque eu trouxe para o meu lado todos aqueles que tinham quase as minhas ideias de reivindicar os nossos interesses, buscar os nossos direitos”.⁹⁹

Para vencer as eleições, Djalma, filiado ao PDT se envolveu com o pessoal do Partido dos Trabalhadores (PT) e à CUT, tendo convidado para participar de sua chapa: Hélio Wanderlei Coelho Filho, Aécio Barbosa de Oliveira, Edson Luiz de Barros e Mário¹⁰⁰. Esses jovens considerados mais radicais, Aécio chegou a fazer parte do PLP e era admirador das ideias da CUT¹⁰¹, e os outros três foram filiados ao PT. Hélio Wanderlei entrou na Bayer em 1985 como bombeiro civil. Era uma pessoa articulada, que ajudava aos supervisores da Bayer a passar a informação aos outros bombeiros nas palestras. Um diretor da empresa, percebendo essa sua qualidade, o chamou para assumir a gestão de informação da empresa, fazendo palestras para todos os funcionários, Fato esse, que o fez ser bastante conhecido entre os

⁹⁹ Entrevista ex- Presidente do Sindicato Djalma de Araújo Lima, concedida ao autor- Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

¹⁰⁰ Não foi possível apurar o sobrenome desse Sindicalista, encontrando somente o primeiro nome – Mário.

¹⁰¹ O **Partido da Libertação Proletária** foi um partido político de esquerda, de orientação [marxista](#), existente no Brasil entre 1989 e 1992. No ano de 1992, o PLP/CGB integra-se à Frente de Esquerda (FR), uma articulação promovida pela [Convergência Socialista](#) que, expulsos do PT, passou a investir na fundação de um novo partido. No âmbito da FR, o CGB/PLP obtém seu registro, passando a denominar-se [Partido da Frente Socialista](#) (PFS). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o_Prolet%C3%A1ria> Acesso em: 20 maio, 2015.

peões, contribuindo assim para ser alvo de convite de Djalma para fazer parte de sua chapa. Edson Luís e Mário também eram operários populares dentro da empresa e Edson era militante do PT e da CUT Baixada. Dessa maneira, a chapa de Djalma ganha expressão entre os funcionários, pois ele se cercou de pessoas com certo prestígio entre os trabalhadores e trouxe para o seu lado uma corrente forte que estava surgindo dentro da empresa, a corrente de pessoas com predileções à esquerda.

Essa junção entre Djalma e pessoas da CUT, em 1988, soa curiosa, pois, em 1984 tinha ocorrido um grande atrito de ideias entre eles. Djalma narra o episódio:

“Isso aqui não tem nada de PT, isso aqui é trabalhador”. Já tinha muita influência do PT no nosso meio “o trabalhador não pode perder essa conquista”. Um cara chamado Marcos era uma fera no discurso era uma competência. Eu, com a minha cabeça chata dizia “o trabalhador não pode perder”, tinha um menino também militante da CUT, o Edson, que dizia para mim baiano, não dá para aceitar. Eu dizia para ele, “você está maluco eu não estou aqui a serviço do PT, nós estamos aqui para defender interesse de trabalhador”. “Eu digo” vamos decidir na assembleia, é lá que a gente decide, eles acreditavam no taco deles acreditavam que iriam derrubar o cabeça chata na assembleia. Levamos a proposta para a assembleia. A tática do PT colocava um grupinho ali outro grupinho lá, ai eles iam para o discurso “que a Bayer pode dar mais”, todos eles falaram, aquela turminha do PT, vinha gente até de Cajamar. Eu “disse terminaram, termino”. Eu não estou aqui para fazer o que PT manda, eu estou aqui para defender os nossos interesses, pois, somos trabalhadores, o sindicato é econômico, político e social não estamos aqui para discutir direção partidária. Você ai fulano ganha quanto, você vai receber isso de aumento mais tudo isso se você quiser vota contra isso aqui. [...] Deixa os companheiros falar eles estão sendo guiados pelo PT eu não. Quero nem saber de PT e de CUT esquece. Mão para cima na votação, e todo mundo aprovou o acordo, meu velho...¹⁰²

Nesse acordo, os trabalhadores tiveram como conquista 90% de aumento e 15% de abono de férias. Apesar disso, houve um confronto entre Djalma e o pessoal da CUT (PT), o que anuncia que a relação de Djalma com os seus novos colegas de chapa podia não ser tão harmoniosa. Entretanto, foi um grande arranjo político que se refletiu nas urnas, consagrando-se como a chapa vencedora com 96% dos votos, e iniciaria o seu mandato no início de 1989.

Djalma ficou envolvido com o sindicato durante 30 anos. Como presidente, foi responsável pela criação da sede em Belford Roxo e sindicalização de muitos operários, como relata:

Naquela época, a Bayer tinha 2700 trabalhadores sendo 2400 sindicalizados. Eu chegava; “meu jovem - você é trabalhador tem que estar sindicalizado, isso aqui foi conquistado para quê?” “Então eu criei aquela união, através de diálogo, da negociação. E dizia sempre para eles a greve não é o melhor instrumento, o melhor instrumento é a negociação, é a organização operária, união entre os trabalhadores”. A Bayer nos atendeu porque nós nos unimos, a greve é muito fácil, ela peita, põe o

¹⁰² Entrevista ex- Presidente do Sindicato Djalma de Araújo Lima, concedida ao autor- Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

cara na rua. Tem prejuízos, mas então a greve para mim não é o primeiro item, pois, se fosse bom, como não presta é o último. O que nós falamos na pauta – “se não der, vamos entrar em greve-”.¹⁰³

No relato acima percebemos dois pontos na personalidade do sindicalista. Primeiro, ele tinha um grande apreço pela sindicalização dos operários, chegando o ponto de abordar pessoalmente muitos e com seu poder de persuadir convencia boa quantidade a se tornar sindicalizado. O segundo ponto é o seu desprezo pelo uso da greve como instrumento para se conseguir melhorias, preferindo a negociação na maioria das situações. Ele achava que o ponto chave era a organização da classe dos químicos, melhor maneira de conseguir as conquistas.

O discurso de Djalma não batia com o de muitos outros sindicalistas mais radicais que havia dentro da empresa. Quando chegou próximo das eleições, Djalma relata:

Venho à eleição o Zeberval não estava mais não, disseram “vamos fazer uma chapa contra o Djalma”, ai foram para a porta da fábrica, aquele discurso. Eu cheguei para eles e disse – “vocês podem para lá fazer a proposta de vocês é o direito de vocês, agora só não vai para lá dizer que dirigente sindical é ladrão, que ele rouba, não faz isso, pois, não acrescenta ao trabalhador [...] Leve sua proposta política ao trabalhador, faz a chapa de vocês e eu farei a minha quem quiser ficar com vocês que fique é a democracia” [...] foram para a porta de fábrica, fizeram a proposta deles, quando foi para registrar a chapa deles, eles não tinham a chapa pronta, eram 16 membros e, eles não conseguiram, conseguiram somente 12, eu disse por mim vocês podem concorrer, mas disseram, “o Djalma, o estatuto não permite, se não permite então não pode”. Lideravam essa chapa o Marco e o Isidoro. Eu ganhei todos eles. O trabalhador me avisava Djalma, esses caras da CUT, não são fáceis, eu dizia “eles são bons, é importante para o sindicato a gente ter”, foram uns caras que apesar da divergência, ajudaram, com divergência, mas foram nas divergências que nós conquistamos que eles traziam a proposta eu levava ao trabalhador.¹⁰⁴

A sombra da presença dos membros da CUT e de pessoas ligadas a partido político ajudou o sindicato dos químicos a modificar seu estilo, que em anos anteriores se refletia em acordos anuais, os quais não passavam de mera formalidade entre sindicato e empresa. A participação desses membros nas discussões sobre as pautas trouxe aos químicos um estilo mais reivindicativo, embora houvesse muito choque de opinião entre esses e o presidente do sindicato. Ocorreram muitos episódios como o relatado abaixo:

Teve um acordo que nós fizemos que nós tínhamos 23.10% de ganho real, não é fácil conquistar isso. Eu cheguei para o Cavalcanti, que era Diretor de Recursos Humanos falei para ele quero 50% de aumento, ele disse – “você está maluco Djalma”. Ele pegou a máquina calculou 23% de ganho Real “Djalma”, “eu disse – sei lá eu não entendo isso”. “A Bayer não irá te dar isso. Eu não quero nada, a Bayer dará isso ao trabalhador”. “Assinei e mandei a proposta para São Paulo. Três dias depois o Cavalcanti me “chama Djalma, - Se eu sou peão eu mando fazer uma estátua sua ali- a Bayer aceitou a sua proposta”. “Eu disse –“ quem ganha com isso é

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ Ibid.

o trabalhador, e eu sou trabalhador”. Sou sindicalista não sou partidário, tenho minha visão política, mas aqui é sindicato. E os caras da CUT queriam derrubar essa proposta com 23.10, fora os adicionais, as conquistas sociais, e os caras queriam derrubar essa proposta! Inventaram uma conversa e o Edson foi lá, em casa Djalma, - “nós não podemos aprovar essa proposta”, “eu disse” –“ Por que Edson? Pois depois que o acordo for assinado a Bayer vai mandar o Marco embora”. – O Marco era líder deles, não meu, mas eu respeitava. Eu disse para o Edson, a gente que luta por uma causa morre e vive, se “a gente está lutando por uma causa, não acredito que a Bayer mandará o Marco embora, nós teremos uma conversa com a empresa, não podemos rejeitar essa proposta”. Levantei cedo, entrei na fábrica fui falar com o Paulo, que era esposo da sobrinha do Marco e amigo do Brunni, diretor alemão. Disse ao Paulo fiquei sabendo dessa e dessa história o que tem de verdade? “Djalma, o que o Brunni me falou foi o que o Marcos é um rapaz muito inteligente, preparado, que a Bayer não investia nele por conta de seu envolvimento com o movimento sindical, mas ela não disse que mandaria ele embora”. Conclui que era artimanha do PT, que sempre tem. Reunimos a direção da Bayer antes de assinar o acordo, para colocar tudo a limpo. Colocamos um adendo: se a Bayer demitisse o Marco, iríamos parar a fábrica por tempo indeterminado, o Zeberval ainda era presidente. Monteffucio, que era diretor Bayer, no dia de assinar o acordo, disse “a Bayer jamais faria isso, ela não é uma empresa mesquinha”.¹⁰⁵

O ocorrido revela uma relação de divergência entre Djalma e alguns membros da CUT, quando o assunto era o fechamento de acordos. Havia sempre uma discordância em relação aos ganhos e o que pedi a fábrica. Na visão do sindicalista, os membros do PT tinham muita artimanha, e ele tentava seguir suas convicções na direção do sindicato dos químicos relutando bravamente contra qualquer intervenção partidária no mesmo.

Em Janeiro de 1989, a chapa encabeçada por Djalma iniciava o seu mandato. A mesma era composta por membros que tinham personalidades e modos de pensar diferenciados sobre o sindicalismo. Como nos informa Hélio Wanderlei:

Eu comecei a conversar com o Mário e o Aécio, eu sempre os achei muito radicais. Eu sou um cara mais de diálogo, se vamos fazer greve, vamos fazer greve, mas não vamos quebrar o carro dos outros e nem a propriedade alheia, eu não quero que quebrem a minha propriedade. Então, eu tenho essa postura diferente na visão de determinados movimentos sociais ou até mesmo do movimento sindical.¹⁰⁶

Era uma chapa heterogênea, Hélio Wanderlei e Aécio tornaram-se militantes de partido político e tinham novas ideias para administração da máquina sindical. Hélio relata como era a composição da chapa e essas novas ideias:

Fazia parte da chapa Eu, Aécio, Mário, Djalma, Edson erámos os mais a frente do processo. Djalma era o presidente, Edson o tesoureiro então eram os dois que estavam sempre fechados. Eu, Aécio e Mário viramos oposição dentro do próprio sindicato, porque a gente queria abertura da contabilidade, queríamos máquinas novas para rodar boletim, nós queríamos mudar o sistema de gestão da fábrica. Como eu estava fazendo engenharia eu propus a Aécio, Mário e Djalma que eu ficaria no departamento de saúde e ecologia humana. Lá em 89, assim que tomamos posse eu disse quero criar um departamento de saúde e ecologia humana, pois saúde

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

tinha a ver com o meu trabalho, engenharia do trabalho e, eu já sabia dos acidentes e problemas de saúde do trabalhador.¹⁰⁷

Pelo narrado acima, os três que tinham ideias diferenciadas tornaram-se oposição dentro do sindicato, divergiam com Djalma. Hélio Wanderlei chegou a criar o departamento de saúde e ecologia humana numa salinha apertada e quente dentro da fábrica. O início de mandato turbulento não o deixou dedicar a atenção que ele queria para o departamento. Muitas greves pipocaram, no início do ano de 1989, ano que estava com inflação de 90% todo mês.

Ademais, Hélio tendeu a ficar ao lado de Aécio e Mário, que tinham uma noção de sindicato mais radicalizada, firmando dessa maneira uma oposição dentro do sindicato, ele conta como foi convidado a exercer essa oposição pelos dois:

Quando ganhamos as eleições, comecei com o departamento, e comecei a trabalhar com Djalma perguntando, cobrando e tal. Aécio e Mário percebem que sou mais organizado e me chamam para o lado deles, para uma série de reuniões “clandestinas”, “não clandestinas”, na casa de um companheiro chamado Homero, que era um companheiro ligado a um grupo de estudo sobre o Marxismo. Eu ficava lá, lendo, ouvindo e debatendo. Eu nunca tive saco para ler “O capital de Marx”[...] Foi interessante, porque eu comecei a ouvir mais e entender a posição. O problema com o Djalma era que a gente tinha uma visão diferente da dele, ele era pró- diálogo com o patrão e sempre uns acordos meia- bomba, a gente para radicalização, não dá “para ser assim mais. Tem que ter comissão de fábrica, não tinha comissão, mas tem o sindicato”. Eu digo “comissão de fábrica é o dia a dia. Se na Alemanha tem comissão de fábrica, porque uma empresa alemã no Brasil não pode ter comissão de fábrica. Acordo sindical é para ultrapassar a lei”.¹⁰⁸

Essa tendência à radicalização pode ter sido influenciada pelos estudos que eles estavam fazendo e também pela participação em partido político. Djalma como já vimos resistia bravamente a qualquer intervenção partidária na direção do sindicato, e a linha seguida pelo presidente de tentar sempre o diálogo já não era tão bem vista pelos seus diretores mais a esquerda. Além disso, a chapa iniciou o seu mandato em águas intranquilas, pois:

A Bayer entrou numa crise violenta, com inflação de 90% ao mês, pauleira e, todo mês. A Bayer não conseguia reajustar o salário. É obvio, quem é que consegue reajustar o salário todo mês? E aí a gente já estava num conflito com as fábricas aqui fora, com as pequenas fábricas como: a Condor, lá em Vila de Cava, que era de explosivo, a Tintas Águia, na Estrada do Iguazu, a Compactor, a Ortobom. Ou seja, tinha umas quatro ou cinco fábricas que era uma merda trabalhar num lugar desses, século XIX. Havia uma revolta, só que o pessoal não conseguia se organizar todo mundo tinha medo de perder o emprego naquela época. E começou a pipocar greve, “vamos parar! Vamos”. E paramos quatro ou cinco fábricas. Aí você não consegue dormir direito, conflitos em casa, conflitos no próprio sindicato. Tive uma briga com o Djalma, quase chegamos as vias de fato dentro do sindicato, Aécio perdeu a

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid.

razão, Mario muito estourado partiu para cima dele e o Edson tentando apaziguar. Teve momentos, assim extremamente difícil com o Djalma. Mas volto a dizer, é um cara que defende a sua convicção, vai morrer defendendo a sua convicção. E, nós vamos morrer defendendo a nossa, então são dois lados defendendo aquilo que faz.¹⁰⁹

O momento tenso vivido com diversas greves gerou um conflito grave entre os membros da diretoria, entretanto existia respeito entre eles, mas cada lado tinha sua convicção e procurava defender usando seus meios. O perfil dos membros dessa nova diretoria revela pessoas de opinião mais crítica e de força para levar a causa operária adiante buscando o melhor para os trabalhadores, visto que pararam algumas fábricas no território de Nova Iguaçu, além da promoção de intensos debates dentro do sindicato. Nas palavras de Aécio:

Nós três estávamos fazendo uma oposição dentro da direção. Olha que loucura, só o Brasil mesmo com esse tropicalismo e tudo mais. Nós fomos reconhecidos pela CUT como oposição sindical estando dentro de uma direção [...] Eu e Mário conversávamos sobre isso a gente entra na direção e vai ajustando ali ou os caras vão mais para esquerda ou.¹¹⁰

Esses jovens diretores pretendiam colocar o seu jeito de administrar o sindicato e as causas do operariado, entretanto esbarravam no estilo de comandar do presidente. Todavia, a direção mesmo dividida, agia parando algumas fábricas. Segundo Hélio Wanderlei foram seis meses intenso:

Aécio disse “- vamos parar a fábrica de tintas Tupan por falta de salário”, falei “vamos”. “Vamos para Expo”, greve na Expo. Foram uns seis ou sete meses de greve todos os dias, já não dormia em casa mais, ou seja, eu comecei a entender o que era um movimento coletivo. No início do nosso mandato tinha inflação todo mês, problemas com o plano cruzado, só crise e, eu vivo crise desde quando nasci.

Participar de um movimento coletivo tinha as suas lutas e os jovens da diretoria sentiram na pele as dificuldades de quem atuava ativamente no movimento sindical. Há certa abdicação de momentos tranquilos com a família, e o sindicalismo consome significativa parte do tempo de seus membros. Com as greves ocorrendo frequentemente, a categoria começava a ganhar experiência em como conduzir as negociações e como agir no cotidiano de uma greve. Com o insucesso de algumas, como foi o caso da Compactor, que teve uma paralisação sem muito resultado. Contudo, sempre se tirava um aprendizado. Hélio narra como foi a greve nessa fábrica:

Por alguns dias nós fizemos a greve na Compactor, que não demorou 2 ou 3 dias, foi uma derrota total. A gente não tinha planejamento, não tinha estratégia. O movimento dentro da fábrica ainda não estava consolidado, não tinha célula operaria

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Entrevista ex- Diretor Sindical Aécio Barbosa de Oliveira, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 02 fev. 2015.

dentro da fábrica, não tinha nada. Foi muito espontâneo e todo movimento espontâneo vai a nada.¹¹¹

Com esse evento percebia que para se obter sucesso numa paralisação é necessário ter organização e planejamento das ações. Ademais, a espontaneidade do movimento pode levar ao insucesso, a categoria durante os primeiros seis meses do ano parou outras fábricas obtendo resultados mais significativos. Na Bayer, as primeiras ações da nova diretoria concentraram-se em paralisações de 24 horas, pois a situação não era boa. Assim, houve uma paralisação fechando o restaurante da Bayer para servir comida noite. Os funcionários do período noturno não recebiam jantar apenas um lanche, desse modo ocorreu o episódio:

Nós fechamos o restaurante da Bayer, fazendo uma greve de alimentação, nós fizemos isso, pois não tínhamos comida à noite. Trabalhava noturno recebia uma maçã, uma pera e um sanduíche de mortadela ou queijo e, se trabalhava 8 horas na madrugada com uma alimentação péssima. A gente fez greve de 24 horas para parar o restaurante. Ai conseguimos a comida à noite. Ai o pessoal começou a perceber que a greve de 24 horas dava certo, o pessoal começou a se animar.¹¹²

A paralisação por comida no restaurante ocorreu em maio, e houve um bom resultado, o que mostra que a categoria estava se organizando. Além disso, ficou demonstrado no ocorrido que o espírito reivindicativo só crescia dentro da fábrica. Esse tipo de movimento fez os diretores da Bayer ligarem o piscar alerta. Entre os operários, surgiu uma cultura de que a empresa não aguentava 3 dias de greve, fato esse que gerava uma euforia nos membros mais radicalizados, que tinham anseios de angariar mais benefícios para os trabalhadores. No entanto, não se falava em parar a fábrica por tempo indeterminado. A greve de 24 horas era utilizada como último recurso, e era um alerta para empresa. O interessante é perceber que essa estratégia não fora utilizada antes por nenhuma outra diretoria, era um fato novo com o qual a companhia, ainda não sabia muito bem como lidar.

Na década de 80, ocorreram significativas mudanças no operariado da Bayer. Com a instalação das novas fábricas como a do MDI e implementação de oficinas para formar mão-de-obra, a empresa ganha novos operários com uma mentalidade diferenciada. Somado a esse fato, a conjuntura externa estava propícia para a união dos trabalhadores em prol dos seus direitos. Havia uma crise econômica muito forte, a inflação só crescia ao longo dos meses e na dificuldade os trabalhadores se uniram para parar algumas fábricas. Ademais, uma galera ligada ao PT, à Democracia Socialista e à Convergência começa a entrar na empresa. Desse grupo lia muita coisa sobre as origens do novo sindicalismo, e isso parece ter influenciado de

¹¹¹ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho Wanderley, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

¹¹² Ibid.

alguma maneira o sindicato a ser mais ativo em suas ações. Nas reuniões de negociação segundo Hélio: “A Bayer começou a negociar com o sindicato, íamos para a reunião o Djalma de um lado, eu, Mário e Aécio e a ‘porrada comia’ e, o Djalma no final dizia ‘vamos fazer um acordo’”.¹¹³ Esse era o cenário das reuniões que antecederam a greve de 1989. Debates frenéticos ocorriam.

Nas linhas anteriores, ficou demonstrado que houve organização operária e, também muita divergência em torno de diversas questões. Mas segundo o próprio presidente do sindicato do último triênio dos anos 80, foi nas discordâncias que o sindicato dos químicos evoluiu. O propósito desse capítulo foi entender melhor a relação dos químicos enquanto uma categoria profissional, percebido que eles formam um grupo heterogêneo, que possui subgrupos os quais compartilham os mesmos interesses em lutar pelo bem do trabalhador. Entretanto, divergem nos meios para se atingir esse bem: um grupo usa formas radicais com influência ideológica partidária e principalmente da CUT, o outro, representado pela figura de Djalma, é avesso a qualquer influência de partidos e preza pela organização operária desprezando o uso da greve como forma de legitimar os direitos dos trabalhadores.

Como visto no meio do ano de 1989, havia uma diretoria rachada. Como será que ela se organizou na greve? Como a empresa reagiu à reivindicação dos trabalhadores? Qual foi a duração da paralisação? O próximo capítulo dedicar-se-á a investigar essa experiência industrial vivida por diversas empresas, “a experiência da greve”, que na Bayer teve suas cenas em junho de 89. Nesse período, pipocaram diversas greves em vários lugares do país, principalmente na região do ABC paulista, de onde vieram as ideias do novo sindicalismo, que influenciaram muitos sindicalistas da Bayer. O que implicou essa greve na relação entre Bayer e sindicato? Buscar respostas para essas indagações é a proposta do próximo capítulo, no qual a paralisação será analisada.

¹¹³ Ibid.

Capítulo 3

A greve de 1989

A história da classe operária brasileira na segunda metade do século XX passa por um aprendizado da legislação trabalhista, bem como por lutas travadas nos tribunais a partir da busca pelos direitos. Em muitos casos a busca pelos direitos ultrapassava os limites da fábrica e tomava forma de greves, um grande conflito de interesses entre empregadores e empregados. Ao analisarmos o desenrolar de uma greve é possível perceber a complexidade dos processos sociais, que surgem durante o embate entre patrões e empregados. Não desejando perder de vista a greve como um processo social complexo, será feita uma análise sobre esse fato através de um estudo de caso, desse que é reconhecido como a expressão máxima de resistência coletiva de uma classe.

Para compreender a relação da Bayer com seus trabalhadores, faz – se necessário entender a greve ocorrida em 1989, - fato histórico para a empresa-, com duração de mais de duas semanas. A greve foi julgada ilegal e ocasionou a mudança na relação entre aquela indústria química e sindicato, levou também a demissões de lideranças sindicais que entraram na Justiça do Trabalho e, posteriormente voltaram para seus postos de trabalhos.

O objetivo aqui é narrar a greve da Bayer e responder a alguns questionamentos, como: a) Por que ela ocorreu naquele momento? b) Quais eram as reivindicações dos trabalhadores? c) Como se organizaram os trabalhadores nos dias da greve? d) Qual foi a posição da empresa junto ao movimento grevista? A partir dessas indagações, poder-se-á trazer à tona a luta dos trabalhadores da Bayer em prol dos seus direitos enquanto força de trabalho, analisar a formação de uma consciência de classe e perceber as contradições existentes na relação entre empresa e trabalhadores.

Antes de entrar propriamente nos acontecimentos da greve da empresa, pautaremos nossa discussão no direito de greve, que é uma das maiores conquistas jurídicas na seara trabalhista, por meio da qual os trabalhadores lutam para a preservação de seus direitos, quando violados ou na iminência de uma violação. Dessa maneira, apresentaremos de modo sintético a natureza jurídica, o conceito e a trajetória do direito de greve no Brasil. Será ilustrado de modo geral como ela foi encarada historicamente no Brasil, sua permissão de uso

e proibições até vir a se tornar uma garantia constitucional por meio da constituição promulgada em 1988.

Historicamente, a greve no Brasil se apresenta como uma ação de embate e de risco, que mobiliza os trabalhadores na defesa de seus interesses. Eles, assim, organizam-se de forma coletiva e usam a greve para se tentar conquistar as suas demandas. Todavia, a depender da caracterização jurídica, ela pode ser entendida como direito ou delito e, portanto ser proibida ou permitida pela legislação trabalhista.

Alguns doutrinadores definem a greve como toda interrupção de trabalho, de forma temporária originada pelas reivindicações suscetíveis de beneficiar todos ou parte do pessoal e apoiada por parcela significativa da opinião obreira¹¹⁴. Pela legislação brasileira, a greve é classificada como sendo uma suspensão coletiva, temporária e pacífica, total ou parcial, de prestação de serviços ao tomador.¹¹⁵

A greve em muitos casos é utilizada por um grupo de trabalhadores com o objetivo de exercer pressão sobre o empregador para atender determinadas demandas. Na relação desigual entre empregador e empregado, o direito do trabalho age com o intuito de minorar as desigualdades e, visa proteger uma das partes, de modo, a alcançar uma igualdade substancial, verdadeira entre as mesmas.

Desde a época da Revolução Industrial, os trabalhadores paralisavam as atividades como forma de protesto por melhores condições laborais. Ao longo da história as paralisações contaram com conceituações jurídicas diferentes, ora delito, um direito. Por exemplo: na França o código napoleônico punia com multa e prisão a greve dos trabalhadores. A Itália, em 1947 já reconhecia a greve como um direito. No Brasil, durante muito tempo foi considerada um delito e, em algumas cartas políticas sequer havia uma previsão legal a respeito. Com a constituição cidadã de 1988, o direito de greve foi reconhecido e de certa forma assegurado nela, o trabalhador possui a prerrogativa de livre associação, bem como a greve.¹¹⁶

Numa análise evolutiva das constituições no que toca ao direito de greve no Brasil, as Constituições de 1824 e 1891 foram negligentes, em razão do pensamento econômico liberal predominante à época.¹¹⁷ O Código Penal de 1890 proibia o seu uso, e isso foi mantido

¹¹⁴ DURAND, Paul, apud MARTINS, Sergio Pinto. Greve do serviço público. São Paulo: Atlas, 2001, p. 28.

¹¹⁵ SINAY, Hélène apud MARTINS, Op. cit., p. 28.

¹¹⁶ MARTINS, Sergio Pinto. Greve do serviço público. São Paulo: Atlas, 2001, p. 28-31.

¹¹⁷ ZANGRANDO, Carlos Henrique da Silva. Greve do servidor público. São Paulo: Atlas, 2001, p. 29.

mesmo com o advento do Decreto nº 1.162, de 12.12.1890. A Constituição de 1934 também foi omissa no que diz respeito ao direito de greve, sendo esta caracterizada como um fato social tolerado pelo Estado.¹¹⁸ A Carta magna de 1937, em seu art. 139, 2ª parte, fazia a proibição da greve e do lockout, considerando-os como recursos antissociais. O Decreto-lei nº 431, de 18.05.1938, que falava sobre segurança nacional, qualificou a greve como crime, no que tange ao incitamento de funcionários a paralisar os serviços. O Decreto-lei nº 1.237, de 02.05.1939, que instituiu a Justiça do Trabalho, previa punições em caso de greve, desde a suspensão disciplinar e a despedida por justa causa, até a pena de detenção. O Código Penal de 1940, em seus arts. 200 e 201 considerava crime a paralisação do trabalho, em casos de perturbação da ordem pública ou se o movimento fosse contrário aos interesses públicos. Com a promulgação da CLT, em 1943, estabeleceu-se pena de suspensão ou dispensa do emprego, perda do cargo de representante profissional que tivesse em gozo de mandato sindical, suspensão pelo prazo de dois a cinco anos do direito de ser eleito como representante sindical, nos casos de suspensão coletiva do trabalho, sem prévia autorização do Tribunal.¹¹⁹

A Constituição de 1967 garantiu o direito de greve, restringindo-o, todavia, em relação aos serviços públicos e atividades essenciais (art. 158, XXI c/c 157, § 7º). A Emenda Constitucional nº 1, de 17.10.1969, manteve a mesma orientação (art. 165, XX, e 162). Após um período de ditadura, tem-se uma nova fase de garantia dos direitos através da promulgação da Constituição de 1988. Ela representou um grande avanço em termos de direitos sociais e no processo de democratização do país. Nesse contexto, o legislador consagrou o direito de greve pelo art. 9º da Magna Carta. Em querendo se entender o direito de greve em solo brasileiro, faz-se relevante a análise das condições e requisitos para que ela ocorra dentro da observância da legalidade. Tais limitações estão presentes no ordenamento jurídico brasileiro, sendo que na constituição federal encontram-se os seguintes dispositivos:

Art. 9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.

Art. 37, VII - o direito de greve será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica;

Com a lei de Lei 7.783, de 28 de junho de 1989, o Legislador efetivamente fixou os limites ao exercício do direito de greve (tal como requisitado pelo artigo 37, VII, da

¹¹⁸ LEITE, Carlos Henrique Bezerra. A greve do servidor público após a Emenda Constitucional N. 19/1998. In: SANTOS, José Ronald Cavalcante (coord.). O servidor público e a Justiça do Trabalho (estudos em homenagem ao Ministro Ronaldo José Lopes Leal). São Paulo: LTR, 2005.

¹¹⁹ DE PAULA, Roseli Gomes. Direito de greve do servidor público civil. Monografia apresentada à Universidade Estácio de Sá como requisito para obtenção do título de Bacharel em Direito.

Constituição Federal). Segundo Juliana Morillas através dela se tem “os requisitos à legitimidade da greve no Brasil: (i) frustração de negociação coletiva ou impossibilidade de recurso à arbitragem; e (ii) aviso prévio ao empregador (ou organização empresarial)”.¹²⁰ Ainda conforme Morillas a negociação apresenta-se, portanto, como uma condição para a utilização do direito a greve. Na linha de análise sobre os requisitos da legitimidade grevista Amauri Mascaro Nascimento ilustra que:

a negociação coletiva não teria por si expressão sem o correlato direito de greve, já que bastaria a recusa empresarial em negociar e o pleito terminaria sem outras consequências. Desse modo, a greve está diretamente relacionada com a negociação coletiva e nesse sentido é que ambas as figuras integram o campo maior dos direitos coletivos dos trabalhadores, definidos pela Constituição, dentre outros, o expresse reconhecimento das convenções coletivas de trabalho (CF, art. 7º, XXVI) e obrigatoriedade de participação dos sindicatos nas negociações coletivas de trabalho (CF, art. 8, VI).¹²¹

Percebemos no exposto acima a importância da instituição sindical, já que ela possui a obrigatoriedade de participar das negociações coletivas de trabalho e, há um vínculo entre a greve e o sindicato. Sobre isso, Julio Cesar do Prado Leite informa que:

A greve é um direito fundamental que se arrima na Declaração dos Direitos do Homem (...) Com efeito, o ato internacional em causa, de modo explícito, cuida de assegurar condições justas e favoráveis de trabalho. Para obtê-las ou confirmá-las todo trabalhador tem direito a organizar sindicatos e neles ingressar para a proteção de seus interesses. Não há greve sem sindicato. O sindicato tornar-se-ia uma mera associação corporativa assistencial se não dispuser do direito de fazer greve.¹²²

Outro autor renomado no campo do direito, Carlos Henrique Bezerra Leite indica que o tema da frustração da negociação coletiva é possível de ocorrer por recusa à negociação ou desacordo no curso dela. Ainda segundo ele:

A recusa em negociar pode ser tácita, que se caracteriza pela ausência de resposta ao pleito sindical no prazo assinalado ou expressa que pode ser verbal ou escrita. Na primeira, o empregador simplesmente comparece ao local declinado pelo sindicato e diz que não pretende negociar; na segunda, há trocas de expedientes (cartas, ofícios etc.) entre as partes.¹²³

O segundo ponto para a legalidade do movimento grevista é atender os prazos de aviso ao empregador da ocorrência da paralisação trabalhista, não deixando de atentar para a

¹²⁰ MORILLAS, Juliana. Direito de Greve no Brasil: condições e limitações. Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 6, n. 2, p. 152-162, jul./dez. 2012.

¹²¹ NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Comentários à lei de greve**. São Paulo: LTr, 1989. _____ . **Compêndio de direito sindical**. 4. ed. São Paulo: LTr, 2005, p.49.

¹²² PRADO LEITE, Julio César do. A greve no contexto democrático. In: Revista Síntese Trabalhista. Porto Alegre, RS, n. 82, abr. 1996, p.19.

¹²³ LEITE, Carlos Henrique Bezerra. **A greve como direito fundamental**. Curitiba: Juruá, 2000, p.60.

questão de serviços essenciais que não podem ser paralisados por completo. Assim, a instituição sindical e empregador devem entrar em acordo sobre essa temática.

Até aqui, foi demonstrado que a greve se constituiu em um direito fundamental do trabalhador. Entretanto, ele não é um direito absoluto, pelo ordenamento jurídico a inobservância do que está previsto no texto legal da lei Lei 7.783/89, como também a desobediência do que foi estabelecido em acordo coletivo, convenção coletiva ou decisão da Justiça do Trabalho acarreta abuso no exercício de direito de greve. Além disso, Morillas alerta que “responderão os grevistas e/ou o sindicato por quaisquer atos ilícitos ou crimes cometidos no curso da greve, os quais serão apurados. Esta responsabilidade não se restringe à esfera trabalhista, podendo abarcar também o âmbito civil ou criminal”.¹²⁴ Pode-se perceber que há todo um aparato jurídico para regular as relações de trabalho no Brasil, nas linhas a seguir tratar-se-á sobre a criação da CLT e da Justiça do Trabalho procurando ilustrar o significado destas instituições na vida dos membros da classe operária brasileira.

3.1 A CLT e a Justiça do Trabalho

O mundo do trabalho e dos profissionais liberais no Brasil, a partir de 1943, tem sido regulado por um código de trabalho sistematizado e organizado, que se cumprido a rigor pode receber o título de a mais avançada legislação social do mundo. Essa legislação social e trabalhista brasileira tomou forma em 1943 na Consolidação das Leis do Trabalho (ou CLT, forma mais conhecida) durante o Governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo. Essa realização de Vargas é uma das mais importantes iniciativas políticas criadas por um estadista brasileiro. Segundo José Sérgio Leite Lopes “as disposições legais criadas para proteger os direitos do trabalho têm tido um significativo papel na formação política e cultural da classe trabalhadora brasileira”.¹²⁵ A CLT fez com que sindicalistas aprendessem a utilizar os dispositivos da lei ao seu favor, como também perceber as limitações da mesma no campo de luta entre industriais e trabalhadores.

Na CLT, há artigos que visam legislar sobre quase todos os aspectos importantes do mundo do trabalho. Entretanto, existe um grande abismo entre a lei e a realidade que é aplicada no interior das fábricas. Em estudo que pretendia perceber a relação entre a CLT e a cultura política dos trabalhadores, John French percebeu:

Notório e quase esquizofrênico contraste entre Lei e realidade, teoria e prática, palavras e atos é, sem dúvida, um problema clássico bastante discutido na historiografia e na literatura sobre as relações de trabalho. Não é raro, de forma

¹²⁴ MORILLAS, Juliana. Op.cit., p.156.

¹²⁵ LOPES, José Sérgio Leite, Op. cit., p.10.

alguma, encontrar uma situação em que as coisas existem no papel, mas não na realidade; em que a lei, a justiça e os direitos existem apenas nominalmente, formalmente e sem consequências.¹²⁶

Apesar de em alguns casos ser vista como uma fachada, a CLT formou, conforme Marica Célia Paoli observou “a base da luta de classes, onde a cultura e a política encontraram a vida cotidiana”, já que reconhecia “as demandas culturais mais amplas por justiça e imparcialidade nas condições de trabalho”.¹²⁷ Se há alguma conquista, ela se encontra no fato de que as condições de trabalho foram reguladas por parâmetros definidos em lei. Larissa Rosa Corrêa percebe a CLT mesmo sendo alvo de diversas críticas, principalmente no tocante ao contexto político que foi elaborada, ela tem a função de intermediar as relações entre patrões e empregados é uma arma considerável nas mãos da classe trabalhadora.¹²⁸

Atualmente, os industriais buscam desestabilizar a Justiça do Trabalho, criticam-na como a “indústria do processo”. Eles tentam cada vez mais adotar medidas para internalizar os conflitos e, assim afastar os trabalhadores da Justiça do Trabalho. O aumento do número de empregados que recorrem à Justiça do Trabalho pode revelar um maior grau de consciência dos trabalhadores acerca dos direitos, pesquisas recentes mostram os trabalhadores se apropriando da noção de direito. Recorrer à Justiça do Trabalho foi prática recorrente desde a criação da instituição. Ela tomou forma de um escudo utilizado pelos trabalhadores para se defender de medidas ilegais adotadas por empregadores em ambientes de trabalho, “botar questão” na justiça vai ao encontro à noção de “microfísica da resistência” individual e coletiva cunhada por José Sérgio Leite Lopes.¹²⁹ A postura da classe patronal de constantes ataques e tentativas de extinção da justiça trabalhista é reveladora, pois, mostra a relevância histórica da instituição no papel de ser a defensora dos direitos dos trabalhadores.

Sobre a Justiça do Trabalho em São Paulo, uma rica análise das negociações e dos conflitos entre os trabalhadores e os empregadores é feita por Larissa Rosa Corrêa. Ela faz um belo estudo sobre direitos do trabalho no nosso país, utilizando-se de autos judiciais e uma série de outros documentos como fontes históricas. A autora faz uma análise dos processos judiciais guardados no Tribunal Regional do Trabalho (2º região) e ilustra a ativação da Justiça do Trabalho por trabalhadores têxteis e metalúrgicos, bem como percebe a atuação dos sindicatos, advogados sindicalistas e dos agentes que interpretam as leis trabalhistas.

¹²⁶ FRENCH, John D. Afogados em leis – A CLT e a cultura dos trabalhadores brasileiros. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.p.23.

¹²⁷ FRENCH, John D.Op.cit., p.57.

¹²⁸ CORRÊA, Larissa Rosa. *A Tessitura dos Direitos-Patrões e Empregados na Justiça do Trabalho, 1953-1964*. São Paulo: LTr 75/Fapesp, 2011.

¹²⁹ LOPES, José Sérgio Leite. Op.cit.

Corrêa mostra uma associação bem sucedida entre advogados trabalhistas e sindicalistas nos primeiros anos de vigência da CLT. Os advogados trabalhistas engajados na política agiam na orientação dos trabalhadores e faziam um excelente papel nos tribunais com uma bela oratória em prol da defesa de que alguns artigos da consolidação das leis do trabalho fossem cumpridos em favor dos operários. Para exemplificar isso, a historiadora usou depoimentos de renomados advogados que dominavam o campo do direito do trabalho (Rio Branco Paranhos, Ênio Sandoval Peixoto, Agenor Barreto Parente) entre outros. A associação de sindicalistas e tais advogados fez com que o número das demandas trabalhistas aumentasse e um acréscimo de ações na justiça foi visto.

Todavia, entrar na justiça não era certeza de causa ganha, as dificuldades na busca pelos direitos fez com que a classe trabalhadora adquirisse um aprendizado sobre a legislação trabalhista. A pesquisa da autora mostra que os sindicatos preocupavam-se em dar uma educação jurídica aos seus associados, impressos eram distribuídos se utilizavam de uma linguagem clara e pretendiam uma maior aproximação com o trabalhador. A intenção era criar uma consciência jurídica nos trabalhadores. Pela experiência de vida, alguns empregados perceberam que os processos na Justiça do Trabalho sempre eram uma luta, sem contar a morosidade da mesma. A lei trabalhista, ainda hoje, permite estratégias de ambos os lados e os patrões utilizavam artimanhas que visavam protelar o andamento do processo. Dessa maneira, em muitos casos trabalhadores aceitavam indenizações mais baixas ou o adiamento do pagamento pelos patrões, o que acaba esvaziando os ganhos e diminuindo a sensação de justiça, configurando o que John French apelidou de “justiça com desconto”.¹³⁰

Apesar da ida à Justiça do Trabalho em muitos casos não surtir o efeito que muitos trabalhadores esperavam, não podemos menosprezar o papel da participação dos trabalhadores em processos nos tribunais do trabalho. Baseado num corpo de entrevistas com operários da tecelagem Paulista, em Pernambuco, Leite Lopes observou um impacto mobilizador que era independente dos resultados obtidos no final, pois fomentava a ideia de direitos entre os trabalhadores da base.¹³¹ No contexto de busca pelos direitos a mediação feita pelo sindicato ganha relevância quase que indispensável para que os direitos se tornem realidade na visão dos trabalhadores. Segundo John French para o sindicato “o processo de intermediação entre o trabalhador e a justiça era e é fundamental porque a mediação favorece a criação de laços sociais entre os trabalhadores e os dirigentes sindicais”, criando assim uma

¹³⁰ FRENCH, John D. Op.cit. p.32.

¹³¹ LOPES, José Sérgio Leite. Op.cit., p.87.

gratidão que favorece a participação da base nas mobilizações sindicais.¹³² Assim, sindicalistas se tornam importantes nesse processo por busca de direitos, principalmente na questão do dissídio coletivo, no qual o sindicato é o representante direto da classe nesse trâmite.

É notório que entender o fenômeno da legislação trabalhista é de suma relevância para uma melhor análise da trajetória da classe trabalhadora brasileira em meados do século XX. Dentre tantos aspectos podemos citar: qual teria sido o impacto da lei trabalhista na consciência, seja ela individual e coletiva, como também a mudança de comportamento de trabalhadores de base, bem como de lideranças do sindicato perante as leis. De certo, rearranjos comportamentais foram elaborados principalmente para lidar com dissídio individual, reclamações feitas na Justiça do Trabalho de desrespeito as normas trabalhistas. A Justiça do Trabalho proporcionou aos operários o direito de apresentar uma reclamação e ter alguma esperança de justiça.

Ângela de Castro Gomes, que pesquisou acerca da Justiça do Trabalho¹³³, acerca da Justiça do Trabalho, na visão de seus magistrados, destaca algumas características dessa justiça: é uma justiça especial, pois julga dissídios individuais e coletivos, desacordos entre “empregados e empregadores”; é de fácil acesso ao cidadão comum; busca proteger o “economicamente mais fraco”; não há grande formalidade nos julgamentos e baseia-se princípio da conciliação. Tais características, no início, impunham marcas negativas à Justiça do Trabalho, o direito do trabalho era tido como uma “espécie de primo pobre” no judiciário. Apesar da mácula inicial, a Justiça do Trabalho se afirmou “de 1964 a 1988 (ou, pelo menos, 1985, final do regime autoritário), esta afirmação deu-se por meio da preservação de sua estrutura e de seu papel jurídico, em fase de evidente resistência ao trato das questões sociais, coletivas e democráticas na conjuntura nacional”.¹³⁴

Sobre a afirmação e crescimento do acionamento da justiça trabalhista, John French relata:

O precoce e duradouro significado dos tribunais trabalhistas é demonstrado pelas estatísticas brutas relativas ao coração industrial do Brasil, o estado de São Paulo. Entre 1944 e 1969, o estado foi responsável pelo registro de um mínimo de 27% de todas as reclamações recebidas no Brasil e um máximo de 55%. Na maior parte dos anos, entre 1944 e 1969, o estado respondia por cerca de um terço delas [...] Nas décadas posteriores, o número de processos remetidos à Justiça do Trabalho no país inteiro cresceu vertiginosamente. Entre 1980 e 1994, por exemplo, o aumento médio

¹³² FRENCH, John D. Op.cit., p.68.

¹³³ GOMES, Ângela de Castro. Retrato Falado: a Justiça do Trabalho na visão de seus magistrados. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, nº 37, jan./jun. 2006, p. 55-80 (capturada no sítio cpdoc.fgv.br/revista/ da Biblioteca Digital da FGV).

¹³⁴ DELGADO, Mauricio Godinho. Justiça do Trabalho: 70 anos de justiça social. Disponível em: <http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/25347/008_delgado.pdf?sequence=1> Acesso em : 18 jan. 2014.

anual foi de cerca de 100 mil processos trabalhistas. Durante os anos 60, os acréscimos médios eram inferiores a 5.000, o que significa dizer que [...] o acréscimo foi 20 vezes maior depois do Novo Sindicalismo.¹³⁵

Esses números podem nos sugerir que os resultados dos processos legais não eram desvantajosos para aqueles trabalhadores individuais que acionavam a justiça. No mínimo muitos que iam buscar os direitos tinham um bom resultado, pois isso se refletiu no crescimento e na continuidade dos acionamentos dos tribunais trabalhistas por parte dos trabalhadores.

Pesquisando acerca do papel da Justiça do Trabalho e do direito trabalhista entre 1953 e 1964, Larissa Corrêa conclui de forma muito interessante:

A Justiça do Trabalho se transformou em um terreno fértil para a construção de uma identidade da classe trabalhadora fomentada pela luta por direitos. A experiência no campo da lei possibilitava aos trabalhadores elaborar estratégias que lhes permitiam negociar com os patrões dentro dos limites do mundo legal. Enquanto os primeiros procuravam encontrar na legislação um espaço para garantir e reivindicar direitos, os empregadores tentavam encontrar qualquer brecha, ambiguidade ou contradição legal para impedir e, até mesmo, se esquivar dos deveres trabalhistas. Assim, nos artigos de jornais, nas atividades do Departamento Jurídico, nos plantões dos sindicatos, nas estatísticas da Justiça do Trabalho, nos cursos oferecidos para discutir e analisar a legislação trabalhista, enfim, em tudo é possível verificar o quanto a Justiça do Trabalho estava presente nas relações entre patrão-operário.¹³⁶

Dessa maneira, é importante o aprendizado da lei nas relações trabalhistas, ter conhecimento do funcionamento das instituições judiciais e possuir o entendimento de quem os opera, dentre os quais destacam-se os líderes sindicais e advogados sindicalistas, os quais são fundamentais para a viabilização de resultados positivos para a classe junto à justiça trabalhista. Todavia, recorrer à justiça é uma das possíveis estratégias que os trabalhadores têm em mãos na defesa de seus interesses. Os trabalhadores e sindicatos, nos locais de trabalho ou em outros espaços, podem e devem desenvolver estratégias aproveitando a complementaridade da lei para fazer valer suas demandas de ordem legal. Apesar de a lei ainda ser vista de forma ambivalente pelos trabalhadores (como falso farol ou esperança verdadeira), um trecho de uma entrevista de Leite Lopes demonstra um discurso em favor da ação coletiva da classe trabalhadora no campo jurídico: “Se a nação dava aquele direito, por que o patrão não quer obedecer? Então, vamos à greve! Vamos nos Impor! Vamos à justiça!”.¹³⁷ Ai está outra estratégia utilizada pela classe operária em casos de frustração de

¹³⁵ FRENCH, John D. Op.cit., p.62.

¹³⁶ CORRÊA, Larissa Rosa. Op.cit., p.216.

¹³⁷ Entrevista de Joaquim, Ex – trabalhador da Fábrica Aurora, da Companhia Paulista de Tecidos, em Pernambuco. Ver: LOPES, José Sérgio Leite. Op.cit., p.122.

um direito. Nas próximas páginas analisaremos a greve ocorrida na Bayer de Belford Roxo em 1989, tentando perceber as nuances dessa situação trabalhista na categoria dos químicos.

3.2 O caso da Bayer – A greve de 1989 .

Nos anos de 1980, o Brasil vivia um momento de lutas pela redemocratização. Assim, observa-se nesse período um ressurgimento, uma maior mobilização e ascenso do movimento dos trabalhadores. Segundo Marco Aurélio Santana, a década de 80 foi uma década de ouro para o sindicalismo brasileiro, na qual “as forças atuantes no movimento dos trabalhadores se reorganizaram e rapidamente fundaram centrais sindicais que passariam a coordenar nacionalmente as ações dos trabalhadores”.¹³⁸ Pode-se verificar na esteira desse contexto a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983, que ocupou um papel de destaque no processo de mobilização dos trabalhadores e serviu como fio condutor para diversas mobilizações e greves que marcaram os anos oitenta, até mesmo greves gerais de caráter nacional.

O governo de José Sarney (1985- 1989) deparou-se com um acréscimo no número de mobilizações dos trabalhadores. Dessa forma, a década de 80 foi palco de inúmeras mobilizações grevistas, vivendo a consolidação do movimento sindical brasileiro que havia sido fomentado no final da década anterior. Segundo Santana esse fato seria:

Facilitado por um período de transição política para a democracia – que lhe garantia campo de atuação - e por uma conjuntura econômica de elevada inflação – que lhe fornecia combustível mobilizatório -, o sindicalismo nacional acumulou vitórias organizativas importantes, re-ocupando o espaço político que havia sido bastante reduzido pelos militares.¹³⁹

A partir de 1978, o cenário social e político do país ganha experiências de luta e organização da classe trabalhadora no Brasil, numa perspectiva de luta contra os governos e os patrões. O número de greves aumentou significativamente, e a greve surge como a grande estratégia do movimento que se convencionou chamar de “novo sindicalismo”. Segundo Giovanni Alves “o que veio a ser denominado ‘novo sindicalismo’, nos anos 80, caracterizou-se por uma nova prática sindical, de organização da base, da construção, da intervenção operária nos locais de trabalho, considerada uma das principais debilidades do sindicalismo brasileiro”.¹⁴⁰

¹³⁸ SANTANA, Marco Aurélio. O sindicalismo brasileiro nos 1980-2000: do ressurgimento à reorientação. Ano V – Número 8 – 2011. p2. Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho.

¹³⁹ SANTANA, Marco Aurélio. Op.cit.,p.2.

¹⁴⁰ ALVES, Giovanni. Do “Novo Sindicalismo” À “concertação social” Ascensão (E CRISE) Do Sindicalismo no BRASIL (1978-1998). Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 15, p. 111-124, nov. 2000.

Pensar no que se convencionou chamar de “novo sindicalismo” sem mencionar o uso da greve como forma de barganhar os direitos dos trabalhadores seria praticamente impossível. Também se faz necessário olhar não somente para o caráter quantitativo das greves, mas sim pensar nas formas de ser, no caráter (qualitativo), dessa maneira, verificam-se mutações das estratégias sindicais. Para Ricardo Antunes, as greves assumiram várias modalidades, ou ainda, formas de ser – greves por empresa, greves gerais por categoria, greve geral, greves com ocupação de fábricas. Entretanto, a tendência mais importante, refere-se ao aumento das “greves por empresa” em oposição às “greves gerais por categoria”.¹⁴¹

O estudo de caso analisado está dentro do quadro de aumento de greves por empresa, no qual o período econômico desfavorável vivenciado pelo país naquele momento implicava nas condições de vida dos trabalhadores. E isso naturalmente gerou reflexos no novo perfil que se conformava de sindicalismo combativo e de confronto.

Já se sabe que os anos oitenta foram marcados por uma série de acontecimentos grevistas, que tinham em seu âmago as contradições entre o capital e o trabalho no Brasil. Nas linhas seguintes comentaremos o contexto no qual ocorreu a greve na Bayer- Belford Roxo, situada na Baixada Fluminense. Focar-se-á a análise no caso particular dessa indústria química, não deixando de perceber suas especificidades em meio a esse processo de luta geral dos trabalhadores para se conformarem enquanto classe.

A Bayer, ao longo dos anos, se constituiu como uma indústria importantíssima para região de Belford Roxo. Ela se orgulha por manter uma boa política de benefícios sociais, e de chamar os trabalhadores de colaboradores e dizer que todos fazem parte de uma grande família. Desse modo, a empresa busca manter uma boa imagem junto aos seus trabalhadores. Entretanto, no período pós-greve foram distribuídos panfletos nas proximidades da fábrica e de Belford Roxo acusando a Bayer de ter praticado atos de terrorismo e a imagem de empresa “mãe” foi desmascarada. Em documento dedicado a responder a acusação feita por esses panfletos, a diretoria da indústria informou:

A Bayer é, na verdade, uma das empresas mais procuradas no Rio de Janeiro por aqueles que querem um emprego melhor, exatamente pelo fato de adotar boas políticas na área social e salarial e por manter um ambiente de trabalho saudável e participativo. Uma prova disso é que a grande maioria dos nossos colaboradores procura colocar seus filhos e parentes para trabalhar na Bayer, por saberem que ela é uma excelente empresa.¹⁴²

¹⁴¹ ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. São Paulo: Boitempo, 1988.p.54.

¹⁴² Ofício da diretoria Bayer do Brasil S/A. São Paulo, 27 Jul. 1989.

Isso nos leva a alguns questionamentos. Se a empresa prega que tem uma boa política na área social e salarial, qual seria o real motivo da greve e por que alguns panfletos informavam que a imagem de empresa mãe, na greve foi desmascarada? O conflito entre trabalhadores e a Bayer precisa ser analisado e assim será possível perceber as estratégias dos industriais e dos trabalhadores nesse embate. Com isso, a nossa indagação inicial poderá ser respondida.

Segundo informações da empresa por meio de seu canal informativo:

A Bayer do Brasil teve um faturamento de 128,02 bilhões de cruzados, em 1988, o que significou um crescimento de 74,75% comparando-se com o ano anterior. As vendas totais, incluindo os negócios para terceiros, alcançaram 182,8 bilhões de cruzados, com um crescimento, em termos reais, de quase 30%, com relação a 1987. O lucro do exercício foi de 15,8 bilhões de cruzados.¹⁴³

O faturamento da empresa não passava despercebido pela imprensa do sindicato que representava os trabalhadores da referida indústria química e já começava a ser alvo de críticas. Pois, segundo dados da própria empresa, no ano de 1989, ela teria um faturamento de cerca de 550 milhões de dólares, o que corresponde a um bilhão e 600 milhões de cruzados novos.¹⁴⁴ O Sindiluta, periódico da categoria, fazia críticas à empresa numa matéria que chamava a atenção para o faturamento da Bayer, no ano de 1989, tendo como manchete: “Veja como se constrói o império da exploração”. Segundo o periódico, esse título fazia uma alusão ao faturamento exorbitante que foi construído às custas dos esforços dos 4.267 trabalhadores de todas as filiais da Bayer no Brasil. E alguns questionamentos acerca dos salários dos trabalhadores foram colocados na reportagem como:

Por que a Bayer não equipara os salários de seus funcionários na mesma proporção de sua riqueza? De novembro até agora a empresa concedeu apenas 35,7% de reajuste a título de antecipação salarial, que será descontado na data-base. Os 35,7% ficam ainda mais minguados se comparados às nossas perdas salariais, que até 30 de abril chegavam a 107,95%. A Bayer tem todas as condições de repor integralmente as perdas salariais de seus trabalhadores. Clubes, cursos e outros refrescos oferecidos pela empresa servem de cortina de fumaça para encobrir a exploração diária a que a Bayer submete seus trabalhadores. Somos nós quem produz as riquezas para um império multinacional faminto por lucros. E somos nós que podemos reverter à situação. Sem os trabalhadores a Bayer não existe, a Bayer não é nada. Chegou a hora de ficarmos com a nossa parte do bolo. Os companheiros e companheiras devem participar das reuniões e assembleias convocadas pelo sindicato. Os trabalhadores da Bayer o quanto antes devem tomar consciência de que os trabalhadores unidos tem a força necessária para conquistar uma vida mais digna para nós e nossas famílias.¹⁴⁵

¹⁴³ BAYER S.A. *Coleção Bayer Repórter*. São Paulo, maio. 1989.

¹⁴⁴ *Folha de São Paulo*, 04 maio. 1989.

¹⁴⁵ *SINDILUTA*, São Paulo, 23 maio. 1989.

Diante das dificuldades salariais dos trabalhadores devido às perdas salariais frente à inflação daquele período, soa como uma boa estratégia demonstrar o faturamento da empresa e dessa forma incitar os companheiros à mobilização e participação das reuniões do sindicato. A reportagem procura demonstrar aos trabalhadores que a indústria estava com um faturamento que daria conta de suprir as perdas salariais da classe. Logo, alguns benefícios dados pela empresa seriam meros paliativos dentro de uma estratégia patronal de contenção da força de trabalho.

Além disso, alguns pontos do informativo chama atenção como a invocação da tomada de consciência por parte dos trabalhadores e também da experiência das perdas salariais. Esses dois elementos funcionariam como um elo de união entre os trabalhadores da indústria química para ir à busca de melhorias para toda a classe. Dessa maneira, o sindicato da categoria começava a cumprir sua função de representante da classe e, buscava assim negociar para que os trabalhadores tivessem os melhores reajustes sobre o salário. Começando a fazer um trabalho de conscientização dos operários através dos informativos e das chamadas para as reuniões.

Parece que a chamada do periódico dos químicos para a participação das reuniões e assembleias da categoria surtiu efeito nos membros da categoria. Pois, no dia 25 de maio, de 1989, em assembleia, eles decidem solicitar à empresa um posicionamento sobre as perdas salariais. Conforme dados do IBGE, o índice de perda era de 88,51%, a categoria exigia parcelamento do percentual da perda, assim ficava marcada nova assembleia, para o dia 06/06/89. No dia 29 do mesmo, a empresa recebe ofício do sindicato através da Diretoria, solicitando resposta antes do dia 06/06/89.

As reuniões para o fechamento de acordo salarial entre a Bayer e o sindicato não fluíam, não havendo consenso entre os valores, os diretores Mário, Áercio e Hélio Wanderlei discordavam dos números. Sendo assim, a empresa tentou negociar com um grupo de trabalhadores das fábricas mais modernas as de MDI, MDA onde trabalhavam os técnicos em laboratório, ou seja, os “mais cabeças”. Ela fez a proposta de oferecer um aumento maior para eles e escalonava o aumento para os outros funcionários. Esse grupo fez uma reunião com a fábrica a revelia do sindicato só que: “um cara que estava na reunião disse: ‘eu acho que todos deveriam ganhar’. Ai o gerente da Bayer, o Cavalcanti, falou a gente vai pensar, ‘a gente vai matar a fome de vocês, vamos dar 25%’”¹⁴⁶. Essa frase teria estragado a reunião: “matar a

¹⁴⁶ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho Wanderley, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

fome de vocês”. Os participantes saíram da reunião e espalharam para todo mundo que a Bayer “para matar a fome do trabalhador”, iria conceder 25%. Esse boato teria se transformado num pavio de pólvora dentro da Bayer.

Dessa maneira, no dia 06/06/1989, através de boletim a empresa informa que concederá reajuste espontâneo de 25%. O Sr. Cavalcanti, gerente de RH, convoca uma reunião com o pessoal do MDI e o pessoal da Anilina/NB exige participar. Nessa reunião, depois de tentar explicar a posição da empresa e ser contestado pelos trabalhadores, ele afirmou “que os 25% que a empresa oferecia aos seus colaboradores eram 25% a menos de fome que eles iriam passar”. Com as declarações do gerente de RH e o clima ficando tenso. O presidente do sindicato, Djalma convoca uma reunião para propor uma greve de 24 horas, com a expectativa de obter sucesso, já que as paradas anteriores de um dia tiveram êxito. No entanto, os outros membros de sua chapa estavam com uma liderança dentro da fábrica, e visavam outra forma de agir, Hélio Wanderlei descreve os antecedentes da Paralisação:

Djalma acreditava que a greve de 24 horas iria bombar, só que eu, Mário e Aécio já éramos Cutista, pré Cutista, petista, revolucionário tudo que você possa imaginar. A gente já estava com uma liderança dentro da fábrica e tinha rachado o sindicato. Todo mundo sabia que tinha o pessoal do CUT e o pelego era assim que se falava. A gente fazia o movimento para trocar o Djalma, fazendo uma chapa com os membros da CUT e o Djalma resistindo bravamente e a greve foi o divisor de águas.¹⁴⁷

Para Djalma, uma greve por tempo indeterminado na Bayer acabaria com o sindicato, pois na sua visão a empresa tinha condições de bancar mais 5%. Só que bancando a greve haveria uma desestruturação do sindicato, que, embora divergente entre si, estava organizado e conquistando muitas coisas na Bayer. Na sua visão, a aposta da fábrica na greve era uma tentativa de desbancar o sindicato e sua organização e, ele tentava convencer os seus companheiros de chapa a não ir para o enfrentamento:

O trabalhador às vezes é rebelde com ele mesmo. Todas as nossas conquistas nós tivemos através da organização operária, pois a luta é uma organização. Criaram uma cultura dentro da Bayer, que ela não aguentava três dias de greve, que iria dar o que eles queriam. Eu digo ‘não faz isso, a empresa não pode ser nossa refém, nós estamos nos organizando’, eu tinha informações de gerências altas de São Paulo, pois tudo que a gente ganhava aqui passava para São Paulo. Se nós tivéssemos 10% aqui, ela dava em todo o Brasil, a referência era Belford Roxo. Então gente de lá, ligava para mim, ‘Djalma, a Bayer está doida para arrebentar o sindicato. ‘Eu’ ‘digo não vai arrebentar pela nossa organização’. Então a Bayer apostou na greve porque a gente estava forte, a greve ela teve prejuízos. Mas os menininhos lá da CUT. Nós pedimos naquela época 30%, a Bayer deu 25%, a nossa perda era de 5% era mês de junho e quando chegar setembro no nosso dissídio nós recuperamos, na Bayer, não tinha perda. Diziam ‘tem que dar 30%’, ‘eu’ dizia ‘gente para com isso’, ‘eles retrucavam ‘Djalma se vendeu, se vendeu’. ‘Eu disse’ ‘o trabalhador é quem decide até porque somos nós que vamos sofrer as consequências, eu lamento que vocês não saibam o que está por trás disso. Será que empresa interessa peitar por conta de 5%,

¹⁴⁷ Ibid.

vocês não acham que essa porcentagem pode ser a destruição da nossa organização? Nós vamos levar para assembleia',¹⁴⁸

De fato a questão foi levada para assembleia no dia 6 de junho, às 19:00 horas, com a presença maciça dos trabalhadores, A assembleia foi presidida pelo presidente do sindicato e se decidiu pela greve a partir das 00:00 horas.¹⁴⁹ Na memória de Hélio Wanderlei ,a assembleia foi um fato marcante, que ele comenta a seguir:

Nesse dia da assembleia eu trabalhava dentro da Bayer ainda, não tinha sido expulso da fábrica. Eu vou para o turno normalmente, entrei às 14:00 horas e saí às 18:00 horas e a assembleia era esse horário. O sindicato tinha sede perto do viaduto da Bayer, um galpão grande e, a empresa liberou os ônibus para levar todo mundo para a reunião. Só que com o pessoal do turno a fábrica não deixou fazer isso determinou que os ônibus fossem diretos para casa das pessoas. Ai! Eu sozinho trezentos homens subi num banquinho e disse – galera é o seguinte a Bayer proibiu a gente de ir ao sindicato, na verdade não proibiu, disse que os ônibus iriam embora. Falei vamos para o sindicato gritando e cantando que a classe trabalhadora vai fazer a revolução. Eu sei que dois trezentos uns duzentos e cinquenta toparam e a gente saiu caminhando pelas ruas ali de fora da Bayer, atravessamos a linha do trem e fomos caminhando até o sindicato. Entoando – a classe unida jamais será vencida, todos juntos somos fortes, eu vinha na frente lembra esses filmes que você ver por ai que o pessoal bota um ator na frente gritando era mais ou menos eu. Gritando, pulando e vamos que vamos. Quando chegamos ao sindicato existia aquele burburinho de 3000 pessoas ou 2500 pessoas quase todos os funcionários da Bayer estavam lá, lotado o sindicato, só que ninguém falava em greve, somente se falava vamos parar 24 horas, 24 horas. Quando eu cheguei com o pessoal foi dando um gás, gás e gás eu subi e disse vocês querem ouvir a palavra greve, ai a galera explodiu! Aécio olhou para mim acenou de positivo, a gente deu gás na galera, impulsionamos e foi decretado greve de 24 horas. Ai! Voltamos no outro dia na porta da fábrica com piquetes daí você pode imaginar uma multinacional que tinha tido greve a não ser lá trás com meia dúzia de funcionários.¹⁵⁰

Pelo visto a categoria estava mobilizada e foi para o sindicato assistir a reunião que decidiria os rumos da negociação, a chegada de Hélio com os 250 inflamou os ânimos e foi o impulso final para a paralisação. Alguns líderes relatam em linhas gerais o contexto no qual a greve se situa e qual era a reivindicação dos trabalhadores:

Porque no final da década de 80, mais especificamente por volta de 1988, a nova Constituição Federal mudou algumas coisas; e com a inflação muito alta o nosso salário corria rápido. Então a gente queria em julho uma antecipação, só que a nossa data-base é em setembro, nós queríamos até que essa antecipação fosse descontada em setembro. A empresa não quis, ai acabou gerando a greve. Em julho a empresa não quis modificar nada, mas só que em setembro nós acabamos conquistando.¹⁵¹

É importante lembrar que 89 era o final do governo Sarney, a greve de Volta Redonda foi no início do ano, Brizola governando, greve geral pipocando em tudo o que é canto. Ou seja, tinha um ambiente ideológico e cultural no Brasil tinha muita

¹⁴⁸ Entrevista ex- Presidente do Sindicato Djalma de Araújo Lima, concedida ao autor- Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

¹⁴⁹ Informações adquiridas através de um Dossiê sobre o histórico da greve Disponível no Sindiquimica. Sindicato que representa os trabalhadores da Bayer de Belford Roxo.

¹⁵⁰ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

¹⁵¹ Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

mudança e visão crítica, primeira eleição direta chegando pós - ditadura. E por uma infelicidade dessa pessoa, dentro da Bayer teve um acidente gravíssimo dentro desse ano de 89. Vai ser legal, pois, pode ter alguém e falar tudo ao contrário do que estou falando. Então você pega o fiasco do Governo Sarney, inflação estava uma coisa absurda, esses novos funcionários mais críticos dentro da Bayer, esse acidente deixou a galera muito indignada. Essas pessoas mais novas que estavam entrando nas fábricas mais modernas falavam coisas que os antigos que estavam há 10 ou 15 anos não falavam.¹⁵²

O depoimento acima de Aécio elenca diversos pontos importantes sobre o contexto externo e interno que teriam influenciado a paralisação. Um ambiente de muita visão crítica e a inflação exorbitante levariam os trabalhadores a ter uma atitude diferente na relação com a fábrica empregadora. Além disso, o dirigente em sua memória seletiva apresenta o acidente como um elemento proporcionador do aumento da indignação dos trabalhadores nas relações de trabalho. O curioso é que os outros quatro sindicalistas entrevistados para a confecção da dissertação não citam esse evento como parte do processo que levou a interrupção do trabalho. De fato, pode – se constatar que na Bayer muitos fatores corroboraram para o movimento grevista ascender naquele ano.

Similar a muitas greves do período, um dos motivos dela ocorrer era a perda do poder de compra dos trabalhadores, o qual era diminuído muito rapidamente devido à conjuntura de inflação. Na nova Constituição, mencionada por Barros, está contido o direito do trabalhador fazer greve em determinadas circunstâncias. A Constituição de 1988 é considerada como um marco, pois há uma afirmação dos direitos sociais, os quais ganham artigos específicos na Carta Magna. Os trabalhadores parecem ter percebido que a nova legislação constitucional abria uma nova possibilidade de luta por direitos.

Outro funcionário que teria participado da assembleia que decidiu pela greve relata que, a princípio, a greve seria somente de 24 horas, com o intuito de alertar a empresa que os trabalhadores estavam unidos. Nesse sentido, supõe-se que os acontecimentos que sucederam não estavam sendo previstos, como pode ser verificado no trecho do relato a seguir:

Na assembleia nós decidimos uma greve de 24 horas, fizemos a greve, mas chegando na hora lá foi tomado outro rumo, foi complicado para os trabalhadores, muitos foram demitidos [...] A decisão foi tomada em assembleia, decidindo parar por 24 horas. Chegando lá no pátio; ‘vamos ficar, vamos continuar a greve’, e naquela empolgação, nego levantou a mão, parou. E a adesão foi total, tínhamos muito trabalhador. Em 1989, nós tínhamos 2700 empregados, e todo mundo parou. A gente só não parou as partes essenciais. A gente organizou: quem trabalhava no vapor tinha que entrar e alguns outros serviços, só que foi um caos total, no meio da greve os diretores foram presos, mas foi uma choradeira total.¹⁵³

¹⁵² Entrevista ex- Diretor Sindical Aécio Barbosa de Oliveira, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 02 fev. 2015.

¹⁵³ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

Percebe-se que no primeiro momento que a greve seria somente um alerta à empresa. Os trabalhadores visavam demonstrar que estavam unidos e, é possível perceber, também, certa organização com a não paralisação dos serviços essenciais. Além disso, havia um desejo de chamar a atenção dos diretores da indústria e exemplificar que os operários não estavam dispostos a fraquejar no movimento. A greve foi tirada como forma de advertência à empresa, assim eles davam o recado se não houvesse negociações a situação poderia se complicar.

A greve na Bayer ocorreu no final da década de 80, especificamente em 6 de julho de 1989. Nesse período, o novo sindicalismo estava muito em voga, com suas formas de atuação. Somado às greves no ABC paulista e ao crescimento do PT, esses fatos influenciavam o contexto da greve na Bayer, pelo menos no que tange ao espírito reivindicativo em forma de greve. Sobre essas influências externas é significativo o relato adiante:

Era o novo sindicalismo que estava contaminando todo mundo e todos eufóricos achando que aquilo era o mais correto na época. E na época foi tanto que houve várias conquistas e muitos ganhos e teve que fazer isso. São mudanças de comportamento do ser humano. Hoje eu posso estar assim e daqui a 20 anos não estar mais desta maneira, uma mudança social mesmo que existia na época. Então na época foi bom parar e fazer, hoje em dia quase não se vê mais greve. Tem de professores e tal, mas de uma empresa mesmo é difícil.¹⁵⁴

Sobre o tempo em que ocorreu a greve e a influência da CUT, um dos diretores sindicais nos relata:

Nesse tempo nós não éramos filiados a CUT e tinham diretores que eram ligados a CUT, a assembleia foi aqui mesmo e foi tirada uma greve de advertência de 24 horas. E esses que eram da CUT na porta da fábrica conseguiram manipular novamente outra assembleia e ficou definida a greve de tempo indeterminado. Naquele tempo o que veio de gente cutista e ativista e conseguiram reverter à coisa que não podia, por isso que a gente fala 'se faz 24 horas a gente teria conseguido algumas antecipações'.¹⁵⁵

O estilo de confronto direto dos que tinham alguma simpatia pela forma de agir da CUT parece ter sido assimilado pelos trabalhadores na porta da fábrica, ao concordarem pela greve de tempo indeterminado. A adesão segundo dados do sindicato e jornais da época foi grande. Parte da diretoria era ligada a CUT e tinha uma combatividade muito grande, entretanto, não estava no horizonte da direção greve por tempo indeterminado, pois se tinha uma direção que estava dividida, segundo Aécio “nós éramos críticos dentro da direção, mas nós estávamos encolhidos, bancar uma greve com dois mil e pouco funcionários com o sindicato dividido já é problemático, mas era uma cisão que não ficava tão evidente para a

¹⁵⁴ Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

¹⁵⁵ Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul. 2011.

categoria”.¹⁵⁶ As pessoas olhavam para o Marcio, Hélio Wanderlei e o Djalma viam que o discurso não batia. Então, após a declaração da greve por 24 horas, o que decorreu em seguida foi de forma espontânea, porque não houve um planejamento prévio das ações, a greve estoura sem nenhum tipo de organização do sindicato, mas muito pelo espontaneidade dos trabalhadores.

Sendo assim, no dia 07/06/1989, a greve foi pacífica na porta da fábrica. Com a adesão das empreiteiras da construção civil e dos metalúrgicos, são feitas as trocas de turno das partes essenciais, normalmente, sem incidentes. No dia 9, há abertura de negociações, na qual a empresa se mantém intransigente, não querendo reconhecer as perdas dos trabalhadores. No dia 12, a situação, na porta da fábrica, parece ter ficado um pouco mais crítica, pois houve aumento do efetivo policial com força de choque de cinco batalhões.

Segundo informações do sindicato da categoria, é organizada uma equipe de cinco pessoas, sendo dois cinegrafistas, pela empresa, para filmar os trabalhadores em greve. Ocorre no dia 12, o primeiro conflito sério entre os policiais e os trabalhadores. O Sr. Moll, diretor de segurança da empresa, ordena ao “Tenente Mendes” da PM, garantir a entrada das carretas. Os trabalhadores resistem, fazendo uma barreira humana, a polícia recua e as carretas não entram.

A atitude da empresa perante a greve gerou muita surpresa nos trabalhadores que acharam a empresa muito repressiva em suas ações. Segundo informações dos dirigentes:

A Bayer veio com muita repressão em cima, foi outro ponto que a gente não esperava. Primeiro ela colocou os caras filmando toda greve de cima da fábrica de pesticidas, botou uma plataforma de madeira os caras filmando todo mundo para intimidar. Segundo começou a mandar cartinha, telegrama para todos para entrarem por uma porta clandestina e tal. Tinham trezentos policiais na porta da fábrica com cachorros, então eles foram criando um sistema de terror na moçada, que não sei se foi bom ou ruim para eles.¹⁵⁷

Verifica-se nesse episódio a resistência dos trabalhadores, organizando piquetes na porta da fábrica, impedindo que as carretas entrassem no interior da indústria química, a resistência virou uma questão de honra, ambos os lados não queriam sair perdendo esse embate. Uma das estratégias da greve era desestabilizar a produção, e, desta maneira, obter alguma resposta da empresa. Havia poucos funcionários trabalhando, e um dia sem trabalho normal, gerava enormes prejuízos, mesmo com isso a empresa não negociava.

No dia 14/06/1989, os acontecimentos foram estes: a empresa não confirma o pagamento da quinzena, continuam as filmagens, a presença policial continua na porta da empresa, os trabalhadores decidem em assembleia não fazer a troca de turnos, a empresa

¹⁵⁶ Entrevista ex- Diretor Sindical Aécio Barbosa de Oliveira, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 02 fev. 2015.

¹⁵⁷ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

envia uma carta aos seus colaboradores, pedindo para que voltem ao trabalho, é interessante analisar o conteúdo desta carta:

Prezado (a) colaborador (a), Há mais de uma semana estamos vivendo uma situação de greve, que é indesejável e delicada, sem data para terminar, por ter sido decretada por tempo indeterminado. Uma greve implica em grandes prejuízos para a empresa e consequentemente para seus colaboradores. A greve nunca foi e nunca será, o melhor caminho para alcançar-se um objetivo. A Bayer tem uma longa tradição de entendimentos, que proporcionaram grandes avanços e melhorias para seus colaboradores. Certamente não é através da força, pressão ou coação, que as dificuldades do dia-a-dia poderão ser superadas. A Bayer tem absoluta consciência de que tem evoluído significativamente no campo salarial. Raras empresas tem acompanhado esta política, que resultou só nos últimos quatro meses, em aumento da ordem de 77%, sem considerar aumentos individuais ou de mérito, que realizamos em abril de 89. Isto representa, na prática, que a diferença entre inflação e os aumentos concedidos desde setembro/88, é hoje de apenas 9,35%, e não de 88,51%, como tem sido incorretamente divulgado. Apesar disso, e visando criar condições de superar o impasse surgido, a Bayer, sem qualquer tipo de radicalização, foi mais além, garantindo a reposição integral das inflações dos meses de junho e julho. A greve, em sendo julgada ilegal, trará, entre outras implicações, o não pagamento dos dias parados, com sérios prejuízos para o orçamento de cada colaborador. Por isso, é de fundamental importância que cada um reflita sobre a gravidade dos acontecimentos, com bastante serenidade e tranquilidade e tome, conscientemente, junto com sua família, a decisão que julgar mais adequada. Pela importância do momento, esta decisão deve ser tomada livre de qualquer pressão, medo ou coação. Ninguém pode ou tem o direito de tomar esta decisão por você! Caso sua decisão seja a de retorno ao trabalho, a Bayer estará esperando por você de portas abertas.¹⁵⁸

Foi necessária a reprodução integral da carta, pois trata-se de um dos poucos momentos neste episódio em que há um pronunciamento da direção da empresa sobre o ocorrido. Nessa carta pode-se perceber que a direção da indústria procura deslegitimar a greve como um meio de se conseguir um objetivo e ela busca também um enfrentamento no que tange as informações sobre a inflação do período, pois, o sindicato tinha um número e a empresa outro. Assim ficava difícil o entendimento. Outro artifício utilizado foi afirmar que caso a greve fosse julgada ilegal as dificuldades financeiras do trabalhador cresceriam por conta do não pagamento dos dias parados.

Vejamos que a questão financeira também entrou na pauta de argumentação da empresa para convencer o trabalhador a retornar ao trabalho. Outro apelo feito foi dele pensar juntamente com a família sobre o assunto. Desta maneira, o sindicato ficaria de fora da decisão do trabalhador, já que segundo a empresa “esta decisão deve ser tomada livre de qualquer pressão, medo ou coação”. Observa-se uma tentativa de uma individualização da decisão do trabalhador, que deveria pensar por ele mesmo. Se a decisão fosse de voltar ao trabalho as portas da empresa estariam abertas.

¹⁵⁸ Carta da diretoria da Bayer S.A., “endereçoada aos seus colaboradores”, Rio de Janeiro, 14 jun. 1989.

Outro ponto que rendeu discussões entre empresa e sindicato no período grevista foi o da troca de turno para manutenção dos serviços essenciais. No dia 14 em assembleia, os trabalhadores decidiram não efetuar mais a troca de turnos. No mesmo dia a direção da empresa enviou um telegrama ao sindicato pedindo-lhe explicação sobre o ocorrido:

Embora V.S já tenha sido alertado sobre a necessidade das trocas de turno para manutenção dos serviços essenciais, inclusive advertido pelo próprio tribunal, na audiência de conciliação, lamentavelmente V.S não cumpriu a parte que lhe cabe, não efetuando as trocas do turno às 06:00 e 12:00 horas de hoje. Por isso, temos colaboradores há mais de 15 horas na fábrica, necessitando de imediata substituição. Enfatizamos que, caso V.S continue intransigente em não efetuar as devidas substituições, será o único responsável por eventuais danos ao patrimônio da empresa, à integridade física dos nossos colaboradores, bem como por graves riscos que estará submetida à comunidade da Baixada Fluminense. Pelo exposto, estamos tomando as medidas legais que o assunto requer.¹⁵⁹

Pode-se observar pelo telegrama uma situação tensa entre o sindicato e a direção da empresa, que cobrava explicações sobre o ocorrido, já deixava o sindicato alerta dos graves acontecimentos que poderiam ocorrer e, se porventura ocorressem, seriam de sua responsabilidade. Portanto, deixava claro que tomaria as medidas cabíveis, e que o assunto já estava à cabo do tribunal trabalhista. Dado os perigos de acidentes, a legislação prevê trocas de turnos obrigatórias e a não paralisação de setores primordiais a segurança da fábrica e comunidade, mais a frente comentaremos o desfecho dessa situação.

Ademais, os dirigentes sindicais percebiam que a Bayer não iria ceder e o confronto seria mais duro do que se pensava, pois na mentalidade dos industriais, se cedessem uma vez iriam ter que ceder sempre em situações de greve. Com isso, a greve foi se arrastando pelos dias. A estratégia patronal era ir para o enfrentamento e derrotar o movimento e, após isso ceder algumas coisas. Com a interrupção se prolongando, a categoria sofria alguns percalços. Segundo Hélio, ela não possuía fundo de greve, não possuía máquina para rodar panfletos e, alguns setores mais conservadores do sindicato apostavam justamente que com a longa duração da paralisação o setor radical sairia derrotado. Nesse momento, os dirigentes envolveram a CUT com uma maior profundidade. Hélio fez viagens a São Paulo para rodar boletins. Lá ele encontrava com os membros da CUT, que ele havia conhecido em Cajamar. Em São Paulo, o sindicalista mantinha uma relação com os químicos paulistas e com uma funcionária da Bayer de Socorro chamada de Isabel. O sindicalista narra uma de suas viagens:

Como a gente não tinha dinheiro, eu saía de ônibus aqui, tinha que ir para rodoviária. Então eu pegava o ônibus na rodoviária às 9hs e depois outro, meia noite no Tietê, do Tietê pegava um metrô e saltava no bairro Liberdade, em São Joaquim, e ia caminhando até o sindicato dos químicos. Lá eu levava um texto digitado em

¹⁵⁹ Bayer do Brasil S.A. “telegrama endereçado ao SR. Djalma Lima Araújo, presidente do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de produtos químicos de Nova Iguaçu”, Belford Roxo, 14 jun. 1989.

uma máquina antiga, o jornalista, lá, já tinha um computador, um desenhista que desenhava para gente aí eu descia. José Domingos dizia ‘almoça no sindicato e à noite a gente deixa uma quentinha para você’. Depois, eu saía de madrugada para rodoviária com dois pacotes, eles pagavam o táxi até a estação do metrô, pegava o trem [...] Eu fazia isso, Aécio e Mário nunca fizeram isso. Eu fui construindo primeiro, amizades em São Paulo e depois respeito e, também passei a viver o movimento sindical deles também, indo para greves em solo paulista.¹⁶⁰

Essa narrativa revela uma estreita relação entre os membros do sindicato paulista e carioca, na qual havia ajuda mútua em greves. Além disso, quando da ocorrência da greve em Belford Roxo, um caminhão saiu de São Paulo com membros da CUT. Segundo Hélio Wanderlei, “ a moçada da CUT desceu de São Paulo, veio um caminhão do sindicato do ABC, veio dinheiro para ajudar a gente, apareceu Carlos Minc, apareceu um pessoal de esquerda para ajudar na greve, durante 15 dias deputados do PT, PC do B se aproximaram da gente pois a greve era justíssima”.¹⁶¹ A interrupção do trabalho na Bayer gerou uma grande repercussão colocando a união dos trabalhadores a prova, fazendo com que eles tivessem que se articular e contar com o apoio das diferentes fontes.

Continuando a descrição dos acontecimentos, no dia 15/06/89, a greve ganha o noticiário dos jornais locais, pois cerca de 500 funcionários da Bayer percorreram as principais ruas de Belford Roxo. A ideia inicial era fechar a Rodovia Presidente Dutra, mas houve um entendimento entre o comando da greve e o Major Dias do 20º BPM, ficando acordado que os manifestantes não fechariam a rodovia. O fato foi relatado pelos jornais locais da época. Vejamos alguns trechos que dão conta do episódio:

Apesar das ameaças de fechar a Rodovia Presidente Dutra os funcionários da Bayer – em greve há 10 dias – apenas se restringiram a realizar ontem à tarde, uma passeata pelo centro de Belford Roxo e um ato na altura do antigo quilômetro 12 daquela via, em frente ao posto Ipiranga. Participaram da manifestação pouco mais de 500 operários, que ao longo do percurso carregavam faixas reivindicando melhores salários e gritavam palavras de ordem.¹⁶²

Operários da Bayer do Brasil, apesar de ter frustrada a tentativa de interditar a Rodovia Dutra, vão continuar em greve por tempo indeterminado. Cerca de 200 policiais militares fizeram grande cordão de isolamento e, por pouco, não houve um conflito.¹⁶³

Os trabalhadores da Bayer partiram para outra estratégia, já que a empresa não apresentara nenhuma contra proposta. A opção foi trazer o conflito para o conhecimento do público, assim a empresa se veria forçada a negociar, pois a indústria zelava pela boa imagem que tinha perante a população de Belford Roxo. E justamente nesse ponto que os

¹⁶⁰ Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

¹⁶¹ Ibid.

¹⁶² *Jornal de Hoje*, 15 jun. 1989. p.3.

¹⁶³ *Jornal O pontual*, 15 jun. 1989. p.2.

trabalhadores atacaram. Eles traziam cartazes com os dizeres: “A Bayer não é mãe é madrasta”, “todo poder aos trabalhadores”, “A população exige controle dos riscos”.

Um panfleto do sindicato informava que há 25 anos não acontecia uma greve na Bayer do Brasil, a empresa que anunciava ser a extensão do lar. Entretanto, parece que essa extensão do lar precisava de alguns retoques, para assim agradar a massa de seus trabalhadores. A mobilização dos trabalhadores da Bayer não fica nada a dever da mobilização de outras fábricas com mais experiência de greve. Isso pode ser verificado na atuação na porta da fábrica, em formas de piquetes, na manutenção dos serviços essenciais e na mobilização dos membros da categoria em forma de passeata no centro de Belford Roxo.

Segundo Aécio Barbosa de Oliveira, diretor do sindicato, em entrevista ao Jornal de Hoje, a paralisação causava prejuízos diários de 100 mil dólares à empresa, um complexo industrial, composto por 16 fábricas, produzindo um total de mil itens diferentes. Oliveira acrescentava que algumas indústrias de São Paulo já estavam sofrendo com a falta de matéria prima ocasionada pela greve na Bayer, e a própria Companhia Siderúrgica Nacional estava sendo prejudicada.¹⁶⁴

A categoria reivindicava 88,51%, mas a empresa só concedia 25%, enquanto isso o embate se arrastava por mais alguns dias. Após duas mesas de negociações, ficou estabelecido que as perdas salariais para a empresa eram de 9 % e enquanto os trabalhadores acreditavam numa perda de 37%. Dessa maneira, o impasse estava criado e segundo informação da entidade classista foi a partir desse momento que a Bayer passou a radicalizar:

não oferecendo saídas para o impasse, oferecer as inflações de junho e julho integral nos meses subsequentes, não significava repor as perdas. A partir desse momento a empresa passou a encarar a greve como fator político, achando que nós trabalhadores usaríamos a greve como uma constante nas nossas negociações. Faltou tato à diretoria da Bayer para perceber o momento delicado que o trabalhador vive. A diretoria da Bayer resolveu bancar a greve e passou a se utilizar de meios poucos elegantes, já que estamos falando de Executivos e não de chefias. Podemos enumerar os erros do Sr. Cavalcanti; os telefonemas, cartinhas, a pressão psicológica no interior da fábrica, a pressão junto ao administrativo, método ridículo para executivos de primeiro escalão.¹⁶⁵

Como se pode analisar nos escritos acima a paralisação tomava grandes proporções. Sendo encarada como um fator político, ela ganhava graus de complexidade e nenhum dos lados queria sair com perdas políticas do conflito. A empresa mantinha grande resistência em negociar, temendo que o artifício do uso da greve tornasse uma constante em época de negociação. Sendo assim, no dia 17/06/89, o conflito se acirra ainda mais, diante da negativa da categoria de fazer a troca de turnos. O Sr. Moll ordena ao Tenente Mendes que efetue a

¹⁶⁴ Jornal de Hoje, p.2, 15 jun. 1989.

¹⁶⁵ Carta Aberta, “aos companheiros de Luta”, Sindquímica, Sem data.

prisão dos diretores do Sindicato, Djalma Araújo, Aécio de Oliveira e Ronaldo Pereira, que foram recolhidos à Polícia Federal. Os membros do sindicato viam a prisão dos companheiros como um ato ilegal. Em um documento endereçado aos trabalhadores, diziam “na verdade não existe medida legal para que a polícia militar efetuasse as prisões dos diretores, já que os mesmos não cometeram nenhum ato contra o patrimônio privado, podemos concluir que os tentáculos da empresa estão infiltrados por todos os lados da Sociedade”.¹⁶⁶ A prisão dos líderes sindicais, na visão da direção do movimento, configurou-se como “uma tentativa de dissolver o movimento vitorioso dos trabalhadores”.¹⁶⁷

Ademais, ainda no dia 17 de junho, o Tenente Mendes exige a troca de turnos aos dois diretores: Edson Luiz e Rudnei, que estavam fazendo uma reunião na porta da fábrica, e os trabalhadores decidem fazer a troca de turno, desde que os diretores presos fossem libertados. Quando os diretores vão informar a decisão à empresa, o Sr. Moll manda o Tenente Mendes agir como anteriormente, Edson, Rudnei e o Antônio são presos, juntamente com o representante da CUT- Baixada, Homero de Souza. O noticiário local não deixou esses fatos passarem em branco e cobriu os episódios das prisões, observe o relato do ocorrido:

Policiais do 20º BPM (Mesquita) prenderam na madrugada de ontem seis sindicalistas que faziam piquetes na frente da Bayer, em Belford Roxo. Entre os presos está o Presidente do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu, Djalma de Lima Araújo que foi trazido com outros diretores do sindicato, Ronaldo Ferreira Pereira e Aécio Da Silva, para Polícia Federal no Rio onde estão presos. Os outros detidos são Edson Luis de Barros, Rudnei Cosme da Silva e Antonio Joaquim dos Reis, diretor do sindicato e um representante da CUT, Homero de Souza. Estes estavam até o início da tarde ainda na receita federal, em Nova Iguaçu.¹⁶⁸

A interrupção na rendição das turmas que realizam a manutenção dos serviços essenciais da Bayer – em greve há treze dias- acarretou ontem a prisão de quatro diretores do sindicato dos trabalhadores nas Indústrias químicas de Nova Iguaçu e um integrante da CUT- Baixada. Os líderes do movimento grevista, entre eles o Presidente do Sindicato, Djalma Lima de Araújo, foram levados para a Polícia federal na Praça Mauá e podem pegar até três anos de cadeia.¹⁶⁹

Os sindicalistas foram enquadrados nos Artigos 202 e 330 do Código penal, crime contra o trabalho previsto na lei de greve e desacato à autoridade, respectivamente. Pelo menos três advogados foram à polícia federal ouvir os sindicalistas e questionar os motivos da prisão: Jorge da Rocha Gonçalves, vice-presidente da federação nacional dos advogados, o advogado do sindicato dos aeronautas, João Custódio de Carvalho, advogado do Sindicato dos Bancários; e o criminalista João Carlos Lisboa Reis, parente de um dos funcionários da Bayer.¹⁷⁰

Os líderes sindicais presos contaram com a solidariedade de advogados de outras entidades classistas, o que pode nos revelar uma afinidade entre as categorias quando se trata

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1989. p.4

¹⁶⁹ Jornal *O pontual*, 18 jun. 1989. p.7.

¹⁷⁰ Jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1989. p.4.

de um contexto grevista. Os dirigentes do sindicato foram presos devido a uma liminar conseguida na justiça, pois fora acordado entre o sindicato e a empresa que haveria as trocas de turno. Todavia, a empresa não se pronunciava nas negociações, e dessa forma, a atitude do sindicato foi a radicalização, decidindo não efetuar mais as trocas. Essa decisão acarretou na prisão de seus líderes, pois ela desrespeitava o que estava previsto na lei de greve no que tange a manutenção dos serviços essenciais. Observe na notícia o desenrolar desse processo:

A Bayer se utilizou de todas as manobras para quebrar o movimento. Inicialmente, fez um acordo com o sindicato pelo qual se revezariam os turnos, que garantem a manutenção dos equipamentos, e em troca se abririam as negociações. O sindicato cumpriu a empresa não. Diante disso o sindicato suspendeu o revezamento levando a empresa a recorrer à justiça onde conseguiu uma liminar. Apoiada nessa liminar a Polícia Federal prendeu os dirigentes do sindicato.¹⁷¹

Com a prisão dos líderes do sindicato, os ânimos dos grevistas ficaram exaltados. A imprensa sindical desferia ataques diretos à empresa, informando que a máscara da empresa caía face ao movimento grevista. Apesar da prisão dos líderes, a paralisação continuou e os operários elegeram um novo comando para dirigir o conflito, esse comando ficou a cargo da geração nova que entrou na empresa na década de 80, porém foi uma liderança sem estabilidade. Todavia, segundo informações os trabalhadores não desistiriam até terem suas reivindicações atendidas, assim, “com piquetes, passeatas todos os dias e muita disposição os trabalhadores garantem lutar até a vitória”.¹⁷²

O apoio à greve aumentava, e os grevistas recebiam manifestações de solidariedade. A CUT estadual do Rio e os sindicatos cutistas da Baixada Fluminense, em particular o sindicato dos bancários, vereadores e deputados do PT, e os sindicatos dos químicos de todo o país enviaram telegramas à Bayer alemã, ao sindicato dos químicos da Alemanha e à própria empresa no Brasil, exigindo as negociações.¹⁷³ Além dessas manifestações, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, alguns deputados estaduais e vereadores na maioria pertencentes aos partidos de esquerda (PT, PC Do B e PDT), fizeram um abaixo assinado e enviaram ao governador do RJ.

Nós abaixo assinado: nos solidarizamos com os trabalhadores da Bayer S/A de Belford Roxo e sua greve, pela sua justa reivindicação, exigindo a imediata abertura de negociação e diante do impasse criado nesse momento por tropas de choque da PM/RJ, repudiamos a repressão a esta e qualquer greve, pois achamos que este é um direito dos trabalhadores garantido na constituição, para evitar fatos como os ocorridos em Volta Redonda, solicitamos o recuo das tropas.¹⁷⁴

¹⁷¹ Jornal *Convergência Socialista*, 19 jun. 1989.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ Telegrama enviado para o governador do Estado Do Rio de Janeiro e Comandante da PMRJ. Sem/data.

Além do apoio de parlamentares e de outras entidades classistas, os químicos de Belford Roxo contaram com o apoio dos químicos de São Paulo e do PT de Nova Iguaçu. Conforme Aécio informa: “o PT de Nova Iguaçu tinha uma participação junto com a CUT muito ativa, que o pessoal era ligado a CUT [...] Muita gente do PT, PC do B estavam ativos aqui então essa greve aglutinou essa galera toda”. Percebe-se que nesse momento de dificuldades, os químicos de Belford Roxo receberam muito apoio.

Dado ao prolongamento do movimento e a notoriedade do mesmo, o episódio entrou na discussão de parlamentares, que se preocupavam com as proporções do ocorrido. Começava-se a se tornar preocupante a duração do impasse e a presença constante da força policial na porta da fábrica, o fantasma da repressão assombrava. O medo de uma reprise dos acontecimentos de Volta Redonda em Belford Roxo ficava evidente na mensagem destinada ao governador.¹⁷⁵

Apesar de todas as manifestações de solidariedade, a situação não parecia estar perto do fim, os membros do sindicato enviaram uma carta aos companheiros de luta e à comunidade. Com o objetivo de orientar os trabalhadores na luta e de inflamar o espírito dos companheiros para que eles não desistissem do movimento, dessa maneira, o conteúdo era:

A manifestação da força do trabalhador se faz necessária e é fundamental para demonstrar a união e a disposição de luta que está presente nos companheiros. A vitória da paralisação é visível, pois a Bayer vem tentando de todas as formas destruir as lideranças sindicais. Mas a nossa disposição de luta é forte e persistente e estamos unidos. Os nossos piquetes tem que crescer a cada dia para demonstrar a nossa disposição, e tenho certeza que os companheiros estão mais unidos do que nunca. Alguns líderes estão presos, mas a base continua com disposição de lutar até o fim, desistir seria se acovardar e aceitar os grilhões da escravidão. Nós trabalhadores temos que estar prontos para qualquer situação que se apresentar diante de nós [...] Não ceda companheiro! A luta continua.¹⁷⁶

O conteúdo da mensagem procura reforça os laços de união dos trabalhadores a todo o momento, se atentarmos para isso, pode-se ter uma evidência que o ânimo para a luta dos trabalhadores poderia estar se esvaindo, já que os líderes estavam presos e a Bayer não dava sinais de negociação. O escritor da mensagem, ciente do momento de dificuldades, buscou reavivar o ânimo dos trabalhadores, mostrando a conquista da paralisação e que era importante não desistir naquele momento.

¹⁷⁵ A **Greve de 1988** foi um movimento levado a cabo pelos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, situada em Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, durante o mês de novembro do ano de 1988. O Exército e a PM então, no dia 9 de novembro, começam a dispersar a multidão que se concentra no bairro Vila Santa Cecília, e invade a empresa, procurando retomá-la aos grevistas. Em meio à confusão, ocorre a morte, no interior da usina, de três operários: **Carlos Augusto Barroso**, de 19 anos; **Walmir Freitas Monteiro**, 27 anos; e **William Fernandes Leite**, 22 anos. Além dos mortos, cerca de uma centena de feridos completa o saldo final da greve naqueles dias.

¹⁷⁶ Carta aberta aos companheiros de luta e à comunidade, Sindquímica, 19 jun. 1989.

Durante todo o dia 16 de junho de 1989, os trabalhadores mostravam sua força nos piquetes que impediam a entrada de vários caminhões. Essa parede humana feita para evitar as entradas dos caminhões, algumas vezes ganhava contornos dramáticos como a reportagem retrata:

Policiais militares e funcionários da Bayer, em greve há 12 dias, quase chegaram ao conflito ontem pela manhã, quando a direção patronal tentou forçar a entrada de caminhões carregados com produtos químicos nas instalações daquela empresa. Grevistas se deitaram em frente ao portão principal do complexo fabril de Belford Roxo e impediram a entrada da carga. Acerto posterior garantiu apenas o recebimento de produtos essenciais à fábrica.¹⁷⁷

No dia 17/06/89, foi realizada uma passeata de denúncia no centro de Belford Roxo com a participação aproximada de 1500 pessoas entre trabalhadores da Bayer e moradores de da cidade. A passeata tentou paralisar a Rodovia Presidente Dutra por alguns minutos, mas foi impedida pelos policiais. No mesmo dia, à noite, foram liberados, sob fiança, os três diretores (Edson, Rudnei, Antonio) e Homero, representante da CUT- Baixada. O delegado da Polícia Federal entendeu que a greve foi pacífica, e que não houve desorganização do trabalho. Diferente do delegado que fizera a atuação anterior dos três outros diretores que continuaram presos (Djalma, Aécio e Ronaldo). Além da passeata, durante todo o dia, os trabalhadores mostravam sua força nos piquetes que impediam a entrada de vários caminhões.

A partir do dia 19 de junho de 1989, os grevistas começaram a ter as primeiras baixas. Com a presença de um grande contingente policial fortemente armado, o piquete da porta da fábrica que evitava entrada de caminhões fora vencido. Assim, as carretas que estavam estacionadas na porta da fábrica há 12 dias entraram. Como também, escoltados pelos policiais, entraram os trabalhadores das empreiteiras. O piquete, sendo derrotado, representou um duro golpe nas bases do movimento, que olhava para aquela barreira humana como um grande símbolo de união e resistência dos trabalhadores.

Aos poucos, a empresa minava a resistência dos trabalhadores, que com alguns dirigentes, ainda presos, começava a encontrar dificuldades para a mobilização. Para piorar a situação, no dia 20 do mesmo mês, o sindicato da categoria foi proibido de atuar próximo à Bayer, como ficou evidenciado na reportagem do Jornal O dia:

Os 2500 trabalhadores do Complexo da Bayer atingem o 14º dia de greve com dificuldades de mobilização, tendo em vista que foi proibida a atuação dos dirigentes do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu nas intermediações da empresa. Mesmo assim, a categoria continua em assembleia permanente, fazendo piquetes nos portões e tentando negociar com a direção da empresa. Segundo a direção da entidade classista, a adesão ao movimento é de 90%, sendo que a produção está completamente parada. “Depois das prisões dos sindicalistas, ocorridas no final da semana passada ficou difícil mobilizar a categoria para

¹⁷⁷ Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 17 jun. 1989. p.3.

manifestações ou atos de protesto”. Disse o diretor do sindicato da classe, Roberto Savera Vicente.¹⁷⁸

Os trabalhadores davam sinais de enfraquecimento, após as prisões dos sindicalistas e a demora do patronato em dar uma posição nas negociações ajudava a diminuir o ânimo dos grevistas, que não paravam de encontrar dificuldades para atuação. O sindicato precisava a todo o momento trabalhar o aspecto psicológico dos grevistas distribuindo panfletos que continham uma retórica de conquistas da classe. Os panfletos também tinham um papel informativo, pois segundo o sindicato da categoria, a indústria se utilizou de várias manobras para enfraquecer o movimento. O último panfleto distribuído pelo sindicato para orientar os trabalhadores, revelava alguns truques utilizados pela Bayer para enfraquecer o movimento grevista:

Estão colocando ônibus, com as cortinas fechadas, para que acreditemos que a greve está sendo “furada”. Informam que não é necessária a troca do turno, pois já têm muitos operários dentro da fábrica. Mentira! Até agora entraram poucas pessoas, em todos os turnos. Os chefes vão buscar os funcionários em casa; dão telefonemas chamando o funcionário para trabalhar. Temos que ficar atentos a todos estes “truques”. Eles pretendem apenas nos deixar confusos. Não se deixe enganar, e confie apenas nas informações do sindicato.¹⁷⁹

As informações jogadas no seio do conflito pelo sindicato e pela empresa parecia confundir os trabalhadores, isso, de certa maneira, minava o movimento grevista, dificultando as atividades do sindicato que precisava trabalhar em diversas frentes como: organização dos piquetes, divulgação das informações e combate às informações tendenciosas divulgadas; orientar e motivar os trabalhadores para a luta.

Tamanha eram as atividades que o sindicato tinha que dar conta, que no 15º dia de greve, estava ficando difícil lutar contra o frio, cansaço e o desapontamento com alguns colegas que fraquejavam e preferiam o lado dos patrões ao do sindicato. O movimento perdera fôlego, apesar da disposição observada nos dias anteriores nos piquetes, reuniões na porta de fábrica e assembleias. A pressão de diversas formas que a empresa vinha exercendo sobre a categoria enfraqueceu o movimento, a tendência era ele ruir frente às dificuldades. No dia 21/06/89, os trabalhadores decidem terminar a greve. A decisão ocorreu no pátio da companhia com a presença de 700 funcionários. O fato mereceu a cobertura da mídia local que noticiou o desfecho da greve:

O complexo industrial da Bayer, em Belford Roxo, voltou a funcionar a plena atividade com a decisão dos funcionários em suspender a greve. A decisão foi tomada em assembleia realizada ontem, por volta das 07h30min, no pátio da companhia onde cerca de 700 funcionários estiveram presentes. [...] Durante a

¹⁷⁸ Jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1989. p.4.

¹⁷⁹ Panfleto “A greve continua”, Sindiquimica, 20 jun. 1989.

greve, a Bayer amargou em vendas de produtos prejuízo diário de 1,25 milhões de dólares. A greve também chegou a afetar as exportações da empresa que deixou de faturar nos dez primeiros dias do movimento cerca um milhão de dólares. Entretanto, a companhia espera recuperar parcialmente os prejuízos com a retomada da produção.¹⁸⁰

Verifica-se que a paralisação gerou enormes prejuízos à empresa, que se manteve intransigente em termos de negociação com seus funcionários, mesmo tendo um prejuízo total de mais de doze milhões nos dez primeiros dias. A opção patronal foi esperar a resolução do impasse no dissídio coletivo da categoria, já que achava as reivindicações abusivas e entendia a greve como uma jogada política para as próximas negociações. Havia discordâncias no que tange ao cálculo das perdas salariais dos trabalhadores.

A estratégia patronal parece, no primeiro momento, ter logrado sucesso. A resistência à negociação e outros artifícios, no decorrer do processo fizeram com que a paralisação fosse perdendo fôlego. Segundo o tesoureiro do sindicato, Edson Luís de Barros, a pressão exercida pela empresa foi determinante para a decisão dos trabalhadores em suspender o movimento. Ainda, segundo ele “desde o dia 19/06/89, a empresa passou a buscar de táxi muitos funcionários em casa, o que estava minando o movimento. Por isso, decidimos retornar ao trabalho e aguardar a abertura de negociações”.¹⁸¹

Barros, tesoureiro do sindicato na época, não acredita em derrota: “nosso maior ganho foi o político, conseguimos paralisar uma fábrica que não entrava em greve desde 1964. Além disso, vamos continuar lutando pelos 37,44% de reposição salarial, a Bayer só reconhece 9,35% e ela só aceita discutir esse percentual no dissídio”.¹⁸²

3.3 A luta pela reintegração dos dirigentes demitidos

O presidente do sindicato, no momento do acordo para a volta dos trabalhadores às atividades, teria pedido à direção da empresa a promessa que não haveria punição ou demissões. Entretanto, o resultado do julgamento parece ter influenciado a direção da empresa a mudar de ideia.

Depois de terem recebido da direção da Bayer a promessa de que não haveria punições ou demissões e que os dias de greve não seriam descontados, o que levou os químicos da empresa a retornarem suas atividades na última segunda-feira. Após uma paralisação de 15 dias, os dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Química de Nova Iguaçu receberam informações, ontem, que a direção da empresa prometeu anunciar 30 demissões de grevistas no início da semana. Segundo Djalma Lima de Araújo, presidente da entidade de classe, a decisão da empresa em demitir grevistas deve ter sido tomada em consequência do resultado do julgamento do movimento, pelo 1º grupo de turmas do Tribunal Regional do Trabalho que declarou a ilegalidade da greve. Djalma destacou que a Bayer mantém a palavra de

¹⁸⁰ *Jornal de Hoje*, Nova Iguaçu, 22 jun. 1989. p.5.

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *Jornal de Hoje*, Nova Iguaçu, 22 jun. 1989.p.5

não descontar os 15 dias de greve, nos salários apesar da decisão do TRT que dá esse direito a empresa. Os dias parados serão compensados em horas- extras de serviço, contudo, a direção da empresa nada quis falar sobre as demissões. Depois da greve e do retorno ao trabalho sem terem conquistado qualquer melhoria salarial, os químicos da Bayer resolveram adiar para setembro a data-base da categoria. No entanto, caso sejam confirmadas as demissões, o sindicato mobilizará os trabalhadores numa nova campanha contra a dispensa dos grevistas.¹⁸³

Como visto na reportagem, a direção não se manifestou sobre as demissões. No entanto, o movimento sendo julgado ilegal era o respaldo que a empresa necessitava para fazer várias demissões. Os que foram considerados “os cabeças” do movimento receberam a carta de demissão em suas casas. O Sindiquímica, através do órgão informativo do sindicato da categoria, relatava com sarcasmo as demissões, informando: “Após a greve, 35 trabalhadores com vários anos de casa receberam a carta de demissão da “mamãe” Bayer”.¹⁸⁴ Juntamente com os demais trabalhadores a empresa demitiu todos os diretores do Sindicato que trabalhavam na Bayer, o informativo da categoria retratou esse fato como “mais uma atitude nazista de uma empresa que tenta esconder seu autoritarismo atrás de uma política demagógica”.¹⁸⁵

A relação entre sindicato e empresa, após o fim da greve, não parece ter ficado menos conflituosa, as trocas de farpas entre as duas entidades não cessaram. O sindicato não aceitou pacificamente as demissões dos grevistas e dos diretores sindicais, e incitava, por meio de seus informativos, a categoria a continuar a lutar: “A Bayer está demitindo covardemente nossos companheiros, porque tiveram a coragem de lutar pelos nossos direitos, pela dignidade do trabalhador”.¹⁸⁶

No dia 21/06/1989, na sede da Subdelegacia do Trabalho, reuniram-se em uma mesa redonda, a Bayer e o Sindicato. Dentre os assuntos discutidos podemos citar: a questão das demissões de funcionários; o afastamento dos dirigentes sindicais para instauração do competente inquérito judicial para apuração de falta grave; que a empresa não proíbe o sindicato de manter contato com seu representante e; a questão da infraestrutura em casos de acidente de trabalho.¹⁸⁷

Sobre a questão das demissões, na mesa redonda, a empresa declarou que as dispensas não foram indiscriminadas, mas já para o sindicato elas foram já que havia uma lista de

¹⁸³ Jornal *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1989.p.7.

¹⁸⁴ Informativo do Sindiquímica, jun. 1988.

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Informativo do Sindiquímica, “Sindicato é pra lutar!”, 26 jun. 1989.

¹⁸⁷ Relatório sobre mesa redonda, Ministério do Trabalho – Subdelegacia do Trabalho de Duque de Caxias, 21 jul. 1989.

pessoas antigas para demissão, e a Bayer tem aproveitado a greve para atingir seu objetivo.¹⁸⁸ Em relação aos acidentes de trabalho, a companhia declarou possuir infraestrutura suficiente e segura para dar os primeiros socorros, encaminhando o acidentado em seguida para os hospitais do INPS. O sindicato, na ocasião, discordou das declarações, que considerou inverídicas. Dessa maneira, é notório que a mesa redonda realizada na Justiça do Trabalho não foi muito produtiva, sendo ela útil apenas para a verificação de que havia visões diferentes e discordantes entre empresa e o sindquímica sobre os mesmos fatos.

Além disso, o sindicato continuou a distribuir informativos, os quais tinham como objetivo manter a unidade e lutar pela reintegração dos demitidos, a relação com a diretoria não era boa. Segundo o sindicato, a direção chegou a demitir quatro mestres do setor do MDI e diversos operários de outras fábricas. Dentre os funcionários demitidos estavam alguns imprescindíveis para a segurança do complexo, devido à experiência e qualificação dos mesmos. Para a entidade classista, a atitude revelava “a insanidade da direção da Bayer, que não tem limites. Estão colocando em risco a segurança da empresa e de seus ilustres colaboradores”.¹⁸⁹

Há 25 anos não acontecia uma greve na Bayer, mas o conflito demonstrou que havia inúmeros questionamentos por parte dos trabalhadores à direção da empresa. Os panfletos distribuídos pelo sindquímica desferiam ataques ferrenhos à imagem construída de boa empresa:

A Bayer ficou desesperada. Transformou a fábrica em um campo de concentração, uma réplica de Auschwitz (sic). Reviveram o tempo da GESTAPO, e a ditadura militar, ordenando a prisão de diversos sindicalistas, alguns ficaram detidos quatro dias na cela da polícia federal, e agora estão demitindo diversos companheiros. Não podemos nos acovardar, vamos nos unir mais ainda. Lutar pela reintegração dos demitidos, fazer um fundo de greve para as próximas lutas. Vamos tirar formas de luta para pressionar a empresa.¹⁹⁰

A greve reduziu a pó a falsa e hipócrita democracia que os patrões insistem em dizer que existe na Bayer. Ao mesmo tempo, que chama os trabalhadores de colaboradores e diz que todos fazem parte de uma grande família, a Bayer chama a polícia, com batalhões de choque e cães, para reprimir o legítimo direito de greve. Centenas de policiais armados estiveram presentes na porta da empresa em todos os dias da greve.¹⁹¹

Ao analisar esses escritos é necessário ter um enorme cuidado. Devido à conjuntura de luta, é factível que haja alguns exageros no conteúdo dos panfletos. Devemos olhar com atenção, por exemplo, a menção ao tempo de Auschwitz. As acusações de nazismo se

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Informativo do Sindquímica, “A greve é legal”, 26 jun. 1989.

¹⁹¹ Informativo do Sindquímica, “Bayer rasga a fantasia”, jun.89.

relacionavam não apenas ao fato da empresa ser alemã, mas também ao fato de na época ainda ter diretores alemães no Brasil. De forma mais específica, era uma alusão ao profundo envolvimento da empresa com o regime nazista na Segunda Guerra Mundial, sobre o qual os ativistas de esquerda envolvidos na organização da greve provavelmente tinham algum grau de conhecimento. Todavia, a realidade da greve da Bayer de Belford Roxo certamente não era a mesma do tempo de Auschwitz. A presença de inúmeros policiais na porta da fábrica ocorreu pelo poder de influência da Bayer no distrito de Belford Roxo. E também pela década de 80 ter sido caracterizada por inúmeros movimentos de greve, num cenário em que, a polícia era a mão do Estado para conter ou acabar com essas mobilizações grevistas.

Sobre a distribuição de vários panfletos no entorno da fábrica após o encerramento da greve, a diretoria da empresa resolveu se manifestar enviando cartas aos seus colaboradores defendendo- se das acusações de que praticava atos de terrorismo. Observamos uma parte da carta da diretoria direcionada aos seus trabalhadores:

Desde o encerramento da greve o Sindicato vem realizando a distribuição de vários panfletos. Apesar dos ataques à Bayer e suas Chefias, a empresa julgou desnecessário emitir qualquer tipo de resposta, pois todos que viveram a experiência da greve sabem qual foi a realidade dos fatos. Agora, entretanto, dentro de uma campanha maldosa e difamatória para prejudicar a imagem da empresa estão sendo colocados cartazes em Belford Roxo e nas proximidades da fábrica, sem a identificação quanto a sua origem, dizendo que a Bayer pratica atos de terrorismo, comparando-a a um verdadeiro campo de concentração. É absolutamente lamentável e grosseiro esse tipo de procedimento. Você acha realmente que a sua empresa é um campo de concentração? Você se considera submetido a ações terroristas? A Bayer é, na verdade, uma das empresas mais procurada no Rio de Janeiro por aqueles que querem um emprego melhor.¹⁹²

A luta pela reintegração dos demitidos foi muito grande, já que os diretores foram demitidos por justa causa e ficaram sem dinheiro. Nesse período eles precisaram contar com toda a solidariedade existente no movimento sindical e também com a estratégia de distribuir panfletos ao redor da fábrica para atingir a empresa e ter seus cargos novamente. Nessa jornada, Djalma relata um dos momentos mais significantes de sua caminhada como dirigente: “a Bayer havia cortado o salário de 13 dirigentes sindicais, na rua por justa causa, ai eu pensei ‘e agora,’ depois de uma greve. Fiz uma carta pedindo ao trabalhador que pagasse o nosso salário, que fosse para o RH para ser autorizado o desconto para pagar os nossos salários. Ai a Bayer começou a tremer”.¹⁹³ Foi descontada uma porcentagem do salário de todos os trabalhadores para que fossem pagos os salários dos diretores enquanto eles tivessem desligados da fábrica. Além desse apoio vindo dos próprios trabalhadores, também houve

¹⁹² Carta da diretoria Bayer do Brasil S/A destinada aos seus trabalhadores, “A realidade dos fatos”. São Paulo, 27 jul. 1989.

¹⁹³ Ibid.

remessa de dinheiro, pelo sindicato da Bayer da Alemanha. O dinheiro era dividido entre os dirigentes, que passavam por momentos de turbulência e penúria. O presidente do sindicato narra que no natal de 89 tinha para oferecer aos seus filhos arroz e feijão.

Ademais, após a greve a empresa começou a sufocar o sindicato, fazendo uma campanha pela saída dos operários do sindicato, com isso os químicos perdiam o dinheiro das mensalidades e saíam fragilizados da paralisação, sobre esse momento:

“Dos 2000 que a gente tinha caiu para 300 sindicalizados, dirigentes demitidos e o sindicato sufocado financeiramente, foi campanha explícita dentro da empresa. Essa foi a estratégia deles, destruir não o sindicato, mas aquelas lideranças que eles queriam destruir, então o foco era destrói as lideranças, joga para o buraco eles, ok. Depois a gente deixa a galera voltar para o sindicato, quando a nova turma assumir. Aí começaram as discussões com o Djalma pois o dinheiro era muito fechado entre ele e o tesoureiro, então a gente vai a São Paulo, conversa com a CUT, ela diz que paga o meu salário, do Aécio e do Mário. Dos outros que não era Cutista não. ‘Quando resolver na justiça vocês devolvem o dinheiro ao sindicato’”.¹⁹⁴

Então, para esses sindicalistas o salário era pago pelo sindicato cutista de São Paulo, isso durou um ano. A categoria estava esfacelada com a “derrota na Bayer”. Qual era estratégia agora para voltar à fábrica? Hélio relata que procurou a Pastoral Operária e ela fizera contato com o padre operário¹⁹⁵ que havia dentro da Bayer, que tinha contato com a comissão de fábrica da Bayer da Alemanha. O sindicalista viu nesse canal uma forma de dialogar com o pessoal da Alemanha para assim colocá-los cientes do que ocorria aqui no Brasil. Iniciou a mandar fax para os alemães. O líder sindical conheceu uma química alemã, chamada Beatriz Saurserman, que era comunista, e apoiou a causa brasileira contando para os sindicalistas alemães sobre o que ocorria no Brasil. Além desse apoio, buscou-se suporte dos químicos da Bayer de Socorro e da unidade de Camaçari, criando dessa maneira o grupo Bayer - Brasil articulado por Hélio Wanderlei. Ele percebia que nessa circunstância difícil, o melhor caminho no movimento sindical era a articulação. Os sindicalistas estavam com a carteira de trabalho junto à empresa retida, então, Mário foi rodar com seu táxi para fazer dinheiro, Aécio outras coisas e, Hélio ficou se articulando com outros sindicatos nesse período fora da fábrica. Mas os três ainda tinham que fazer resistência para reintegração dos demitidos. Eis que surge a ideia que mudaria as cartas do jogo para a reversão das demissões. Tiveram a ideia de fazer um cartaz com um ataque ferrenho a imagem da empresa associando ela ao nazismo. Hélio narra o episódio:

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ O padre operário é uma figura muito comum em fábricas na Alemanha, ele é um operário regular, mas que atende os seus colegas no que tange ao assunto espiritualidade, reza missas, e dar orientação a seus pares quando esses estão passando por algum tipo de problema. Na Bayer unidade de Belford Roxo havia um padre operário chamado Frei Vile.

Fizemos um cartaz apócrifo, com a cara do Hitler e na suástica estava escrito Bayer, escrevemos embaixo “Se é Bayer é Bomba”, ao lado colocamos demissão, escravidão etc. Fizemos no Sindicato dos Químicos de Santo André na clandestinidade também, pois o chefe lá disse “essa parada não pode vazar, isso tem que ser na madrugada e, nenhum diretor do sindicato pode saber” e a gente fez na madrugada os cartazes. Levei três dias para chegar ao Rio fazendo comboio para ninguém pegar, pois se pega estava preso. Na madrugada eu, Aécio e Mário no meu carro, fizemos aquela cola com soda cáustica e rolo e fomos para rua. Ficamos de meia noite às cinco da manhã colando, colando e colando, no dia seguinte desaparece vai para casa de algum parente e a gente colou até no viaduto da Bayer[...] Quando os ônibus começaram a chegar de manhã e o pessoal que vinha por Nova Iguaçu e Belford Roxo a pé vendo os cartazes. Sabe o que aconteceu? A Bayer ligou para o Itamarati, que acionou a Polícia Federal para tentar descobrir quem fez os cartazes contra a Bayer. A gente mandou para Alemanha, fedeu. Os alemães ficaram putos, porque essa história do Hitler é muito complicada ainda para eles, ainda no sentimento alemão. Um grupo achou certo, outro não, falando que não deveríamos ter feito isso. Mas a gente falou “está feito a gente pensa assim.”¹⁹⁶

A partir destes cartazes, um grupo da Alemanha resolveu vir ao Brasil para acompanhar a situação. Foi montada uma comissão de trabalhadores enviada ao solo brasileiro para acompanhar a situação dos sindicalistas. Entra na cena a Beatriz Sausserman junto com o Frei Vile que conseguem dinheiro junto com os franciscanos e bancam a ida de Hélio Wanderlei, Mário e Tom à Alemanha. Hélio por sua vez tinha se articulado com o pessoal da BASF, outra multinacional alemã no Brasil. Nessa empresa o representante sindical era o José Drumond, que também era dirigente da CUT internacional e ele compra a briga dos químicos da Baixada Fluminense. Juntos, iniciaram uma ofensiva na Alemanha. Hélio chegou a panfletar às cinco da manhã na porta da Bayer de Leverkusen com temperaturas muito baixas.

Ademais, fora a ofensiva crescente, outro ponto que fez a Bayer repensar a questão, foi a interferência de Jair Meneguelli¹⁹⁷, presidente da CUT nacional, que participando de uma reunião na Alemanha disse “Se a Bayer não reintegrar os demitidos, a CUT iniciará uma campanha nacional e internacional contra a Bayer”. A partir dessa declaração, a Bayer de Socorro, onde ficava o RH geral chama os sindicalistas para uma conversa e, lá a empresa expõe um acordo, no qual ela reintegraria dez dos treze demitidos. Na lista estavam os três que não voltariam: Hélio, Mário e Aécio. A resposta dos dirigentes foi, primeiramente, negativa aceitando voltar, somente os treze. Entretanto, após muito debate, Djalma e Edson

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ **Jair Antonio Meneguelli** (São Paulo, 16 de julho de 1947) é um sindicalista e político brasileiro. Ferramenteiro na Willys Overland, tornou-se presidente do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo em 1981.¹ Fundou e presidiu a Central Única dos Trabalhadores - CUT nacional por onze anos. Integrante do Partido dos Trabalhadores, elegeu-se deputado federal em 1994 e novamente em 1998.

tomam a frente e aceitam a proposta e voltam para dentro da fábrica, os outros três ficam fora da fábrica, mas tocando a vida no sindicato, pois faltava pouco para acabar o mandato.

Nesse momento, ocorre uma verdadeira desintegração do grupo, pois os três com o pensamento mais radical começam a ficar isolados. Segundo Hélio, “começa a ter um afastamento dos trabalhadores do movimento mais radical, pois vai acontecendo vários episódios e gente vai com os panfletos mais agressivos, mais direcionados e o pessoal começa a recuar, a recuar”.¹⁹⁸ As eleições para um novo mandato estavam próximas, nesse momento eleitoral os três montam uma chapa própria chamada Pró – CUT e Djalma faz um acordo com um outro grupo dentro da Bayer, conhecido como “amarelinhos”. A disputa foi muito ferrenha entre as chapas, dias e dias na porta da fábrica tentando convencer os trabalhadores, utilizaram panfletos, carros de som, palestras etc.

Nas eleições, o grupo CUT de Hélio Wanderlei e seus amigos sagra-se vencedor por diferença de 19 votos. Entretanto, houve a impugnação das eleições, pois quando se estava no meio do processo, na empresa Taza um dos “amarelinhos” falou vamos fechar essa urna já que vem ninguém. Posteriormente os amarelinhos alegaram na justiça que isso impediu os trabalhadores da empresa de votar e as eleições foram anuladas. Com isso, criou-se um vácuo administrativo. Enquanto a justiça não decidia o caso, Djalma assumiu a frente do sindicato novamente.

Ademais, no meio desse processo, Belford Roxo se emancipa, e a chapa perdedora dos amarelinhos faz uma votação e funda o sindicato dos químicos de Belford Roxo separado de Nova Iguaçu, absorvendo o eleitorado da Bayer, dessa maneira a chapa de Hélio perdia espaço. Com isso, nas eleições de 1992, os amarelinhos vencem. Com o tempo o sindicato foi perdendo o seu caráter mais reivindicativo, tornando-se mais burocrático de um panfleto de vez em quando na porta da fábrica. Na opinião de Hélio Wardelei:

Hoje o sindicato que tem lá, pelo meu ponto de vista, vinte anos depois é um sindicato burocrata de fazer um contrato a cada ano, fazer um panfleto, reclamar da vida, inflação estabelecida 6% mais 1 ou 2% de ganho real, salário alto dentro da Bayer. Ela desmontou dezesseis fábricas, reduziu seu parque industrial, demitiu toda velharia, ou seja, gente com câncer, sem câncer, fica com a galera mais jovem, centraliza a parte administrativa e ficam com quatrocentas pessoas, hoje o complexo Bayer tem esse número. Então, o movimento sindical dos químicos na Baixada fluminense começa a cair no momento, que a gente perde a gestão do processo eleitoral. A justiça dá uma liminar e tira a gente do sistema e depois os amarelinhos fundam o sindicato, se matam entre eles, aí vem o pessoal mais a direita, toma conta do sindicato, os “amarelinhos” vão saindo todos e volta o que era antes.¹⁹⁹

¹⁹⁸ Ibid.

¹⁹⁹ Ibid.

Após a greve, parece que a disputa por poder no sindicato se acirra e, as coisas ficaram um pouco confusa com o desgaste da paralisação a categoria saiu abalada. Isso coincidiu com o momento, no qual a companhia passava por uma reestruturação que reduziu drasticamente o número de operários, enfraquecendo ainda mais o poder de mobilização da categoria.

3.4 Balanço Final da paralisação

No evento da greve na Bayer evidenciamos um legítimo antagonismo de classe, pois, a empresa preferiu assumir um prejuízo financeiro oriundo da paralisação a abrir concessões à classe operária. Ao longo das páginas, percebe-se que o que mobilizou a greve na Bayer foi o desejo de seus trabalhadores de terem uma reposição salarial e melhores condições de trabalho. Percebe-se no caso da indústria química estudada os trabalhadores como sujeitos da própria história, que, ao se acharem dentro de um contexto de exploração, foram à luta em busca de melhores salários, para assim ter a situação de exploração minimizada. Diante disso, os operários reivindicavam um salário mais digno que os propiciassem as condições básicas para se conseguir um bom nível de vida para eles e suas famílias. Também participam de um momento, que se espalhava pelo país, no qual os trabalhadores buscavam seus direitos coletivamente.

A meta era conseguir a reposição das perdas salariais provocadas pela política econômica do governo que influenciava o modo de vida da classe trabalhadora brasileira. Em meio a uma situação inflacionária, os trabalhadores viam o poder de compra se reduzir cada vez mais. No exemplo de Belford Roxo, percebemos que os trabalhadores se uniram e foram à luta por melhores salários, no início a paralisação era de 24 horas, uma forma de chamar a atenção da empresa para olhar a reivindicação dos seus trabalhadores. Entretanto, as coisas tomaram outro rumo. A greve que era então de um dia tornou-se por tempo indeterminado, a paralisação serviu para colocar em evidência inúmeros questionamentos que existia por parte dos trabalhadores à direção da empresa.

No conflito, recheado de tensões e estratégias de parte a parte, foi possível perceber um exemplo de união, coragem e firmeza entre os trabalhadores que procuravam uma vida melhor e percebiam que a fábrica que eles trabalhavam podia atender essa demanda. A luta dos trabalhadores não era somente contra a direção patronal, mas pode-se verificar uma luta contra o sistema imposto pelo capitalismo selvagem nacional e internacional. No âmago desse sistema os trabalhadores são os mais prejudicados.

Os 15 dias de greve na Bayer foram um exemplo de luta da classe trabalhadora. Nos dias parados, verifica-se uma organização e disposição em prol de um objetivo. Foram feitos piquetes na porta da fábrica, mobilização de trabalhadores e da população local nas passeatas e tudo isso com a companhia “agradável” da força policial. A duração da greve pode revelar um repúdio à forma de atuação da direção patronal nos últimos anos. Os “colaboradores” estavam descontentes com o baixo salário recebido se comparado ao lucro que eles proporcionavam à empresa.

Apesar de no conjunto de trabalhadores da Baixada Fluminense, os funcionários da Bayer possuírem os melhores salários, os operários perceberam que a indústria era uma das poucas empresas da região e do país com alta lucratividade e, ainda assim, gastava pouco com sua mão de obra. Considerando também o estado de penúria que vivia o trabalhador brasileiro, tendo necessidades primárias para viver saudavelmente, naquele momento, para minimizar esta realidade, o único diálogo possível foi a greve.

A luta dos trabalhadores da Bayer não foi em vão. A categoria teve ganhos políticos impossíveis de serem mensurados. Só pelo simples fato de terem parado uma indústria química de grande porte que não sofria interrupções de trabalho há 25 anos, a paralisação já pode ser considerada honrosa. Entretanto, a mobilização serviu para mostrar a necessidade dos trabalhadores de se organizarem mais ainda e montar novas estratégias para lutar pelos direitos da classe. O dossiê feito pelo sindicato para relatar a greve, é finalizado da seguinte maneira “A greve, ocorrida na Bayer, foi um fato histórico, servindo-nos de lição, como também para todo o movimento sindical, e porque não afirmar, à classe capitalista”.²⁰⁰

No final do conflito, na data-base da categoria, partes das reivindicações foram atendidas, muitos trabalhadores que foram demitidos entraram na Justiça do Trabalho e retornaram ao trabalho através de liminar. A greve tornou-se um fato histórico tanto para os trabalhadores como para a empresa, implicou numa mudança de relação entre empresa e sindicato, percebeu-se que o diálogo é o melhor remédio para evitar conflitos da mesma proporção da greve. Embora a relação não tenha se tornado menos conflituosa da noite para o dia, no acordo coletivo de 1990, os trabalhadores pediram a direção da empresa o reconhecimento de uma comissão de fábrica. A direção pediu um ano para elaboração da comissão de maneira que ela tivesse estatuto próprio, e ela entrou em vigor em 1992. A inspiração foi o modelo de comissão da Volkswagen de São Paulo, no ABC paulista.

²⁰⁰ Informações adquiridas através de um Dossiê sobre o histórico da greve Disponível no Sindiquimica. Sindicato que representa os trabalhadores da Bayer de Belford Roxo.

A comissão de fábrica veio para atuar nas questões internas na empresa, como, por exemplo: vestuário, armário velho, demissões, assédio moral, problemas com a chefia. Nesse sentido, a comissão tem a meta de atenuar os conflitos internos, fazer uma intermediação entre os trabalhadores e a direção da fábrica. Ela é eleita por votação entre os trabalhadores, e exerce um mandato de dois anos. A instauração da comissão de fábrica é entendida pelo sindicato como uma conquista legítima dos operários da Bayer, já que na Alemanha é obrigado por lei, aqui foi uma reivindicação atendida dos trabalhadores.

A relação entre comissão de fábrica e empresa é assunto para outro trabalho. No momento, nos restringimos à narrativa da greve para assim perceber a complexidade das situações inerentes a esse momento na vida da classe trabalhadora. Desse modo, observa-se que é em meio às dificuldades que é forjada a identidade de uma classe. A categoria dos químicos de Belford Roxo está dentro de um contexto de lutas, no qual a classe trabalhadora buscava seu espaço, sua voz, sua força política numa sociedade desigual.

Dessa maneira, finalizo esse capítulo com um pronunciamento da Pastoral Operária Diocesana sobre o ocorrido, em Belford Roxo:

Como cristãos, nos sentimos solidários e apoiamos todos que têm fome e sede de justiça. Reconhecemos na luta dos trabalhadores o exemplo de união, coragem e firmeza com que todos os pobres devem procurar uma vida melhor sem aceitar manipulações e provocações. Estamos felizes que este exemplo mais uma vez venha de Belford Roxo, região que os meios de comunicação social apresentam como exemplo de violência. Isso nos confirma que as verdadeiras mudanças virão dos pobres, como nos indica Jesus, nas Bem – aventuras.²⁰¹

²⁰¹ Carta aberta aos trabalhadores e às comunidades, Pastoral Operária Diocesana, Coordenação de Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu. Sem / data.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso tema de estudo foi uma indústria química de grande porte que se estabeleceu em 1958, em Belford Roxo, que na época era um distrito pouco populoso e subdesenvolvido de Nova Iguaçu. A localização estratégica da região fez florescer um surto industrial no espaço, incentivos fiscais, abundância de mão-de-obra barata teria atraído a instalação de várias indústrias na Baixada Fluminense, inclusive a Bayer.

No decorrer da investigação, verificamos a mudança no perfil da região de Nova Iguaçu que no período anterior à Segunda Guerra Mundial era caracterizada pela produção de laranjas e tinha contornos rurais. A partir do declínio da citricultura, observamos a geração de reflexos negativos para área que precisava se reinventar, com o declínio, a região da Baixada inicia o processo de transformação do seu espaço. O fim do ciclo da laranja propiciou o início do processo de transformação do espaço, antes rural da Baixada Fluminense, em espaço urbano.

No momento da instalação da Bayer na localidade, Nova Iguaçu estava perdendo aos poucos o seu caráter rural e estava ganhando contornos urbanos, vivia também o aumento de sua população devido à vinda de imigrantes para a região pela relativa facilidade na compra de lotes. Outro ponto que merece destaque é que o território iguaçuano estava atraindo as instalações de inúmeras indústrias por conta de incentivos fiscais concedido pela prefeitura. Outro atrativo era a proximidade da Rodovia Presidente Dutra que proporcionava uma melhora no transporte de mercadorias.

Além disso, através do que foi explicitado pode-se dizer que a Bayer teve sua implantação na região por conta de uma conjuntura que vivia a cidade do Rio de Janeiro e a região da Baixada fluminense. Ademais, Foi possível verificar a empresa no contexto da industrialização brasileira, implantada em 1958, em meio ao projeto desenvolvimentista do Presidente Juscelino Kubitschek. O empreendimento industrial contou com o apoio do presidente da república que participou ativamente das negociações em prol da multinacional ser implantada em solo brasileiro. A empresa se apresentava como uma importante indústria química de base para o Brasil e prometia prestar serviços de relativa importância a economia brasileira.

Através do que foi estudado até o momento acredita-se, que a empresa se enquadra num processo de industrialização vivido pelo Brasil na segunda metade do século XX, assim como, no circuito de industrialização e urbanização da Baixada Fluminense. Também se constituiu como um dos alvos da pesquisa a utilização da vila residencial da Bayer, já que foi despertado o interesse em saber o porquê da utilização da vila e como teria sido essa experiência. Sabe-se que a historiografia tem registrado diversos casos de fábricas com vila operária, e de acordo com as pesquisas a utilização das vilas podem ter diversos objetivos como: controle, uma forma de barganha perante os trabalhadores, diminuição de gastos com transporte de funcionários ou entra como mais um “benefício social” oferecido pelas empresas.

No caso específico da Vila da Bayer, foi possível verificar que o sistema de transporte limitado e precário teria influenciado na construção de casas junto ao complexo que iriam compor a vila residencial, pois a fábrica necessitava de certos funcionários especializados junto às unidades fabris. Tendo em vista às dificuldades de locomoção a construção da vila apareceu como uma alternativa a essa situação.

Além disso, a vila operária da Bayer tinha a função de abrigar os alemães que exerciam cargos de chefia e os funcionários especializados indispensáveis às unidades produtivas. Não foi possível perceber se a vila residencial da Bayer em alguns momentos de sua existência, teria sido utilizada pelos patrões como uma forma de controle da força de trabalho. Entretanto, através dos relatos colhidos é perceptível que seu efeito educador parece ter sido assimilado pelos que lá moravam, pelo menos no que concerne o senso de responsabilidade exigido pela empresa aos moradores da vila residencial. Contudo, a “forma de controle” exercida pela vila da Bayer se dá de forma subjetiva. Pois, dada à forma como era disponibilizada a casa aos funcionários, tendo ele nenhuma preocupação com as contas, acredita-se ser difícil um operário não se adequar ao comportamento que a empresa espera dele, pois, do contrário ele perderia um de seus “benefícios sociais”. Ao longo do trabalho, procurou-se demonstrar um breve histórico da indústria química pesquisada, passando pelo contexto de sua instalação, sua experiência com a vila residencial. Também observou-se que ela passou por transformações produtivas no decorrer dos anos. Vale ressaltar alguns resultados de algumas transformações produtivas, eles são: renovação do corpo gerencial (retirada dos alemães dos cargos de chefia), expansões nos anos 70 e 80 gerando aumento do número de empregados, tornando assim a unidade industrial a maior geradora de empregos da região de Belford Roxo. Por fim, as reestruturações dos anos 90 implicaram na redução do

número de funcionários e adoção do sistema de sinergia comercial (atraindo empresas parceiras a se instalarem no espaço do complexo industrial). Mas, ainda assim, o complexo industrial, continua tendo importância estratégica para o município, tanto na geração de empregos quanto de receita. Essa reestruturação teria feito a empresa a encolher de tamanho, diminuindo sensivelmente suas instalações e marcando o início de declínio. Coincidentemente, essa fase começou no período posterior a greve, no qual houve enxugamento no número de funcionários e a relação com o sindicato passou a ser de conflito.

Foi analisado que, na década de 80, a empresa passou por um processo de renovação dos funcionários, entrando jovens com uma nova cabeça, que criticavam coisas das quais antigos não reclamavam. Muitos deles tinham influência partidária ou eram filiados a CUT, instituição que influenciou de sobremaneira a forma de agir de alguns membros do sindicato.

O sindicato dos químicos nos anos 80 inicia uma atuação diferenciada principalmente com a presidência de Djalma junto com os dirigentes Aécio, Mário e Hélio Wanderlei, que trouxeram muitas conquistas ao sindicato. A fábrica parece não ter se adaptado a essa forma de agir dessa nova diretoria, que parou a fábrica por 24 horas para ter comida no restaurante. Esse novo estilo de enfrentamento era uma algo que os diretores da Bayer não estavam acostumados a lidar, a empresa não gostava dessas lideranças mais radicais, temia que ocorresse uma paralisação mais séria.

E isso ocorreu com – a greve de 1989-, estudada no terceiro capítulo do trabalho. Observou-se que no momento da greve na Bayer em junho de 1989, o Brasil vivia uma conjuntura econômica desfavorável que influenciava o modo de vida dos trabalhadores. A inflação deteriorava o poder de compra dos trabalhadores. Frente a esse contexto difícil percebe-se um ressurgimento e uma maior mobilização por parte da classe trabalhadora. Ainda nos anos 80 vive-se uma maior atuação do sindicalismo brasileiro levantando as bandeiras dos trabalhadores.

Constatou-se que os trabalhadores da Bayer demonstraram sua organização e força reivindicativa na greve de 15 dias, em busca de melhores salários. Na ocasião, os operários tiveram um embate forte com a empresa, vivenciou-se à utilização de estratégias de parte a parte a fim de uma resolução do impasse. Uma situação tensa entre sindicato e direção da empresa foi a tônica do conflito. Analisando o movimento grevista, percebe-se que os trabalhadores não foram passivos, mostraram à empresa suas forças para lutar por melhores

salários e condições de trabalho. Assim, foi forjada, no momento de luta, uma união e a formação da identidade de grupo dos químicos da Bayer.

Ademais, pode-se constatar que a empresa bancou enfrentar a greve, pois ela receava que o uso da greve se tornasse uma constante para pressionar a empresa nos momentos mais críticos na assinatura de acordos. Com isso, a greve tornou-se uma questão política. Ninguém queria sair perdedor desse embate, a atitude rígida da empresa para com a greve gerou uma enorme surpresa em seus operários. No final da greve, a demissão dos diretores promoveu uma desestruturação da organização operária que estava formada até então. Os dirigentes demonstraram muita articulação e contaram com o apoio da CUT, sindicato dos químicos de São Paulo e fizeram contato com o sindicato alemão da empresa em busca de suporte.

Foi necessária uma forte ofensiva pela reintegração dos dirigentes e, no momento do acordo de reintegração a ação da empresa mostrou que ela não queria a presença dos três dirigentes tidos como os mais radicais: Hélio, Mário e Aécio, que não voltaram para dentro da fábrica. Essa estratégia minou a organização daquele grupo como também a integração dessa chapa em cabeça por Djalma. A partir desse momento, surgem muitas disputas pelo poder no sindicato, a categoria fica fragmentada e sem unidade, e essa falta de unidade acaba gerando um afastamento dos trabalhadores do sindicato. Ademais, posteriormente a greve, a Bayer passa por um momento de reestruturação, no qual atingida por uma crise econômica e mudança na sua política econômica passa por uma remodelagem do seu parque fabril fechando muitas unidades em Belford Roxo. Dessa maneira, reduziu drasticamente o número de funcionários, conseqüentemente o sindicato perde muito o seu poder de atuação e mobilização. A greve foi um divisor de águas e marca o fim de um período áureo para a fábrica

A relação entre empresa e sindicato ficou estremecida após a referida greve, isso implicou numa mudança de estratégia do sindicato que representava a categoria nos anos seguintes. Uma das reivindicações dos trabalhadores foi atendida: a instauração de uma comissão de fábrica, que veio para atuar nas questões internas. Entretanto, as implicações da instauração de uma comissão de fábrica no interior da indústria é assunto para outro trabalho.

É possível finalizar dizendo que a Bayer se constitui como um bom objeto de pesquisa, mostrando-se rica em interlocuções. A categoria dos químicos revelou-se bastante interessante de ser estudada. Eles foram à luta no momento de paralisação e bateram de frente com a estrutura do capital, que tem uma base forte e tenta de todas as maneiras não sair

derrotado pela força da organização operária. Por mais que a categoria não tenha tido muitos ganhos reais com a paralisação, a greve foi um exemplo que a classe trabalhadora não pode ficar passiva em contextos de crise econômica.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes Consultadas

História oral:

Entrevista ex- Diretor Hélio Wanderlei Coelho Filho, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 10 fev. 2015.

Entrevista ex- Presidente do Sindicato Djalma de Araújo Lima, concedida ao autor- Rio de Janeiro, 10 fev. 2015

Entrevista ex- Diretor Sindical Aécio Barbosa de Oliveira, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 02 fev. 2015.

Entrevista do aprendiz André de Oliveira Nascimento, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 18 set. 2014.

Entrevista de Flávio Abreu diretor Industrial da Bayer, concedida a Alexandre Fortes – Rio de Janeiro, 22 maio. 2009.

Entrevista do operário aposentado Sebastião Feslki, concedida ao autor - Rio de Janeiro, 03 fev. 2011.

Entrevista do Diretor Sindical Everton Amilton Galvão Huguenin, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 26 jul. 2011.

Entrevista do Diretor Sindical Edson Luis de Barros, concedida ao autor – Rio de Janeiro, 27 jul.2011.

Arquivo do Sindiquimica:

Panfleto: A Bayer na Vanguarda, Bayer do Brasil Indústrias Químicas S/A, RJ, 10 jun. 1958.

Carta da diretoria da Bayer S.A. endereçada aos seus colaboradores, Rio de Janeiro, 14 jun. 1989.

Bayer do Brasil S.A. telegrama endereçado ao SR. Djalma Lima Araújo, presidente do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de produtos químicos de Nova Iguaçu, Belford Roxo, 14 jun.1989.

Carta aberta aos companheiros de luta e à comunidade, Sindquimica, 19 jun.1989.

Panfleto A greve continua, Sindiquimica, 20 jun.1989.

Telegrama enviado para o governador do Estado Do Rio de Janeiro e Comandante da PMRJ/sem data.

Informativo do Sindiquímica, junho.88.

Informativo do Sindiquímica, Sindicato é pra lutar! 26 jun.1989.

Informativo do Sindiquímica, A greve é legal, 26 jun. 1989.

Informativo do Sindiquímica, Bayer rasga a fantasia, junho. 89.

Carta da diretoria Bayer do Brasil S/A destinada aos seus trabalhadores. A realidade dos fatos. São Paulo, 27 jul. 1989.

Ofício da diretoria Bayer do Brasil S/A. São Paulo, 27 jul. 1989.

Carta aberta aos trabalhadores e às comunidades, Pastoral Operária Diocesana, Coordenação de Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu/ sem data.

Periódicos

Jornal A lavoura, Rio de Janeiro, 02 jun. 1900.

Jornal Correio da Lavoura n°.2152. Nova Iguaçu, RJ, 15 jun. 1958.

Novo Conjunto de Fábricas Bayer, Revista o Cruzeiro, RJ, Ed.junho de 1958.

Folha de São Paulo, 04 maio. 1989.

SINDILUTA, São Paulo, 23 maio. 1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 15 jun. 1989.

Jornal O pontual, Nova Iguaçu, 15 jun.1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 17 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 18 jun. 1989.

Jornal O pontual, Nova Iguaçu, 18 jun. 1989.

Jornal Convergência Socialista, 19 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 20 jun. 1989.

Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, 22 jun. 1989.

Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 24/ jun. 1989.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALVES, Giovanni. Do “Novo Sindicalismo” À “concertação social” Ascensão (E CRISE) Do Sindicalismo no BRASIL (1978-1998). Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 15, p. 111-124, nov. 2000.

ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. São Paulo: Boitempo, 1988.

BATALHA, Claudio. (2007) “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In Marcos Cezar de Freitas (org). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Editora Contexto.

BATALHA, C. H. de M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATALHA, Claudio H. M. - Os Desafios Atuais da História do Trabalho Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.87-104, jan./dez. 2006.

BELOCH, Israel. Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada. – Rio de Janeiro: Record, 1986.

CARVALHO, Iracema Baroni. Laranjas brasileiras. Nova Iguaçu: SMCEL, 1999.

CORRÊA, Larissa Rosa. *A Tessitura dos Direitos-Patrões e Empregados na Justiça do Trabalho, 1953-1964*. São Paulo: LTr 75/Fapesp, 2011.

COSTA, Hélio da. Em busca da Memória. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Editora: Scritta, 1995.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CRUZ, M. C. V. e. *Virando o jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998;

DE PAULA, Roseli Gomes. Direito de greve do servidor público civil. Rio de Janeiro, 2006. Monografia apresentada à Universidade Estácio de Sá como requisito para obtenção do título de Bacharelem Direito.

DELGADO, Mauricio Godinho. Justiça do Trabalho: 70 anos de justiça social. Disponível em: <http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/25347/008_delgado.pdf?sequence=1> Acesso em : 18 jan. 2014.

DUPRÉ, Allen. Bayer Belford Roxo 50 anos. 1.ed. – São Paulo: S.A./ Carrenho Editorial, 2008.

FERREIRA, Jorge. *O Nome e a coisa: O populismo na política brasileira*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FIGUEIREDO, Maria de Aparecida. Gênese e (re) produção do espaço da Baixada fluminense. *Revista geo-paisagem (online)*, Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004. Disponível em: < <http://www.feth.ggf.br/Baixada.htm> >. Acesso em: 12 set. 2011.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: AnnaBlume e STI Químicas e Plásticas de São Paulo, 1997.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945- 66)*. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORTES, A. Como era gostoso meu pão francês: a greve dos padeiros de Porto Alegre (1933-1934). *Porto Alegre, Anos 90*, n. 7, 1997.

FORTES, Alexandre. O Estado Novo e os trabalhadores: a construção de um corporativismo latino- americano. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 61-86, 2007.

FRENCH, John. *O ABC dos operários: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900 – 1950*. São Paulo: Hucitec/São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

FRENCH, John D. *Afogados em leis – A CLT e a cultura dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. Retrato Falado: a Justiça do Trabalho na visão de seus magistrados. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, nº 37,

jan./jun. 2006, p. 55-80 (capturada no sítio cpdoc.fgv.br/revista/ da Biblioteca Digital da FGV).

HALL, Michael M. The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914. Nova Iorque: Columbia University, 1969. (tese).

HISTORIA ORAL- CEPEDOC Disponível em:< <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 05 out. 2011.

IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEITE, Carlos Henrique Bezerra. **A greve como direito fundamental**. Curitiba: Juruá, 2000.

LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. A greve do servidor público após a Emenda Constitucional N. 19/1998. In: SANTOS, José Ronald Cavalcante (coord.). O servidor público e a Justiça do Trabalho (estudos em homenagem ao Ministro Ronaldo José Lopes Leal). São Paulo: LTR, 2005.

LOPES, J. R. B. *Crise do Brasil arcaico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

LOPES, J. R. B. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

LOPES, José Sérgio Leite. O “Vapor do Diabo”: o trabalho dos operários do açúcar, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo, Marco Zero e Universidade de Brasília em co-edição com MCT/CNPq, 1988.

MAIA, Priscila Nunes Fraga; RODRIGUES, Adrianno Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. Disponível em: <www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%A3o2039/72A.pdf>.

Acesso em: 20 ago. 2011.

MARTINS, Sergio Pinto. Greve do serviço público. São Paulo: Atlas, 2001.

MORILLAS, Juliana. Direito de Greve no Brasil: condições e limitações. Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 6, n. 2, p. 152-162, jul./dez. 2012.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. **Comentários à lei de greve**. São Paulo: LTr, 1989.

OLIVEIRA, Alberto de; RODRIGUES, Adrianno O. Industrialização na periferia da região metropolitana do rio de janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. Semestre Económico, volumen 12, No. 24 (Edición especial), pp. 127-143 -ISSN 0120-6346-oct. de 2009. Medellín, Colombia.

OLIVEIRA, Francisco. *A economia da dependência imperfeita*, Rio de Janeiro, Graal, 1977.

ORENSTEIN, Luiz. Democracia com desenvolvimento: 1956-1961 In: ABREU, Marcelo P. A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PRADO LEITE, Julio César do. A greve no contexto democrático. In: Revista Síntese Trabalhista. Porto Alegre, RS, n. 82, abr. 1996.

PEREIRA, Astrojildo. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.

RAMALHO, José Ricardo. Estado – Patrão e luta operária: o caso FNM. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Raulino, Sebastião Fernandes. Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e

populações residentes. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2009.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira (2006). De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ.

RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. São Paulo: Brasiliense, 1970.

SANTANA, Marco Aurélio. O sindicalismo brasileiro nos 1980-2000: do ressurgimento à reorientação. Ano V – Número 8 – 2011. p2. Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho.

SANTOS, Ruth Lyra. Notas sobre a ocupação humana da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

WEFFORT, Francisco C. Origens do sindicalismo populista no Brasil (A conjuntura do após guerra). Estudos Cebrap, nº 4, São Paulo: Cebrap, 1973

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no período 1930-1955*. In. MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ZANGRANDO, Carlos Henrique da Silva. Greve do servidor público. São Paulo: Atlas, 2001.

ANEXO 1: PANFLETO DISTRIBUÍDO EM LEVERKUSEN FALANDO DA BAYER BELFORD ROXO

Kolleginnen und Kollegen für eine durchschaubare Betriebsratsarbeit



BAYER AG
Leverkusen
5. Sept. 1991

Brasilianische Gewerkschafter in Deutschland

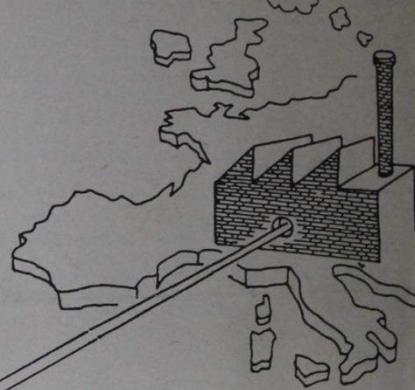
In wenigen Tagen erwarten wir den Gegenbesuch der Gewerkschaftskollegen aus Brasilien. Wir freuen uns, unsere Freunde hier zu empfangen, um ihnen die hiesigen Verhältnisse zu zeigen und mit ihnen darüber zu diskutieren.

Wir erinnern uns:

Vor einem Jahr fuhren zwei Bayer Kollegen aus Leverkusen und eine Kollegin aus dem Wuppertaler Werk im Rahmen eines Austauschprogramms nach Brasilien und lernten die dortigen Lebens- und Arbeitsbedingungen kennen. Es wurden Kontakte zu Bayer Arbeitern des Werkes in Belford Roxo geknüpft. Dort wurden im Juni 1989 auf Grund eines Streikes um einen angemessenen Inflationsausgleich zwölf Mitglieder der Gewerkschaftsleitung und 65 weitere KollegInnen entlassen.

Solidarität ist machbar

Diese unangemessene Reaktion der Bayer Geschäftsleitung war für uns der Auslöser dieser Solidaritätsarbeit. Über die Kirche erfuhren wir von den Entlassungen und den weiteren Geschehnissen vor Ort. Mit diesen Informationen versuchten wir hier durch Öffentlichkeitsarbeit Druck auf den Vorstand auszuüben. Durch die verbreitete Diskussion und letztendlich auch durch die IG-Chemie wurde ein Erfolg erzielt.



Bayer do Brasil hat sich bereiterklärt, die „suspendierten“ Gewerkschaftsleiter wieder einzustellen. Sie waren nach dem Streik im Juni '89 entlassen worden. Der Kündigungsschutzprozess endete mit der Weiterbezahlung der Löhne, solange die Betroffenen eine Funktion in der Gewerkschaft haben. Eine Möglichkeit, ins Werk zu gelangen, hatten sie allerdings nicht. Nachdem sich dieser Konflikt schon seit mehr als 2 Jahren hinzieht, scheint nunmehr auch der letzte Gewerkschafter eine Wiedereinstellungsgarantie erhalten zu haben.

Wir freuen uns darüber, daß die Kollegen wieder eine halbwegs gesicherte Existenz haben. Aber weiterhin weigert sich Bayer do Brasil den Beschäftigten schriftlich irgendwelche Rechte einzuräumen. Rechte, die bei uns seit Jahrzehnten im Betriebsverfassungsgesetz stehen. Es gibt Verhandlungen, aber das Angebot von Bayer do Brasil umfaßt nicht die wesentlichen Forderungen der Gewerkschaft, von wirklicher Mitbestimmung spricht noch keiner.

VERANSTALTUNGSHINWEIS

Am 7.9.91 kommen 3 Beschäftigte von Bayer do Brasil nach Deutschland und werden sich jeweils 1 Woche in Wuppertal und Leverkusen aufhalten. Sie werden auf 2 Veranstaltungen von ihren Aktivitäten und Erfahrungen in Brasilien berichten: 1. Am Mittwoch, den 11.9.1991 in den Räumen, Hauptstr. 118, Leverkusen, um 17.15 Uhr 2. Am Donnerstag, den 12.9.1991 im Kölner DGB-Haus, Hans Böckler Platz, 5 Köln 1, um 18.00 18.30 19.00 19.30 Uhr. Alle interessierten Kolleginnen und Kollegen sind herzlich eingeladen.

ANEXO 2: HÉLIO WANDERLEI, SINDICALISTA BRASILEIRO, EM REUNIÃO COM DIRIGENTES SINDICAIS ALEMÃES

Kündigung wegen eines Streiks

Brasilianische Gewerkschafter zu Besuch in Vohwinkel



Drei brasilianische Gewerkschafter informierten als Gäste der Vohwinkler SPD über die Situation in ihrem

Heimatland. Neben den faszinierenden Berichten über die Schönheit des Landes und die Lebensfreude in Brasilien

war aber ihr eigentliches Anliegen, über die Mißstände und Schwierigkeiten im riesigen Land Südamerikas zu be-

richten. „Was hier passiert, muß öffentlich gemacht werden, und die reichen Industrienationen der ersten Welt müssen uns helfen“, beteuerte ihr Sprecher. Trotz der Festlegungen in der brasilianischen Verfassung werden die hier als selbstverständlich geltenden Menschenrechte nicht eingehalten. Die drei Gewerkschafter selbst wurden wegen der Organisation eines Streiks entlassen. Aber es bleibt leider nicht immer nur bei Entlassungen. Die Gäste aus Brasilien wußten auch von Ermordungen gewerkschaftlich Engagierter in den ländlichen Gebieten durch die sogenannten Todeschwadronen zu berichten. Betroffenheit allein hilft bei dieser Problematik aber nicht weiter, und so hat sich die Ortsgruppe Vohwinkel zur aktiven Unterstützung in Brasilien entschlossen. Unter Mithilfe von amnesty international setzt man sich nun für einen brasilianischen Gewerkschafter ein, der wegen der Organisation eines Streiks verhaftet wurde.

ANEXO 3: SINDICALISTAS BRASILEIROS NA ALEMANHA

SPD begrüßte Gäste aus Brasilien

Brasilien: Da denken viele an Rio, Samba und den Zuckerhut. Brasilien: Das bedeutet aber auch 150 Milliarden US-Dollar Auslandsschulden, acht Millionen Kinder, die auf der Straße leben und 48 Dollar Monatslohn.

Drei brasilianische Gewerkschaftler, in ihrer Heimat bei Töchtern des Bayer-Konzerns beschäftigt, sind derzeit auf Einladung in Deutschland und waren zu Gast bei der SPD in Vohwinkel.

Vieles, was in Wuppertal selbstverständlich ist, muß dort mühsam erkämpft werden, oft mit persönlichen Opfern. Betriebsräte, Streiks, Rechte, die hier jeder hat, werden dort nicht zugestanden – obwohl es in der Verfassung steht. Die drei Gewerkschaftler mußten dies am eigenen Leib erfahren. Ihnen wurde gekündigt, nachdem sie einen Streik organisiert hatten.



Daß es gefährlich ist, sich für Menschenrechte in Brasilien einzusetzen, mag man daran erkennen, daß in ländlichen Gegenden laut Bericht der Gäste mehrere Gewerkschaftler auf Grund ihres Engagements ermordet worden sind. „Was passiert, muß öf-

fentlich gemacht werden. Die Erste Welt muß mithelfen, daß sich etwas ändert!“ Die SPD Vohwinkel will hierzu beitragen. Als erste Reaktion verwendet sie sich in einer Postkarten-Aktion für einen inhaftierten brasilianischen Gewerkschafter.

ANEXO 4: CARTAS SOBRE O COTIDIANO NA BAYER BELFORD ROXO

Brasilien: Fußball, Karneval und Samba?

Hören wir von diesem lateinamerikanischen Land, fallen uns zunächst der Zuckerhut, die Copacabana und Pele, der Fußballstar ein. Das Leben der Brasilianer wird allerdings von ganz anderen Sorgen bestimmt.

Unsere Kollegen von Bayer do Brasil, zu denen wir aufgrund eines Austauschprogramms seit etwa einem Dreivierteljahr Kontakt haben, halten uns über die Ereignisse in ihrem Land und bei Bayer auf dem Laufenden. Wir fühlen uns zur internationalen Solidarität verpflichtet. Was wir tun können, ist das weiterzugeben, was uns die brasilianischen Kollegen berichten. Denn es ist schon höchst interessant, wie sich "unser" Multi in der 3. Welt gebärdet.

Weltweit die gleichen Standards?

Wir hatten bereits in der Dezemberausgabe des Belegschaftsinfos geschildert, daß Bayer aktive Gewerkschafter entlassen hatte und daß es keine betriebliche Interessenvertretung,

ähnlich dem Betriebsrat hier, gibt. Kolleginnen und Kollegen, die sich für Gewerkschaftsarbeit im Rahmen des größten Gewerkschaftsdachverbandes (CUT) interessieren, müssen sich heimlich treffen, weil sie Angst vor Entlassung haben, wenn ihr Engagement in den Chefetagen bekannt wird.

Die Verhandlungen um die Belegschaftsvertretung (Fabrikkommission) sind immer noch nicht zu einem Abschluß gekommen. Die Kollegen im Werk Belford Roxo fordern, eine Belegschaftsvertretung wählen zu dürfen, die einmal im Monat zu einer Sitzung zusammentreffen können soll. Vier Stunden pro Woche sollen die Mitglieder dieser Kommission bezahlt freigestellt werden und zwei Mal im Jahr soll eine Betriebsversammlung stattfinden können.

Die Rechte dieser Vertretung sind mehr als bescheiden: Sie soll das Recht haben, von der Firma über die Lage des Unternehmens, Fragen der Arbeitssicherheit und bei Entlassungen unterrichtet zu

werden und über ungerechte Behandlung von Arbeitnehmern diskutieren zu dürfen. Echte Mitbestimmung ist nicht vorgesehen.

Diese Vorstellungen halten wir nicht für so revolutionär, als daß eine Weltfirma im Range Bayers eine solche Vereinbarung, die im Vergleich zum Betriebsverfassungsgesetz äußerst bescheiden ist, nicht unterschreiben könnte. Während hier die Werksleitung den Betriebsrat zu "Kaffeefahrten" einlädt, sträubt sich Bayer in Brasilien einen Mindeststandard an betrieblicher Interessenvertretung überhaupt zuzulassen. Offiziell heißt es immer, weltweit würden die gleichen Standards eingehalten.



Auf Einladung der IG Chemie berichtete Jose Drummond (im Bild mit Betriebsrätin Beatrix Sasseremann) auf der VL-Versammlung über die Situation in Brasilien bei Bayer.

Solidarität trägt Früchte

Seit den Entlassungen der Gewerkschaftsführer in 1989 bemühten sich Kirchen, Gewerkschaften, weitere Organisationen und Kolleginnen und Kollegen aus den deutschen Bayerwerken um die Wiedereinstellung der Gefeuerten. Jetzt endlich hat Bayer sich bereit erklärt,

auch die letzten Suspendierten wieder an ihre Arbeitsplätze zu lassen.

Sowohl die brasilianischen Kollegen als auch wir sehen das als einen Erfolg der gemeinsamen Bemühungen hier in der Bundesrepublik an, da Bayer hier ja sehr um sein soziales Image bemüht ist.

Wir hoffen, daß sich auch in der Frage der Fabrikkommission etwas bewegen wird. Im September diesen Jahres werden drei Kollegen aus brasilianischen Bayerwerken die Bundesrepublik und auch Leverkusen und Wuppertal besuchen. Wir gehen davon aus, daß sich Bayer bis dahin zu einer Akzeptierung einer Interessenvertretung durchgerungen hat. Denn wie sähe es aus, wenn in der bundesdeutschen Öffentlichkeit entlassene Gewerkschafter über die Verweigerung einer Interessenvertretung berichten könnten?

ANEXO 5 : PANFLETAGEM

Panfletagem na portão da



fábrica da Bayer em Leverkusen



ANEXO 6: REUNIÃO COM A COMISSÃO DE FÁBRICA ALEMÃ



Reunião com a comissão de
fábrica da Bayer de Wuppertal

Tópicos:

- Apoio à campanha salarial unificada para todas as fábricas da Bayer no Brasil;
- Campanha internacional pela igualdade dos trabalhadores da Bayer no mundo;
- Criação de um banco de dados para assuntos relacionados com:
 - a saúde, segurança no trabalho, meio-ambiente, etc.

ANEXO 7: PANFLETO BAYER RASGA A FANTASIA

BAYER RASGA A FANTASIA

Foram 14 dias de greve pacífica e ordeira
com muita repressão e prisões de sindicalistas



O gigante tremeu nas bases. A Bayer, a multinacional alemã que tem em Belford Roxo o seu maior complexo industrial da América Latina, engoliu seco e viu cerca de 5 mil trabalhadores cruzarem os braços por melhores salários. As vinte fábricas da empresa em Belford Roxo, que ocupam uma área de 1 milhão e 500 mil m², ficaram paralisadas durante quinze dias. Foi uma greve histórica, a primeira em 25 anos.

A greve reduziu a pó a falsa e hipócrita democracia que os patrões insistem em dizer que existe na Bayer. Ao mesmo tempo que chama os trabalhadores de colaboradores e diz que todos fazem parte de uma grande família, a Bayer chama a polícia, com batalhões de choque e cães, para reprimir o legítimo direito de greve. Centenas de policiais armados até os dentes estiveram presentes na porta da empresa em todos os dias da greve. Houve a presença até mesmo da polícia rodoviária, o que deixa transparecer o grande afinamento que existe entre a cúpula da Bayer e a da polícia.

Com a intenção de intimidar ainda

mais os trabalhadores, a Bayer durante a greve utilizou câmaras de vídeo para filmar o rosto dos grevistas. Os dirigentes da Bayer assimilaram com grande competência as técnicas de outro alemão famoso: Adolf Hitler. Sete diretores do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu foram presos e levados à Polícia Federal no Rio. Após a greve, 35 trabalhadores com vários anos de casa receberam a carta de demissão da "mamãe" Bayer.

A greve da Bayer serviu também para provar que o interesse de qualquer patrão, seja alemão, inglês, japonês, brasileiro etc. é apenas um: lucrar muito à custa da exploração dos trabalhadores. A Bayer tenta esconder a exploração que exerce sobre os trabalhadores atrás de uma política demagógica, com festas, discursos bonitos e outras embromações. Na hora do vamos ver, contudo, cai a pele do cordeirinho e aparece a face do lobo faminto e traiçoeiro.

A população de Belford Roxo apoiou a greve, como provou a passeata que percorreu as ruas centrais da cidade.

Diversas categorias e entidades, como bancários, previdenciários, metroviários, Comissão de Justiça e Paz, CUT, partidos políticos de esquerda, CEPAVI etc. prestaram sua solidariedade.

Fomos nós, com nossa competência técnica e trabalho, que mantivemos intactos os equipamentos das fábricas durante os 15 dias de greve. Isto prova que um dia nós teremos condições de controlar a fábrica sozinhos, sem a necessidade da presença do patrão, que só serve para se apropriar das riquezas que a gente produz. Que esta experiência de força, união e dignidade sirva de estímulo para que nossa luta continue até a conquista de todas reivindicações necessárias a uma vida digna.

No fechamento desta edição, recebemos a notícia de que a empresa demitiu todos os diretores do Sindicato que trabalham na Bayer. Eis aí mais uma atitude nazista de uma empresa que tenta esconder seu autontarismo atrás de uma política demagógica.

ANEXO 7: PRISÃO DOS SINDICALISTAS

JORNAL O DIA
RIO DE JANEIRO, DOMINGO 18-06-89

PM prende 6 sindicalistas durante piquete na Bayer

Policiais do 26º BPM (Mesquita) prenderam na madrugada de ontem seis sindicalistas, que faziam piquete na frente da Bayer, em Belford Roxo. Entre os presos está o presidente do Sindicato dos Químicos de Nova Iguaçu, Djalma Lima Araújo, que foi trazido com dois outros diretores do sindicato, Ronaldo Ferreira Pereira e Aécio da Silva, para a Polícia Federal no Rio onde estão presos. Os outros detidos são Edison Luis de Barros, Rudnei Cosme da Silva e Antônio Joaquim dos Reis, diretor sindicato e um representante da CUT, Homero de Souza. Estes estavam até o início da tarde ainda na Receita Federal, em Nova Iguaçu.

No final da tarde, os quatro fo-

ram removidos para a P.F. do Rio.

A Polícia Federal só comunicou as prisões de Djalma, Ronaldo e Aécio ao meio-dia a 1ª Vara de Justiça Federal, sob responsabilidade do Juiz Júlio César Martins. Os sindicalistas foram enquadrados nos Artigos 202 e 330 do Código Penal, crime contra o trabalho previsto na lei de greve e desacato à autoridade, respectivamente. Pelo menos três advogados foram à Polícia Federal ouvir os sindicalistas e questionar os motivos da prisão: Jorge da Rocha Gonçalves, vice-presidente da Federação Nacional Advogados, o advogado do Sindicato dos Aeronautas, João Custódio de Carvalho, advogado do Sindicato dos Bancários; e o criminalista João

Carlos Lisboa Reis, parente de um dos funcionários da Bayer.

Segundo informações de um dos únicos diretores do Sindicato dos Químicos que não foi preso, Hélio Wanderley, os policiais chegaram ao piquete, perguntaram quem era do sindicato e levaram os diretores e o presidente para dentro de ônibus de choque. Os grevistas da Bayer enviaram telex ao Governador Moreira Franco, ao Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya e ao Comandante Geral da PM, Manoel Elcio dos Santos, explicando a situação atual do movimento. Eles pensam em entrar na Justiça contra a indústria que, desde a zero hora de sexta-feira mantém 51 funcionários em suas dependências impedidos de sair.

ANEXO 8: CARTA DA DIREÇÃO DA BAYER ENDEREÇADA A SEUS OPERÁRIOS

Bayer 

14.06.89

Prezado (a) Colaborador (a)

Há mais de uma semana estamos vivendo uma situação de greve, que é indesejável e delicada, sem data para terminar, por ter sido decretada por tempo indeterminado.

Uma greve implica em grandes prejuízos para a empresa e consequentemente para seus colaboradores.

A greve nunca foi e nunca será, o melhor caminho para alcançar-se um objetivo.

A Bayer tem uma longa tradição de negociações e entendimentos, que proporcionaram grandes avanços e melhorias para seus colaboradores.

Certamente não é através da força, pressão ou coação, que as dificuldades do dia-a-dia poderão ser superadas.

A Bayer tem absoluta consciência de que tem evoluído significativamente no campo salarial. Raras empresas têm acompanhado esta política, que resultou só nos últimos 4 meses, em aumentos da ordem de 77%, sem considerar aumentos individuais ou de mérito, realizados em abril 89. Isto representa, na prática, que a diferença entre a inflação e os aumentos concedidos desde setembro/88, é hoje de apenas 9,35%, e não de 88,51%, como tem sido incorretamente divulgado.

Apesar disso, e visando criar condições de superar o impasse surgido, a Bayer, sem qualquer tipo de radicalização, foi mais além, garantindo a reposição integral das inflações dos meses de junho e julho.

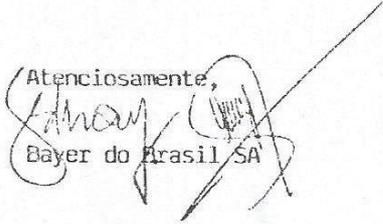
A greve, em sendo julgada ilegal, trará, entre outras implicações, o não pagamento dos dias parados, com sérios prejuízos para o orçamento de cada colaborador. Por isso, é de fundamental importância que cada um reflita sobre a gravidade dos acontecimentos, com bastante serenidade e tranquilidade e tome, conscientemente, junto com sua família, a decisão que julgar mais adequada.

Pela importância do momento, esta decisão deve ser tomada livre de qualquer pressão, medo ou coação.

Ninguém pode ou tem o direito de tomar esta decisão por você!

Caso a sua decisão seja a de retorno ao trabalho, a Bayer estará esperando por você de portas abertas.

Atenciosamente,


Bayer do Brasil SA

113-04 0041

ANEXO 9: PANFLETO SOBRE A LUTA



SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS
DE NOVA IGUAÇU - RJ
SINDICATO É PRA LUTAR!

NÓS TRABALHADORES DA BAYER, JUNTO COM OS COMPANHEIROS DAS EMPREITEIRAS (PARARAM EM SOLIDARIEDADE) ESTAMOS EM GREVE REIVINDICANDO A REPOSIÇÃO SALARIAL, UMA PERDA IMPOSTA POR ESSE GOVERNO REPRESENTANTE DA CLASSE PATRONAL E MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO. NOSSA GREVE TEVE INÍCIO DIA 07/06 (ZERO HORA DE 4ª FEIRA).

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO A QUE SOMOS SUBMETIDOS NÃO SE COMPARAM AS CONDIÇÕES DA BAYER DA ALEMANHA. BASTA MENCIONARMOS QUE LÁ EXISTEM COMISSÕES DE TRABALHADORES QUE TEM O PODER DE INTERVIR. JUNTO A EMPRESA, OU SEJA, ESSAS COMISSÕES NÃO PERMITEM QUE O PATRÃO DECIDA NADA SEM A APROVAÇÃO DAS COMISSÕES. É CLARO QUE OS PATRÕES NÃO DERAM ESTE DIREITO POR CARIDADE. ISTO FOI UMA CONQUISTA DO TRABALHADOR ALEMÃO DEPOIS DE MUITA LUTA, POIS TAMBÉM SÃO EXPLORADOS. AQUI, OS TRABALHADORES DE TURNO POR EXEMPLO, SOFREM UMA ENORME CARGA DE TRABALHO E RESPONSABILIDADE EM SUAS FUNÇÕES, SEM RECEBEREM SALÁRIOS COMPATÍVEIS PARA ISSO.

SOMOS COMO OUTROS TANTOS TRABALHADORES BRASILEIROS QUE VEM LUTANDO PARA ACABAR COM A EXPLORAÇÃO. SÃO OS METALÚRGICOS, FERROVIÁRIOS, RODOVIÁRIOS, ETC..., TODOS DISPOSTOS A AVANÇAR EM SUAS LUTAS. TODO PODER AO TRABALHADOR, SÓ ASSIM ACABAREMOS COM A OPRESSÃO DA CLASSE PATRONAL, E CONSTRUIREMOS UMA SOCIEDADE JUSTA.

OS PATRÕES FALAM QUE AS GREVES SÃO BADERNA. TENTAM JOGAR A POPULAÇÃO CONTRA OS COMPANHEIROS QUE ESTÃO EM GREVE, MAS A GREVE É NOSSA ARMA. SÃO OS PATRÕES QUE AS PROVOCAM. ESTAMOS LUTANDO PELOS NOSSOS DIREITOS. NÓS É QUE PRODUZIMOS A RIQUEZA E SÓ NOS DÃO MIGALHAS. JÁ PERDEMOS TUDO, SÓ NÃO PERDEMOS O MEDO.

ESTAMOS PROPONDO QUE VOCÊ, QUE NO DIA A DIA TAMBÉM SOFRE A EXPLORAÇÃO, ABRACE ESSA LUTA, ESTEJA SOLIDÁRIO E ESCLARECIDO QUANTO AOS MOTIVOS DESSE MOVIMENTO, E PRONTO A QUALQUER HORA, A DESFAZER A TRAMÓIA QUE FATALMENTE OS PATRÕES TENTARÃO FAZER, PARA ILUDIR A POPULAÇÃO DE NOVA IGUAÇU.

CONTAMOS COM VOCÊ. O POVO MOSTRA NA SUA SOLIDARIEDADE SEU ESPÍRITO DE LUTA E SUA ESPERANÇA DE QUE ESTE PAÍS UM DIA SERÁ JUSTO E DOS BRASILEIROS.

- TODO PODER AOS TRABALHADORES -

COMPANHEIRO, CUIDE-SE,
SENÃO VEJA QUEM
VEM LHE PEGAR.



ANEXO 10: A VOLTA AO TRABALHO

JORNAL DE HOJE

NOVA IGUAÇU - QUINTA-FEIRA - 22-06-89



A Bayer volta a funcionar após 14 dias em greve

Bayer volta à normalidade após 14 dias de paralisação

Depois de ficar 14 dias com a sua produção paralisada, o complexo industrial da Bayer, em Belford Roxo, voltou a plena atividade com a decisão dos funcionários em suspender a greve. A decisão foi tomada em assembléia realizada ontem, por volta das 7:30 horas, no pátio da companhia, onde cerca de 700 funcionários estiveram presentes.

Participaram ainda da assembléia os três membros do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas de Nova Iguaçu - entre os quais o presidente da entidade, Djalma Lima Araújo - que havia sido liberados no dia anterior da Poli-

cia Federal, depois de pagarem fiança de 1 centavo.

A volta ao serviço foi decidida, segundo o tesoureiro do sindicato, Edson Luís de Barros, devido a pressão que a empresa vinha exercendo sobre a categoria. "Desde segunda-feira a empresa passou a buscar de táxi muitos funcionários em casa, o que estava minando o movimento. Por isso, decidimos retornar ao trabalho e aguardar a abertura de negociações", assinalou o sindicalista, que não considera ter falhado o movimento.

"Nosso maior ganho foi o político. Conseguimos paralisar uma fábrica que não entrava em

greve desde 1964. Além disso, vamos continuar lutando pelos 37,44% de reposição salarial", afirmou Barros, explicando a seguir que a Bayer só reconhece 9,35% de perdas salariais e, a princípio, só aceita discutir esse percentual no dissídio da categoria marcado para setembro.

Durante a greve, a Bayer amargou em vendas de produtos prejuízo diário de 1,25 milhões de dólares. A greve também chegou a afetar as exportações da empresa, que deixou de faturar nos dez primeiros dias do movimento cerca de 1 milhão de dólares. Entretanto, a companhia espera recuperar parcialmente os prejuízos com a retomada da produção.

ANEXO 11: PANELETO PARE E PENSE

SINDICATO QUÍMICA

Impresso
oficial do
Sindicato dos
Químicos de
Nova Iguaçu
tel.: 767 8660

Julho/89

PARE E PENSE

Você sabe por que a Bayer está processando os diretores do Sindicato, cancelando seus vencimentos e tentando inviabilizar economicamente o Sindicato?

Você imaginava que a Bayer agiria com tanta intransigência em relação às perdas salariais?

Você acha justo que colegas de trabalho sejam demitidos por terem participado de uma greve por reposição do poder de compra de seus salários?

Você acha racional a forma de agir da direção da Bayer ao coagir os trabalhadores a se desligarem do Sindicato?

É preciso parar para analisar as verdades do nosso movimento. A greve pegou a Bayer de surpresa, deixando-a apavorada com a força do movimento. Eles não esperavam tanto questionamento em relação à atual diretoria que nada fez em benefício do trabalhador (pelo contrário), desmistificando a idéia de que a Bayer é uma boa empresa.

Não se deixe levar por pressões, ajude a convencer

os outros companheiros que ainda estão temerosos de alguma represália, da Bayer. Somente se continuarmos organizados e firmes na luta poderemos impedir que a empresa estrassalhe a categoria.

Não vamos abandonar a luta e simplesmente culpar nossos companheiros; vamos continuar lutando para mudar esse sistema que nos é imposto pelo capitalismo selvagem da Bayer e de todo o capital nacional e internacional.

